UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE SAÚDE PÚBLICA

**Novos Coletivos de Resistência em produção: O que pode
um Corpo Político-Poético?**

Ana Lúcia Santos da Silva

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública (PPGSP), da Faculdade de Saúde Pública (Universidade de São Paulo-USP), como parte dos requisitos para a obtenção do título de doutorado.

Área de concentração: Política, Gestão e Saúde.

Orientadora: Profa. Dra. Laura Camargo Macruz Feuerwerker.

São Paulo

2020

Novos Coletivos de Resistência em produção: O que pode um Corpo Político-Poético?

Ana Lúcia Santos da Silva

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública (PPGSP), da Faculdade de Saúde Pública (Universidade de São Paulo-USP), como parte dos requisitos para a obtenção do título de doutorado.

Área de concentração: Política, Gestão e Saúde.

Orientadora: Prof^a. Dra. Laura Camargo Macruz Feuerwerker.

Versão Revisada

São Paulo

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação

Ficha elaborada pelo Sistema de Geração Automática a partir de dados fornecidos pelo(a) autor(a)
Bibliotecária da FSP/USP: Maria do Carmo Alvarez - CRB-8/4359

da Silva, Ana Lúcia Santos

Novos Coletivos de Resistência em Produção: O que pode um Corpo Político-Poético? / Ana Lúcia Santos da Silva; orientadora Laura Camargo Macruz Feuerwerker. -- São Paulo, 2020.

175 p.

Tese (Doutorado) -- Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 2020.

1. Slam Dandaras do Norte. 2. Experimentação Cartográfica. 3. Corpo Político-Poético. 4. Cartografia Poética. 5. Resistência. I. Feuerwerker, Laura Camargo Macruz, orient. II. Título.

DA SILVA, A. L. S. **Novos Coletivos de Resistência em produção: O que pode um Corpo Político-Poético?** 2020. Tese – Faculdade de Saúde Pública da USP, São Paulo, 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª Laura C. Macruz Feuerwerker. (USP)
(Orientadora)

Prof^ª. Dr^ª. Maria de Fátima Lima
(Membro Titular)

Prof^ª. Dr^ª. Lumena Almeida Castro
(Membro Titular)

Prof. Dr. Emerson Elias Merhy
(Membro Titular)

Prof^ª. Dr^ª. Clarissa T. Seixas
(Membro Suplente)

Prof^ª. Dr^ª. Marília Cristina Prado Louvison
(Membro Suplente)

Data da defesa: 17 de agosto de 2020

Às minhas irmãs e irmãos, que são os que eu tenho de existência de pai e mãe. Assim, à “Dona Maria” e “Seu Emílio”! (*in memoriam*).

Agradecimentos

Foram muitos os lutos, foram muitas as lutas que tive que travar para concretizar este estudo tese, esta tese-batalha. Desde o processo de seleção até os acontecimentos sociais, econômicos, políticos e afetivos do presente, que não dão trégua, que a todo tempo nos convocavam, nos desafiavam, e me instigam a ser mais que um corpo que pensa, que teoriza, racionaliza, chora e ri. Desde o começo, tudo me comunicava que dava para dar um passo a mais, *a diante*! Seguir, lutar e afirmar a vida.

Foram muitas as idas e vindas entre Belém e São Paulo, passando pelo Rio de Janeiro e Fortaleza, esta última cidade onde realizei o exame de proficiência para apresentar, à UFRJ, uma segunda tentativa de ingresso no doutorado e, em seguida na FSP/USP, onde fui selecionada e acolhida por quem tanto lutou e continua lutando por um ensino público, gratuito e de qualidade, aos que acreditam que a educação é um bem público. Acolhida também pelos docentes que acreditaram e apostaram no meu projeto de pesquisa desde a banca de seleção e, posteriormente, no desdobrar e desenvolver dele. Esses deslocamentos, geográficos, metodológicos e afetivos, só foram possíveis por conta desses caminhos abertos e à concessão de bolsa de pesquisa.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

À CAPES, meu muito obrigada pelo incentivo ao exercício de pensar e produzir conhecimento, com afeto e com afínco.

Aos aliados da cidade de São Paulo, amigos, minha irmã e sobrinhos, aos trabalhadores e trabalhadoras da FSP/USP, bibliotecários, docentes e secretaria do Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública (PPG-SP), só tenho a agradecer!

Ao Coletivo Micropolítica do Trabalho e Cuidado em Saúde da FSP/USP, pela resistência na produção dos encontros, na militância cotidiana, na defesa de um modelo de saúde radicalmente público, universal e de qualidade. Amigos, aliados, conhecidos, trabalhadores e trabalharas que fazem e defendem o SUS.

À força das matas Amazônicas que compõe o meu corpo. Tenho pra mim que ele é feito de Tambatajá, manjerição, mirra, pripioca, patchouli, pau d'arco, pau rosa; e de água, muita água. Muito mais do que diz a ciência. Meu corpo tem a sutil capacidade de ser maré alta e maré baixa, e desaguar em lágrimas para depois se encher de existência, resistência, e em seguida florescer, flores ser... É mar, rio, igarapé, olho d'água.

Eu olho por meio das águas, elas me atravessam e faço versos dessa travessia. Nessa escrita, eu verso sobre essas travessias e as pessoas que me atravessaram nas idas e vindas de São Paulo à Belém do Pará; das peles do meu corpo que trocavam, que trocam, se refazem, se recriam, reinventam, renascem, e não cedem às paixões tristes. Que se alegra em saber que sempre valerá a pena empreender naquilo que se acredita, na partilha do sensível, na gaia vida, na arte dos encontros, no corpo arteiro, na política da amizade e na arte de se produzir como obra de arte.

À dra poesia, que nasceu palhaça e tornou-se poeta.

Era preciso nascer outra...

À “dona Maria”, minha mãe, empregada doméstica e comerciante que fazia operações matemáticas refinadas, sem nunca ter ido à escola, e ao “seu Emílio”, meu pai, carpinteiro e poeta (*in memoriam*). Personagens reais da minha vida e que durante esses quatro anos, particularmente, revisei-os, para me conectar com as minhas histórias e beber na fonte da força e sabedoria deles. Fiz mergulhos profundos e versos para o mundo ao acessar minhas raízes-matrizes.

Às luas que sempre me olhavam. E eu sempre as olhava, estivesse em casa ou na rua. E quando elas me mundiavam, me encantavam, eu fazia desse encanto, canto. Canto!

Obrigada à Vitor Ramil, por embalar a finalização dessa tese-batalha com suas canções num dos momentos mais solitários do processo de finalização, reflexão, despedida dos alfarrábios e retalhos que compôs essa escrita-rizoma, essas cartografias poéticas. Saiba que você esteve muito presente quando entrei em trabalho de parto, quando eu mais precisei sair de cena, quando eu precisei sumir; você andou comigo pelo planeta, ombro no ombro, suas canções me acalentaram. Me acalentavam quando eu retornava das batalhas com os olhos cheios de esperança por dias mais justos e poéticos.

Obrigada Laura pela tua existência! És uma mana de responsa e uma mestra-diamante! Obrigada pela pedagogia da autonomia, por acompanhar as minhas experimentações. És muito importante para a Universidade Pública e para a militância político-poética!

Obrigada a Auri Ferreira, por trazer em si a Carolina Maria de Jesus, tão viva. Viva!

Obrigada Gui, por respeitar o nosso afastamento! Obrigada pela caminhada! *O verdadeiro amor é vão...*

Obrigada à banca de defesa por me ouvir, pelo aceite em compor a banca e interesse em dialogar com esta produção. Mestres, aliados, manas, militantes e docentes comprometidos com a produção da vida em primeiro lugar.

Emerson, Fátima, Lumena, Clarissa e Marília, meu muito obrigada!

À Priscila Duque, que sempre ativa a força dos tambores amazônicos em nós, com sua existência-resistência-persistência e beleza Cobra Naja, como ela se reconhece também. Mana, o teu canto ecoa nos rolês que seguem!

À Lilia Melo, que me apresentou a TF por dentro, o bairro da Terra Firme, que se confunde com a sua existência. Mana, tu és firme!

Obrigada ao *Slam* Dandaras do Norte que foi o meu norte, que me reconectou com o Norte, com minhas memórias, e que se espalhou em mim para além Norte.

Shaira Mana Josy,

Seguimos mana! Nunca foi fácil, mas sempre seguiremos! Obrigada por me reconhecer em você! Nossas teias foi Anance quem providenciou, não tenho dúvida.

Obrigada às Dandaras do Norte, que são muitas, majoritariamente negras, com trajetórias diversas, trajetórias que anunciam dor, força e afeto. Até mesmo as que nem sempre colam no *Slam* com regularidade, ou que nem estão no *Slam* diretamente, mas habitam o Norte, e que foram também o meu norte. Que estão dispostas a não mais calar, que estão nas batalhas cotidianas!

Obrigada às encantarias Amazônicas, que nem sempre eram visualizadas a “olhos vestidos”, e que me presenteavam com a sua aparição/existência, pássaros, noites, folhas, aranhas, aranhas tecelãs, vivas! Não vão não! A pesquisa finda, mas saibam que eu as quero sempre por perto.

No mais, obrigada *aos poetas loucos de cara!*

A poesia não pertence a quem escreve, mas aos que dela precisam.

Antônio Skármeta

RESUMO:

Novos Coletivos de Resistência em produção: O que pode um Corpo Político-Poético?

Os movimentos de ocupações nas escolas, universidades e espaços públicos, que eclodiram intensamente em todo o Brasil nos anos de 2016 e 2017, chamaram a atenção pela força dessas manifestações e ações coletivas. Os movimentos das ocupações secundaristas em toda a sua heterogeneidade anunciavam um jeito outro de resistir e se fazer ouvir. Entre outros disparadores de reflexão, destacou-se uma livre expressão de um corpo que comunicava ações político poéticas como produtoras de vidas e sinalizavam para os demais movimentos e manifestações que pediam olhares atentos e análises cuidadosas dos novos coletivos de resistência da contemporaneidade. Este estudo aponta para a necessidade de pensar a dimensão ativa das vidas destes coletivos/sujeitos, nas suas práticas políticas, poéticas, estéticas, culturais e afetivas, interrogando-os sobre o que pode um corpo político-poético na atualidade. Trata-se de uma pesquisa com análises micropolítica e esquizoanalítica dos encontros-acontecimentos produzidos na composição cartográfica das manifestações dos grupos de poetas da periferia da cidade de Belém/PA, em particular do coletivo *Slam Dandaras do Norte*. O estudo parte do encontro entre a pesquisadora e poeta da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo e as produções das mulheres, manas, poetas, pretas e moradoras das periferias da cidade de Belém que protagonizam batalhas de *Slam*. Anuncia os recolhimentos de campo, as transmutações produzidas no processo de experimentação cartográfica. Apresenta e se apresenta nos encontros com os coletivos de resistência na atualidade em toda as suas especificidades, potencialidades, fragilidades e disputas. Assim, é uma batalha, é uma partilha e uma saúde. É uma tese-batalha! Os coletivos políticos-poéticos que protagonizam batalhas de *Slam* e encontros de Saraus poéticos na cidade, têm crescido cada vez mais, e produzido intervenções poéticas, manifestos, encontros-batalhas de poesia e atos que potencializam suas existências, demandas políticas e produção de si.

Palavras-chave: *Slam Dandaras do Norte*; Experimentação Cartográfica; Corpo Político Poético; Cartografia Poética; Resistência.

ABSTRACT

New Resistance Collectives in Production: What Can a Poetic-Political Body?

The occupy movements in schools, universities and public spaces, that erupted intensely throughout Brazil from 2016 to 2017, are unique markers that drew attention to the strength of these manifestations and collective actions. Which at first pointed to a free expression of a poetic body politic. They constituted one of the triggers to launch a careful look and a careful analysis to the new resistance collectives today. And so, take a look and problematize these movements and manifestations that have been configured as fertile ground for micropolitical analysis. Thus, this study points to the need to think about the active dimension of life of these collectives/subjects, in their political, aesthetic, cultural and affective practices, asking them what can a poetic body politic today. This is a research with micropolitical and schizoanalytical analysis of daily life, using a cartographic approach of the actions and interventions of groups of poets from the outskirts of Belém/PA, in particular from the collective Slam Dandaras do Norte. The study is based on the meeting between the researcher and poet of the Faculty of Public Health of the University of São Paulo and the productions of women, sisters, poets, blacks and residents of the outskirts of Belém who star in Slam battles. It announces the field recollections, the transmutations produced in the process of cartographic experimentation. It presents and presents itself in the meetings with resistance collectives today in all its specificities, potentialities, weaknesses and disputes. So, it is a battle, it is a sharing and a health. It's a battle thesis! The poetic political collectives that play Slam battles and poetic Saraus encounters in the city have grown increasingly and produced poetic interventions, manifestos, poetry battle encounters, and acts that enhance their existence, political demands, and self-production.

Keywords: Northern Dandaras Slam; Cartographic Experimentation; Poetic Political Body; Poetic cartography; Resistance.

Sumário

INTRODUÇÃO	17
Tecendo o corpo de uma tese-batalha...: <i>Tudo que eu não invento é falso!</i>	17
Rolê I: O encontro com os coletivos de resistência em Belém-PA	27
Meu rolê vem de longe!	27
Escuta poética: me conte o seu conto!	28
Escuta cabana: me conte o seu levante!	28
Vá à feira, lá é firme	33
A Cidade de Belém e suas conexões... ..	35
Entre achados e perdidos, um campo político poético foi sendo produzido... ..	39
Corpos-Batalhas	40
Rolê II: Devir esquizo e a produção da pesquisadora rolezeira: o meu rolê é político!	
.....	42
Memórias.....	44
Memórias.....	49
Meu rolê é político!	50
Mesmo o corpo parado, dança! E desobedece.....	52
O que eu estou chamando de devir esquizo?	53
A tessitura, a rua, nua, crua. Devir aranha.....	54
Anance em mim.....	55
Rolê III: O encontro com o <i>Slam</i> Dandaras do Norte.....	59
Avante mulher!	60
Luz de lamparina	67
Chega aí BorBlue!	69
A errante e o encontro com as Dandaras do Norte: devir cartógrafa em produção.....	78
Devir Cartógrafa.....	79
A produção de corpos políticos e poéticos em rede e na rede: uma experimentação.....	82
“Querido diário!”	84
Às Dandaras do Norte	85
Dandara dos Palmares	86
Rolê IV: Conexão Belém-São Paulo e a produção de uma tese-batalha	95
Oração do Poeta	96
<i>Essa vida é uma viagem, pena que estamos só de passagem!</i>	97
<i>Ah, divina Anance!</i> Com suas teias, suas conexões... ..	100

Rolê V: A força do rizoma: um método em produção com os corpos políticos poéticos, e periféricos	108
Por Uma Vida poética	108
Memória.....	111
FotoGrafias... ..	114
Vi Ana.....	115
Escrever como um ato de saúde	118
FotoGrafias... ..	123
Rolê VI: Escrever como um ato de resistência: uma tese-batalha.....	130
Devir poeta... ..	130
EscreVer... I	132
EscreVer... II	133
Poema de (Clara)ção	133
De mãe	134
Escrever como um encontro consigo... Escrever como um encontro, consigo!	135
FotoGrafias... ..	139
Telírica	146
EscreVer... III.....	147
Ah, a escrita... ..	147
ConsiderAções poéticas... ..	149
Poetizar é urgente!	149
Por que o artigo V? Como cheguei até ele?	152
Das memórias.....	156
Mural Poético	159
Referências bibliográficas.....	170

Lista de abreviaturas:

PA: Pará

RJ: Rio de Janeiro

SP: São Paulo

RMB: Região Metropolitana de Belém

TF: Terra Firme

QR: Quilombo da República

ZAP: Zona Autônoma da Palavra

USP: Universidade de São Paulo

Lista de figuras/imagens:

- 01 – Sobrecapa do livro Memórias da Plantação
- 02 - Lateral do Teatro da Paz - PA
- 03 - Mesa de estudo: devir aranha...
- 04 - FotoGrafia I
- 05 - FotoGrafia II
- 06 - Exposição “Desobediências poéticas” - SP
- 07 - Domingo, em casa...
- 08 - Casa, café e redes...
- 09 - Poeta Liz
- 10 - Festival M.A.N.A - Poeta BorBlue
- 11 - Escuta poÉtica: me conte o seu conto
- 11.1 - Escuta poÉtica: me conte o seu conto
- 11. 2 - Escuta poÉtica: me conte o seu conto
- 12 - *Slam* Dandaras do Norte
- 12.1 - *Slam* Dandaras do Norte
- 13 - Rua
- 14 - Padaria
- 15 - Feira Pan-Amazônica do Livro - Belém/PA
- 16 - Biblioteca da Universidade da Amazônia (UNAMA)
- 17 - Oficina corpo poética - Rede Unida
- 18 - O abraço
- 19 - “Essa vida é uma Viagem!”
- 20 - Poetas Ambulantes e Dandaras do Norte
- 21 - Metrô SP
- 22 - Sarau Nascente
- 23 - *Slam* Resistência
- 23.1 - *Slam* Resistência
- 23.2 - *Slam* Resistência

23.3 - *Slam* Resistência

24 - Biblioteca Arthur Vianna – PA

24.1 - Biblioteca Arthur Vianna – PA

24.2 - Biblioteca Arthur Vianna – PA

25 - Padaria

26 - Nossa Biblioteca

27 - Irmandade: Zélia Amador de Deus e Conceição Evaristo

27.1 - Irmandade: *Slam* Dandaras do Norte

28 - *Slam* Dandaras do Norte - Performance “Cume”

28.1 - *Slam* Dandaras do Norte - Performance “Cume”

28.2 - *Slam* Dandara do Norte

28.3 - *Slam* Dandara do Norte

28.4 - *Slam* Dandara do Norte

29 - Mural Universidad de La Havana

30 - 1º de maio

31 - “Diretório” - *Habana Vieja* - Cuba

32 - Convocação - Universidad de La Havana

33 - Cuba Livre - Universidad de La Havana - CUBA

34 - O carteiro, o poeta e o isolamento...

35 - A partilha...

36 - Oração do poeta. Há braços...

37 – Poeta – Sérgio Vaz

38 - Poética

39 - Poeta Liz

40 - Poetizar é urgente!

41 - Poeta BorBlue - Vozes da Amazônia

42 - Círculo das manas: Escuta político-poética

42.1 - Círculo das manas: Escuta político-poética

43 - O Pacto

44 - O Pacto de não morrer

45 - Escuta político-poética e o pacto de não morrer...

INTRODUÇÃO

Tecendo o corpo de uma tese-batalha...: *Tudo que eu não invento é falso!*¹

Esta obra é feita de fragmentos, remendos, retalhos, memórias, anDaças, errâncias, bricolagens, encontros, desencontros, reencontros, existências, resistências, encontros-conversações.

Encontro, conversações...

A princípio eu ia nomear os capítulos deste estudo de platôs, por experimentar no corpo, enquanto escrevia, via, e me produzia; nas ruas, espaços e lugares por onde andrilhei; uma espécie de alquimia, bruxaria, feitiçaria, magia mesmo. Foi quando Deleuze & Guattari, sopraram na minha orelha, da orelha do Mil Platôs 3, que: “um platô não é nada além disso: um encontro entre devires, um entrecruzamento de linhas, de fluxos, ou uma *percolação* – fluxos que, ao se encontrarem, modificam seu movimento e sua estrutura”. (DELEUZE; GUATTARI, 2012). Embora a ideia de chamá-lo de platô me parecesse interessante estética e intelectualmente, e fizesse muito sentido com o percurso vivido e vivo, resolvi mudar, criar outro sumário de apresentação dos capítulos, outros rolês. Assim, e após a publicação de um artigo na Revista Psicologia Política,² sobre o ato de escrever como resistência, em que criamos o conceito de pesquisadora rolezeira, considereei ser mais honesto com o percurso cartográfico realizado, nomeá-los de rolê.

E começou bem antes de virar projeto de pesquisa. Penso que começou como projeto de vida ativa e altiva. Penso que indagar o que pode um corpo político-poético guarda em si um desejo de afirmação da vida, tendo em vista a potência do corpo, mesmo um corpo imóvel, mesmo o corpo-carrapato, “parado”. Seria uma hipótese, pensando pelo viés da “ciência clássica”? Ou o corpo de quem escreve, experimenta e tece uma tese está tomado pela potência de ser afetada e por uma ética espinosista ou espinosiana? Esse me pareceu um bom rolê!

¹ - Um convite à experimentação: “Tudo que eu não invento é falso”. Manoel de Barros

² Revista Psicologia Política: Ocupações, Protestos e as Dinâmicas Políticas atuais. https://www.academia.edu/40316337/Revista_psicologia_pol%C3%ADtica_Ocupa%C3%A7%C3%B5es_Protestos_e_as_Din%C3%A2micas_Pol%C3%ADticas_Atuais. Acesso em: 30-08-2019.

². <https://portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/10597-paes-loureiro-e-zelia-amador-dividem-experiencias-no-1-encontro-literario-da-feira-panamazonica-do-livro-2019>. Acesso em: 28-09-2019.

Spinoza não faz moral, por uma razão muito simples: ele nunca se pergunta o que nós devemos, ele se pergunta todo o tempo do que nós somos capazes, o que está em nossa potência; a ética é um problema de potência, e jamais um problema de dever. Nesse sentido Spinoza é profundamente imoral. O problema moral, o bem e o mal; Spinoza tem uma natureza alegre porque não compreende o que isto quer dizer. O que ele compreende são os bons encontros, os maus encontros, os aumentos e as diminuições de potência. Ele faz uma ética e de maneira nenhuma uma moral. Por isto é que ele marcou tanto Nietzsche. (DELEUZE, 2009, p. 49).

Como uma aprendiz de tecelã e tendo o *Curso Sobre Spinoza*, de Deleuze (2009) no corpo-valise, cuja capa é uma aranha preta estampada; circulei nos coletivos políticos-poéticos da cidade de Belém até fazer um pouso-movimento no coletivo *Slam Dandaras do Norte*, onde me demorei um pouco mais e onde pude iniciar a tessitura desta tese-batalha, que diz delas e de mim, do meu devir aranha e da arte de *Escrever como um ato de resistência: uma escrita rizoma*.³

É necessário dizer que as Dandaras foram uma potente interferência em mim, muito mais do que um campo de estudo/objeto de estudo. Então o que apresento é o que se produziu em mim a partir dos encontros, e é uma escrita em primeira pessoa, sem ser um reflexo narcisista, pois esse espelho não reflete a memória e a história do coletivo, como bem enfatizou Conceição Evaristo em uma Roda de Conversa na Arena Multi Vozes da 23ª Feira Pan-Amazônica do Livro, ocorrida em setembro de 2019 (Belém-PA).

Uma das homenageadas desta feira foi a professora Zélia Amador, que não dispensa apresentação: professora doutora da Universidade Federal do Pará desde 1978, dentre as disciplinas ministradas estão História da Arte, História e Teoria do Teatro e Estética. Atriz e diretora de teatro, além de pesquisadora e referência no ativismo do Movimento Negro, cofundadora do Centro de Estudos e Defesa do Negro no Pará (CEDENPA). Em 2001, integrou a comissão brasileira na 3ª Conferência contra o racismo da Organização das Nações Unidas (ONU), na África do Sul. Na UFPA, foi vice-reitora, cofundadora do Grupo de Estudos Afro-Amazônicos e Coordenadora da Assessoria da Diversidade e Inclusão⁴. Zélia Amador de Deus é uma força importantíssima na criação e implantação do sistema de cotas para negros e negras nas universidades, e é referência na defesa dos direitos dos

³. Revista Psicologia Política: Ocupações, Protestos e as Dinâmicas Políticas atuais. https://www.academia.edu/40316337/Revista_psicologia_pol%C3%ADtica_Ocupa%C3%A7%C3%B5es_Protestos_e_as_Din%C3%A2micas_Pol%C3%ADticas_Atuais. Acesso em: 30-08-2019.

⁴. <https://portal.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias2/10597-paes-loureiro-e-zelia-amador-dividem-experiencias-no-1-encontro-literario-da-feira-panamazonica-do-livro-2019>. Acesso em: 28-09-2019.

mesmos na região Norte, além de inspirar e instigar as novas gerações a levantarem a cabeça e romper com as práticas de racismos cotidianos. Autora de *Anance Tecendo Teias na Diáspora: uma narrativa de resistência das herdeiras e dos herdeiros de Anance* (2019).

Assim, essa narrativa está encharcada de tantas outras pessoas, encontros, objetos-coisas. Amizades, conflitos, disputas, alegrias, tristezas, descobertas, memórias, aprendizados, batalhas, resistências, devires...

Memórias...

Nós tínhamos que fazer os registros dos comportamentos, movimentos, e por que não das aflições(?) do ratinho, sempre na terceira pessoa do plural ao relatar o nosso processo de aprendizagem e condicionamento dos ratinhos. Falávamos sempre “eles”, “os estudiosos”, “os pesquisadores! Os pesquisaDores...

Aquele modo de falar, pesquisar e escrever na semelhança e não na diferença, sempre me incomodava e, por vezes, provocava-me risos, tamanha era a estranheza e o desconforto que eu sentia ao me reportar a mim mesma e à minha dupla de laboratório, como um outro, uma outra, um distante, um neutro, ou o portador do conhecimento, do condicionamento, e do que estávamos pondo em prática. Ou seja, os aprendizados sobre os conceitos de estímulo-resposta, condicionamento operante, condicionamento respondente, extinção e outros conceitos-repetição. Eu quase sempre procurava um jeito de “boicotar” não só o experimento, como a escrita do relatório “deles”, “dos estudiosos”. Eu perguntava para minha parceira de experimento: os estudiosos somos nós duas? No que ela respondia: Sim, isso mesmo! Vamos! E sorria. Eu só ria!

Assim, o meu desejo de experimentação e não de experimento, e de falar em meu nome, em nosso nome, era grande! Queria poder inventar um outro modo de dizer do que acontecera naquele Laboratório de Psicologia Experimental da Universidade Federal do Pará, das andanças do ratinho e do quanto aquele “passo a passo” do que fora descoberto outrora tinha produzido em nós, em mim, e no ratinho; não recordo agora o seu nome de batismo do rato de laboratório. O nome que “os estudiosos”, no caso, nós duas, demos ao *mouse*. Era uma verdadeira batalha no momento em que tínhamos que tirar o bichano da gaiola e colocá-lo na caixa-repetição, observá-lo e registrar suas andanças e peraltices.

O ano era o de 1993 e ela, “a estudiosa”, juntamente com sua parceira de experimento, iam toda semana para o laboratório de Psicologia testar e comprovar o que haviam aprendido nas aulas de Fundamentos Metodológicos da Pesquisa em Análise Experimental do Comportamento.

Sua expectativa ao entrar e ocupar uma das vagas de estudante de Psicologia na maior Universidade do Norte do país, sendo ela oriunda de uma família extensa e sem registro anterior de que seus membros tivessem ocupando tal espaço; era grande, e guardava muitas curiosidades e desafios. Sua expectativa nem de longe era a de experimentar exercícios-repetição de observação e registros de ratinhos de laboratório, em um ambiente que pouco lhe acolhia, e que não se reconhecia mesmo.

Antes de ocupar aquela vaga, à época tão elitista, ela já experimentara tantas privações, extinções, provocações, que em um primeiro momento até pensara que fosse mais uma provocação da vida, mas como sabia que não estava ali tão somente por mérito pessoal, e sim por desobediência mesmo, persistência, resistência e por acreditar que ali era o seu lugar também, ela se negava a aceitar que aquele universo não lhe pertencesse e que a universidade fosse lugar para poucos, para poucas. No fundo, talvez, estivesse resistindo sem se dar conta daquele sutil apagamento, à época.

Essa realidade ainda persiste nos dias atuais, não só no campo da Ciência Psicológica, marcada nessa narrativa, mas também no campo da literatura, como apontam as autoras Luz; Miranda; Silva (2019), que discutem as relações de poder presentes na literatura e o quanto esta pode servi tanto para o apagamento de suas vidas e produções, como de instrumento de luta, visibilidade e até cura para muitas mulheres negras, e em especial para as mulheres negras e lésbicas. “No Brasil, diariamente morrem Luanas e Marielles, não só atravessadas por balas, mas por diversos apagamentos e mortes sociais, incluindo o epistemicídio.” (LUZ; MIRANDA; SILVA, 2019, p. 134).

Para além das memórias da Caixa de Skinner, a candidata a aprendiz de laboratório Experimental do Comportamento, continua produzindo estudos, análises, conhecimentos, experimentações, artigos, cartografias e escutas poéticas; com a diferença que “ela”, agora, se autoriza a não só falar em nome próprio, como escrever, assinar e publicar. Ela, sou eu! Estudiosa, pesquisadora, poeta e tantas outras que *a vida de laboratório*⁵ não permitia que

⁵ Bruno Latour; Steve Woolgar (1997).

aparecessem, se expressassem, existissem, mas que através de outros encontros e acontecimentos, foi possível o pulsar e o reinventar da vida.

Na sua primorosa obra sobre *a produção dos fatos científicos* nos ambientes de laboratórios, Latour; Woolgar (1997) levantam uma questão pertinente e que dialoga com a produção dessa memória, do que acontecera naquele laboratório de Psicologia Experimental, que fala de um corpo inquieto que não sabia, à época, como dar língua ao vivido, ao experimento-repetição. Perguntam eles: *O que afinal motiva os pesquisadores:*

Por que os pesquisadores são levados a operar inscrites, a escrever artigos, a construir objetos e a ocupar diferentes posições? Qual é a razão que leva um pesquisador a passar de um objeto a outro, de um laboratório a outro, o que o faz escolher este método, esta parte dos dados, aquela forma estilística, aquele caminho analógico? Pode-se responder a essa questão postulando que o pesquisador foi marcado, durante a sua formação, por normas que foram sendo silenciosamente impostas ao longo de sua carreira anterior. (LATOUR & WOOLGAR, 1997, p. 207).

É importante destacar as várias formas de silenciamentos e como elas se conectam, que dizem de quem está autorizado a falar, o que falar, quando falar. O mesmo serve para a produção de escritas e publicações. É importante destacar que a forma silenciosa como vão sendo impostas determinadas normas, coextensiva à produção de silenciamentos e adestramentos, e no caso de alguns grupos, até apagamento mesmo, em nome de uma suposta neutralidade científica.

Grada Kilomba (2019), faz uma discussão mais que necessária sobre a urgência de se descolonizar o conhecimento, e também o próprio pensamento. Embora a autora de **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano** não seja quem primeiro pautou essa discussão, foi a primeira autora negra com quem eu tive contato “bem de perto”, e que me apresentou com tanta propriedade, por meio dessa obra e de uma de suas instalações artísticas⁶, essa discussão teórico metodológica e política. Na apresentação de referida obra, ela escreve uma *Carta da autora à edição brasileira*. Então, a captura se deu de cara, de carta!

⁶ Exposição: Desobediências Poéticas. Pinacoteca, São Paulo, 2019.

Lancei este livro há precisamente dez anos, em Berlim, onde vivo ainda hoje. Naquela altura, tive a sorte ou o destino de ganhar uma das bolsas mais honrosas do governo alemão para o meu doutoramento. Isso pouco depois de concluir os meus estudos em Lisboa, onde, ao longo de vários anos, em grande isolamento, fui a única estudante *negra* em todo o departamento de psicologia clínica e psicanálise. [...]. Cheguei a Berlim, onde a história colonial alemã e a ditadura imperial fascista também deixaram marcas inimagináveis. E, no entanto, pareceu-me haver uma pequena diferença: enquanto eu vinha de um lugar de *negação* ou até mesmo de *glorificação* da história colonial, estava agora num outro lugar onde a história provocava *culpa* ou até mesmo *vergonha*. [...]. Essa pequena, mas grande diferença era com certeza a razão pela qual fui encontrar em Berlim uma forte corrente de *intelectuais negras* que haviam transformado radicalmente o pensamento e o vocabulário contemporâneo global, durante várias décadas. Esta era a cidade onde Audre Lorde vivera durante os seus últimos anos; onde Ângela Davis aparecia em público regularmente; e onde May Ayim escrevera seus livros e poemas. [...]. Não posso deixar de escrever um último parágrafo para lembrar que a língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade. No fundo, através das suas terminologias, a língua informa-nos constantemente de quem é *normal* e de quem é que pode representar a *verdadeira condição humana*. (KILOMBA, 2019, p. 11-14).

Eu levei um certo tempo para compreender aquela suposta neutralidade científica, depois mais um tempo para aceitar, e mais algum tempo para nomear o desconforto que experimentara, particularmente no ambiente de laboratório vivido nos primeiros semestres do curso de Psicologia, e que me acompanhou por esses anos, tendo eu que travar verdadeiras batalhas internas diante do desejo falar em meu próprio nome. Assim recebo as reflexões e posicionamentos de Grada Kilomba (2019), que expõem os episódios de racismo cotidiano, como uma xícara de café que acolhe, aquece e ativa as minhas memórias, e as conecta com as suas *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. “Somos capturadas/os em uma ordem violenta colonial. Nesse sentido, a academia não é um espaço neutro nem tampouco simplesmente um espaço de conhecimento e sabedoria, de ciência e erudição, é também um espaço de v-i-o-l-ê-n-c-i-a.”. (KILOMBA, 2019, p.51).

Figura 01: Sobrecapa do livro *Memórias da Plantação* (Acervo pessoal)

Feitas essas “revelações”, o que teremos a seguir são escritas-falas de uma tese-batalha e dos encontros-conversações com os corpos políticos-poéticos na atualidade.

Escritas-falas em primeira pessoa, mas que dizem de tantas outras pessoas, sem falar em nome de, e sim das provocações e afecções causadas em mim, e nos encontros com os militantes da poesia.

É com esses pensadores-militantes, cartógrafos/cartógrafas, filósofos/filósofas da diferença, intelectuais e poetas, como Conceição Evaristo (2016), Carolina Maria de Jesus (2006), Angela Davis (2018), Deleuze; Guattari (2011) Foucault (2008), Grada Kilomba (2019), Jacques Rancière, Zélia Amador de Deus (2019), Nietzsche, Kafka (2002), Silvio Almeida (2019), Adilson Moreira (2019), Carla Akotirene (2019), e tantos outros que compartilham suas produções e narrativas, que se deu a tessitura dessa cartografia e das inquietações, implicações e afecções no encontro com os coletivos que caminhei. Coletivos/sujeitos que circulam, se expressam, se deslocam para os centros urbanos, que se expressam também em seus espaços de reconhecimento, para fazer circular suas falas, e que têm se colocado em posição de combate por meio dos disparos poéticos, utilizando seu corpo e sua voz como máquina de guerra artística, política e poética diante da bio e da necropolítica do presente.

O dispositivo caracteriza-se como um emaranhado de linhas, como nos indica Deleuze; ele nos atravessa, nos arrasta de um extremo ao outro e em diagonal, por isso ele sinaliza que para produzir outros regimes de visibilização é preciso instalarmo-nos sobre as próprias linhas”⁷, percorrê-las, enfrentando suas curvas, lisuras, declives, *fissuras* e *fraturas*. Tencionando os sedentarismos, o *Uno* do qual Deleuze nos fala e assim nos alerta para a necessidade de uma escrita nômade, de uma Nomandologia. Afirmo que “o que falta é uma Nomandologia, ao contrário de uma história” (DELEUZE, 2011, p. 46).

É dessa forma que apresento essa cartoGrafia poÉtica e o percurso cartográfico que experimentei no processo de produção desta tese-batalha e dessa escrita-memória. Assim, escrever essa tese, é escrever sobre mim também, sobre minhas memórias, histórias e literanças em produção com os coletivos, com as manas, com as Dandaras.

Assim, no rolê I apresento o tema da resistência e dos corpos que resistem e que têm o dispositivo político e poético como principal elemento de enfrentamento aos silenciamentos, censuras, injustiças, apagamentos, invisibilidades, que têm a fala, sobretudo, como forma de expressão de si. Neste rolê, trago as inscrições dos primeiros encontros, das primeiras aproximações, inquietações, problematizações e encantamentos. Apresento o encontro com os coletivos de Belém do Pará e o processo de pesquisar com poema nos lábios. A poesia falada atravessa todo o percurso cartográfico desta pesquisa, e não só neste rolê inicial. No esforço em produzir conhecimento, pesquisar e escrever como um ato de resistência. Resistir, mais do que nunca, é necessário!

No rolê II, parto da pergunta que disparou esta tese-batalha, da pergunta espinosiana, problematizadora, qual seja: o que pode um corpo político-poético na atualidade, e seu desdobramento, o que pode o meu corpo político-poÉtico? A construção deste rolê se deu em meio a um passeio esquivo, e à junção dos objetos-memória, da pesquisadora rolezeira. Conceito-invenção que só foi possível porque os encontros possibilitaram as entradas e saídas nas ocupações poéticas. É de um duplo par que se trata: rolê-político e rolê-ocupação, e que estão invariavelmente interligados. Escrever é político, e ocupar também!

No III rolê, estou em casa! Anuncio o encontro com o *Slam* Dandaras do Norte e a força do vivido nas edições que acompanhei e vivenciei, a força e a leveza do que pode os corpos políticos, poéticos e periféricos das mulheres amazônidas, do Norte do Brasil. Das

⁷ <http://escolanomade.org/pensadores-textos-e-videos/deleuze-gilles/o-que-e-um-dispositivo>

guerreiras, rainhas, mulheres de resistência, Dandaras do Norte só Slam de consciência!

Com esse grito de guerra que a batalha começa, um grito que evoca a ancestralidade daquelas que vieram antes, e ativa as que estão colando no bonde no presente.

No IV rolê trago as conexões entre Belém-São Paulo, os saraus, os *slams*, as batalhas, e a poesia nômade, o mergulho dos poetas nos lugares onde se precisa da poesia e a confirmação de que: *uma vez poetas ambulantes e nada será como antes!* Afinal, como afirma a precursora do movimento de *Slam* no Brasil, “a poesia é de domínio público”, - Estrela D’alva.

Uma grande teia foi sendo formada e conectando as vozes do Norte e Sudeste, conectando os corpos e os anseios por uma vida poética, por uma poética da alegria, do combate a tirania, por meio dos disparos políticos-poéticos.

No V rolê os conceitos-ferramenta cartografia e rizoma são tomados, mais intensamente, como caminhos que possibilitaram acionar as máquinas artísticas, políticas, revolucionárias, em produção com os corpos políticos-poéticos, e periféricos, e assim ir compondo uma escrita das vidas resistentes e ridentes, das vidas que ao mesmo tempo em que eram fonte, eram ponte e *front*. Apresento o que nomeei de escrita-rizoma, partindo das elaborações teóricas e metodológicas de Deleuze; Guattari (1995) sobre o rizoma e assim produzir pesquisa como uma artesã, que tece sua obra e ao mesmo tempo se transforma, que se deixa fugar pelo inesperado, que acolhe as imperfeições e as vê como transmutações. Aberta às conexões advindas do processo de criação, e atenta às intensidades das existências das manas do *Slam*, e do que pode a poesia falada.

O rolê V, é onde a alquimia, a magia e a academia se encontram, é onde a produção teórica se conecta com as produções da vida dos poetas. Trabalho a produção de uma escrita de si, e por uma vida poética.

No VI rolê a produção de tese-batalha e da escrita como ato de resistência é retomada, e embricada ao devir poeta da pesquisadora, ao devir pesquisadora da poeta. Assim é a escrita de si em estado bruto, ou melhor, em estado sensível, em estado de poesia, como diria o poeta Chico César. Falo do meu processo de pesquisar, escrever e inscrever no corpo: memórias, acontecimentos, afetos e afecções, de escrever como um ato de generosidade, de coragem, é um ato de resistência física, psíquica e política. É conversar com os seus medos, negociar com os seus limites, convocar o coletivo a ser juiz do juízo de quem escreve. É

pegar nas mãos de quem você se quer conhece e trazer à tona suas histórias e a sua própria história. É produção de reConhecimento. E escrever com um sorriso nos lábios em tempos de mordança, é um ato de coragem. É revolucionário e libertário! É acreditar que a poesia pertence a quem dela precisa.

E, nas considerações finais, que nesta pesquisa chamo de Considerações poéticas, faço um esforço de colocar a fala poética e artística no centro do debate do que pode um corpo que resiste. Há a oferta de um banquete poético, composto de um varal de imagens e algumas reflexões do vivido no encontro com os coletivos, no acesso à memória, nas descobertas que a pesquisa disparou, na metamorfose poética, e na necessidade imperativa de acionar nossas máquinas artísticas, políticas, solidárias, libertárias, ancestrais e poética.

Como anunciada na introdução desta pesquisa, que começa em primeira pessoa, e continua no desenvolver dos encontros, dos processos e dos processamentos; finalizo mantendo o leitor a par do “diário” de uma tese-batalha. Se o uso do diário de bordo é peça indispensável nos estudos e pesquisas que têm a cartografia como método, aqui este foi o caminho. E diário nesta cartoGrafia, é memória! O corpo político-poético que apresento nas páginas que se seguem, é carregado de memória, e recarregaram as minhas também. Os corpos com quem me encontrei carregam histórias e memórias, e não que se recusam a permanecer nos **Quartos de Despejos**.

Sabemos que o exercício dessa fala-escrita em primeira pessoa, para alguns pode até parecer pedantismo, arrogância, prepotência, narcisismo, e outras falas-interdição. Mas há também acolhimentos, há os que já ultrapassaram essas barreiras, e falar em nome próprio não mais assusta, sabem o que este ato comunica, *sabem que o engasgo é nosso*, como declara Conceição Evaristo, e principalmente sabem que falar em nome próprio é ecoar outras vozes, sem ser porta voz do outros, mas sim acolhe-los em seus processos, em suas batalhas por visibilidade. As batalhas de *Slam* são verdadeiras batalhas de si e encontros-memórias, encontros memoráveis.

Rolê I: O encontro com os coletivos de resistência em Belém-PA

Meu rolê vem de longe!

Penso ser desonesto abordar o tema da resistência, sem recorrer e reconhecer a importância, a força, a altivez, o sangue e o suor derramado das que vieram antes, muito antes. Negros/as, indígenas, excluídos e despejados, e no caso do Estado do Pará, cabanos e cabanas. A força desses coletivos ainda pulsa nos espaços de luta, em nossos corpos, em meu corpo. Assim como a força dos que fazem os enfrentamentos na atualidade, nos espaços das Universidades, das ruas, saraus, e nos espaços de circulação do exercício do poder. Portanto, o esforço aqui é de produção de uma escrita e de uma pesquisa resistência, e não sobre resistência.

Em meio aos encontros e acontecimentos vividos e cartografados até aqui, o tema da resistência foi sendo articulado e costurado por meio de duas forças prioritariamente, quais sejam: força rizomática e força política, sendo a força rizomática, multiplicidade por excelência, que aqui se apresenta como objetos-coisas, coisas-pessoas, acontecimentos-encontros, com múltiplas entradas e múltiplas saídas.

Retomando aos que vieram antes, ao que ficou conhecido na história como Movimento da Cabanagem ou Revolta da Cabanagem (1835-1840); movimento contrário à centralização e dependência econômica e política do governo local em relação à sede da então capital do Brasil, Rio de Janeiro, nota-se a quase ausência do registro da atuação das mulheres no movimento e nos documentos oficiais, o que torna o acontecimento histórico incompleto, e mesmo empobrecido. Elas não estavam lá? Qual a sua participação? Houve participação das cabanas na Revolta da Cabanagem? Elas foram silenciadas?

Mediante esses questionamentos, um arsenal de textos, músicas e poesias foram sendo produzidos por um diversos coletivos artísticos, grupos de mulheres poetas, Mc, dentre eles o *Slam* Dandaras do Norte. Tudo isso para serem apresentados no “I Sarau da Cabanagem”, em comemoração aos 403 anos da cidade Belém, celebrado no ano de 2019, no Mercado de São Brás.

Dos poucos registros da participação das mulheres no movimento insurgente que foi a Cabanagem, Ferreira (2003) nos brinda com um valioso material de pesquisa historiográfica e convite a enriquecer o debate, a história e a memória cabana: “AS MULHERES NA CABANAGEM: PRESENÇA FEMININA NO PARÁ INSURRETO”.

Rastreando a presença da mulher, identifica-se logo uma forma de participação feminina através do suporte dado aos seus pares – pai, marido, filho, irmão, amigo, revelando a trama tecida em família. Esta desempenhou importante papel em meio ao processo de luta da Cabanagem.

Em tempos de guerra, o homem atua na linha de frente, na batalha; a mulher na retaguarda, desenvolvendo ações imprescindíveis para o sucesso dos empedernidos combates. Nesse sentido, enquanto o homem estava no combate direto com as tropas legais, a mulher que tinha seus pares envolvidos visceralmente no conflito, afastados de casa lutando nas matas e rios, assumia os papéis de mantenedora e provedora da família, além de papéis como o de espã. [...]. A presença da mulher na economia doméstica da Amazônia é histórica. Os fragmentos da experiência social na fabricação de farinha indicam a participação da mulher, nessa atividade dentro de uma economia familiar e de subsistência herdada de um passado Colonial. Na Cabanagem, instalou-se uma rede de comunicação, informação e contra-informação, onde os laços familiares e de amizade teciam e engendravam uma relação de cumplicidade e estratégia de luta. Em ofício de abril de 1839, o comandante militar da vila de Melgaço, região do Marajó, expõe ao presidente da Província, Bernardo de Sousa Franco, a dificuldade de “limpar” a vila e áreas adjacentes, “infestadas” de cabanos, devido às características geográficas da região e à rede de cumplicidade de parentes dos “malvados”.

[...]. Outro ponto concernente ao documento, refere-se ao número de armas encontradas em poder do grupo de 9 cabanos presos: eram 20 armas de fogo para 9 homens. As outras 11 armas restantes, presume-se, não poderiam ser manejadas pelas mulheres que compunham o grupo? Ou mesmo não poderiam atuar carregando as mesmas e passando-as para os homens combatentes? O que motivou essas mulheres a seguirem os cabanos na contestação direta ao Governo Imperial? Elas também posicionaram-se politicamente frente à Cabanagem, aderindo às hostes cabanas, compondo com os agentes do governo Imperial – tropas legais -, ou mesmo fugindo ao turbilhão cabano, movidas pelo instinto de sobrevivência. (FERREIRA, 2003, p. 1-3).

O documento não deixa dúvidas quanto à participação das mulheres na retaguarda, nos embates, nos confrontos e no cuidado aos companheiros e rebentos, e nos instiga a olhar por outras lentes as narrativas e acontecimentos do que foi e do que significou a “Revolta da Cabanagem” para homens, mulheres e crianças.

Tomada pela cartografia de Eliana Ferreira, pelo reconhecimento das que vieram antes, e atendendo ao convite das Dandaras do Norte, compus o poema a seguir, apresentado no I Sarau da Cabanagem no dia 11-01-2019, com o coletivos de mulheres poetisas de Belém.

Escuta poética: me conte o seu conto!

Escuta cabana: me conte o seu levante!

Você sabia que a mulherada também participou e lutou no Movimento da Cabanagem?

Sim, elas também se levantaram contra os desmandos e as opressões,

mas de um jeito especial e espacial...

De um jeito sorrateiro e zombeteiro

No levante elas levantavam cedo...

Cozinhavam, costuravam, escondiam seus companheiros e se escondiam dos fuzileiros.

Eram como capoeiristas,

eram estrategistas!

Jogavam com o corpo, com a alma, com a malícia e não deixavam rastros para a polícia.

Sua invisibilidade ao longo da história lhes roubou sua identidade de mulher guerreira,
arteira, festeira e farinheira.

Sem romantizar, nem demonizar, na segunda metade do século XIX a mulherada entrou
em cena para lutar!

Cabana, resistente e persistente!

E persistimos até hoje aos desmandos dessa gente, que nos quer indiferentes...

Logo nós que somos insurgentes? Logo nós que somos Dandaras, Matintas, Pereiras,
parentes...

Sabotagem sem massagem na mensagem!

Sim, teve mulher na cabanagem!

“Vocês estão com as mãos sujas de sangue” (RIBEIRO, 2016). A frase inconformada, indignada e emocionada foi proferida pela estudante secundarista Ana Júlia Ribeiro, na Assembleia Legislativa de Curitiba/ PR. O seu discurso foi um marco na história do movimento de ocupação dos estudantes secundaristas contra a PEC 241, e que tem com problema principal, o congelamento de investimentos na educação por 20 anos. O discurso de Ana Júlia teve grande repercussão; reverberou e apontou para outros coletivos, outros modos de se pensar e fazer política, foi quando vimos eclodir também vários movimentos

de ocupações nas escolas, universidades e espaços públicos em todo o Brasil, e que foram marcadores que primeiro chamaram a minha atenção para a elaboração deste estudo, por conta da força política e rizomática dessas manifestações e ações coletivas, que a princípio apontam para a uma livre expressão de um corpo político, um corpo ético. A potência de agir de Ana Júlia, pôs em cena a impotência da moral vigente naquela Assembleia Legislativa. Foi uma ação que convocou para outras ações em torno de uma problemática, até então unificada, e que outras demandas foram surgindo e outras formas de manifestações também, assim como a conexão entre os vários coletivos e a visibilidade do modos como estes protestavam, se manifestavam, se posicionavam, se expressavam, e a manifestação de outras demandas e necessidades foram sendo acolhidas o que possibilitou que aquele corpo que reivindica, milita, grita, também fala, fala de política por meio da poesia. Estava acoplado a um corpo poético também, em meio a uma crise, ressurgiram, se reencontraram grupos e coletivos que pautavam, que pautam uma vida poética também.

Esses movimentos foram um dos disparadores para que eu desejasse lançar um olhar atento e cuidadoso aos novos coletivos de resistência da atualidade. Assim, problematizar e interrogar esses movimentos e manifestações, que vêm se configurando como campo fértil para experimentações micropolíticas e cartográficas, também foi disparador de minhas inquietações. Pensar a dimensão ativa da vida dos coletivos/sujeitos que *amam e protestam*, empreendendo aproximações que permitissem produzir conhecimentos descolonizados e atuações políticas e poéticas, que ecoasse as falas insurgentes e as resistências que atravessam as falas-corpos dos militantes da palavra poética.

As Ana Júlias de lá e as Dandaras de cá – *Slam Dandaras do Norte de cá*, nos convocam a cartoGrafar a potência dos corpos e gritos em movimento, a ouvir, sentir e experimentar a força política do grito de guerra das Dandaras da atualidade, das Dandaras do Norte: *Guerreiras, rainhas, mulheres de resistência, Dandaras do Norte, só slam de consciência*. E porque não atender ao chamado a ser uma delas também?

Nesse movimento de me misturar nos rolês, em seus mundos, entrar em cena, na cena e me in-mundar, fui produzindo narrativas e deslocamentos sobre a cidade, seus viventes, e fui montando a minha caixa de ferramentas, ora recorrendo aos autores-militantes, ora recorrendo aos mestres da universidade, da cidade; ora recorrendo aos poetas e às minhas memórias. Fui produzindo a minha “caixa de achados e perdidos”. Fui montando,

remontando e desmontando. Escrevendo e reescrevendo, desde a elaboração do projeto, rito de qualificação, orientações, conversações, escutas.

Esse in mundar-se como modo de aproximação e conexão entre mundos, paralelo ao exercício de distanciamento daquele modo de pesquisar, supostamente neutro, em um primeiro momento fez toda a diferença, nos encontros iniciais, no contágio com as manas, os manos, as minas, as monas, abriu campo. Posteriormente, fui inventando outros caminhos na produção desta pesquisa, um caminhar com um poema nos lábios, em meio aos rolês.

“O pesquisador in-mundo emaranha-se, mistura-se, afeta-se com o processo de pesquisa, diluindo o próprio objeto, uma vez que se deixa contaminar com esse processo, e se sujando de mundo, é atravessado e inundado pelos encontros”. (ABRAHÃO; MERHY et al., 2014, p.158). Assim, ele se imunda e também inventa mundos.

Assim, nesse processo, nesse caminhar, tatear, experimentar, muitas coisas se perderam, ou perderam o sentido, ou foram ressignificadas. Outras não estavam mais no mesmo lugar, assim como outros viventes/singulares e coletivos se fizeram presentes e operaram em mim outros deslocamentos e desdobramentos no percurso cartográfico.

É desse modo que esta tese-batalha ou escrita-baú é composta, há nela um caminhar que começou bem antes, que me permitiu encontrar com pessoas que embora não se constituem como foco de análise nesta pesquisa, me permitiram chegar até aqui. São passos e pessoas que também ecoam neste estudo, a exemplo do Coletivo Subversivo Cobra Venenosa⁸, Cine Clube TF, idealizado pela professora Lilian Melo, eleita a melhor professora do Brasil (MEC) - Projeto “Juventude negra periférica: do extermínio ao protagonismo”, que atende a população do bairro da Terra Firme, além do Grupo de Hip-hop Batalha de São Brás, Coletivo Marias, Sarau Mercado de São Brás e *Slam* Dandaras do Norte, este último que foi com quem me demorei mais e com quem pude fazer experimentações cartográficas e construir o corpo desta pesquisa, que fala delas (das Dandaras do Norte) e fala de mim também nesse processo de pesquisar e acessar as minhas memórias-existência, é uma cartoGrafia de si também.

Aqui cabe um feixe de luz no bairro da TF, como é conhecido, localizado na periferia de Belém, às margens do Rio Tucunduba, é um dos bairros que mais agrega coletivos de

⁸ Links de algumas apresentações/performances do coletivo de Carimbó Subversivo Cobra Venenosa, na cidade de Belém: <https://www.youtube.com/watch?v=DCe8ia3OKJM&t=30s>. Acesso em: 20/10/2018.

resistência e de movimento de recriação do espaço-vida, inclusive muitos dos que compõem os coletivos com que estou em conexão residem e produzem no bairro da TF. Em diálogo com uma professora de literatura da Escola Estadual Brigadeiro Fontenelle, única escola estadual no Norte que se manteve ocupada por mais de um mês à época das ocupações das escolas e universidade por todo o Brasil, só sendo desocupada mediante ação de força da máquina estatal, mas ainda assim deixando vivos na memória, nas paredes e muros da escola, os rastros da coragem, da desobediência e da força poética.

A TF, é um bairro que abriga vários projetos e apostas na vida como bem maior e se recusa a ser qualificada como “bairro violento”, apenas. Lá a vida pulsa e expulsa todo tipo de desqualificação produzida pelos meios de comunicação e pelo próprio poder público. Eu poderia citar aqui inúmeros focos de resistência a essa tentativa de desqualificação das vidas que ali habitam e que morrem sem serem visibilizadas. Mas, apesar disso, é um bairro marcado pela violência de estado. Um dos bairros com maior índice de extermínio da juventude negra, pobre e com a presença real, de acordo com quem vive no bairro, de milícias, inclusive com a rotina do famigerado “toque de recolher”.

Em 2017 tive a oportunidade de participar da 1ª Conferência Independente de Cultura da Terra Firme, quando pude conhecer o bairro mais de perto, e vivenciar um pouco do seu cotidiano, assim como conhecer de perto sua história. Uma realidade que pulsa, desobedece, produz. Produz luz, câmera e ações afirmativas que se move e nos move a mergulhar naquele território movediço, paradoxalmente chamado Terra Firme. Bairro que em 2019 foi um dos principais palcos do Primeiro Festival de Cinema das Periferias de Belém - Telas em Movimento.

É na TF, como o bairro é popularmente conhecido, que reside há mais de 20 anos, Shaira Mana Josy, uma das primeiras mulheres da cena Hip-Hop da cidade de Belém e uma das idealizadoras do *Slam* Dandras do Norte. Shaira faz parte da cena política e cultural desde 1998, produzindo e incentivando grupos de mulheres e jovens a disputar, criar, produzir - por meio do fazer artístico e literário - os espaços da cidade, das escolas, das universidades, da vida. Mulher negra, paraense, periférica, pedagoga, técnica de enfermagem, capoeirista, feminista, *rapper*, integrante de vários coletivos de resistência, dentre estes o MOCAMBO (Movimento Afrodescendente do Pará), o Coletivo Marias (Mulheres Feministas e Batuqueiras). Mana Josy, é daquelas amizades políticas, é da política da amizade! É firmeza!

Vá à feira, lá é firme

Na feira da terra firme tem de tudo, meu irmão.

Tem gente que sobrevive vendendo no shopping chão.

Tem café, almoço, merenda e janta,

Completo que mata a broca.

Tem açaí batido na hora,

Se quiser tem açúcar, farinha d'água ou de tapioca.

É tudo junto e misturado!

Lingerie e peixe salgado,

Limão, bata, acerola

Coisas pra “minino”, mocinha e senhora.

Sandália de dedo, sapato de plástico,

Bota longa e curta e tem a tia que vende churrasco.

Cuidado lá vem o busão!

Pedestre, carroça, caminhão,

Lama, lixo, urubu,

Rato, cachorro e buraco no chão.

Sincronizado um enorme turbilhão!

Pista estreita, barraca de madeira,

Já nem sei mais o que é rua e o que faz parte da feira.

Na terra firme tem de tudo

Só não tem obra da prefeitura.

Quando o inverno chega

Nem terra, nem firme, nem dá pra passar.

Casas viram palafitas e a rua piscina pros “moleques” nadar

Aí, seu prefeito!

Zero é nada!

Pimenta só é refresco pra ti que nem pisa nas calçadas.

Esse descaso todo é tua todinha a culpa,

Transformou em pizza a obra do Tucunduba

Terra firme resiste, vivendo do jeito que pode.

Vem pra feira não vai pro líder!

Que meu povo é guerreiro e nobre.

(Shaira Mana Josy, 2019).

A Cidade de Belém e suas conexões...

Recorro a um fragmento de uma carta de Mário de Andrade, de 17 de junho de 1927, falando de suas afecções por Belém.

“Você que conhece o mundo, conhece coisa maior do que isso, Manu? (...) Belém eu desejo com dor, desejo como se deseja sexualmente, palavra. Não tenho medo de parecer anormal para você, por isso que conto essa confissão esquisita, mas verdadeira, que faço de vida sexual e vida em Belém. Quero Belém como se quer um amor. É inconcebível o amor que Belém despertou em mim...

Um abraço do Mário”

As palavras e as impressões de Mário de Andrade me preenchem, me auxiliam a falar de um lugar quente, caliente e potente. Aqui no Norte um corpo parado, dança, dança.

Geograficamente, Belém capital do estado do Pará, está localizada na região Norte. É considerada a cidade mais importante da região metropolitana, que é composta por mais quatro municípios. De acordo com o último censo do IBGE (2010), tem uma população de 1.393.399 e uma densidade demográfica de 1.315,27 hab./km.

Conhecida também como “Metrópole da Amazônia”, Cidade das Mangueiras, Cidade Morena, Belém do Pará, Terra do Carimbó. Belém tem inúmeras praças, uma das mais conhecidas é a Praça da República. Localizada na parte central de Belém, esta charmosa praça abriga um dos teatros mais imponentes e representativos do que foi conhecido como “ciclo da borracha”. O Teatro da Paz fica localizado na Rua da Paz, ao lado do também conhecido Bar do Parque, reduto de artistas, intelectuais, profissionais do sexo, infames, diria Foucault. A Praça da República abriga ainda o Teatro Experimental Waldemar Henrique, expoente pianista e compositor, Tamba-tajá e o Uirapuru fazem parte de suas composições mais difundidas. Em suas extremidades, está o Cine Olympia, considerado um dos cinemas mais antigos em funcionamento no país.

A praça abriga também o Núcleo de Artes da UFPA, um Anfiteatro que aos finais de semana é palco de uma vasta programação artística, cultura; degustação de comidas típicas da região, além de manifestações políticas e circulação de pessoas de todas as idades e vindas de todos os cantos da cidade, sobretudo aos domingos.

Poderia ainda aqui citar inúmeros sujeitos que circulam, expressam-se, frequentaram e frequentam esse “pedaço” de Belém, como o poeta e compositor Rui Paranatinga Barata

ou apenas Rui Barata, o cantor Walter Bandeira, o escritor e filósofo Benedito Nunes, os mestres do Carimbó: Verequete, Mestre Lorival Igarapé, Dona Onete, e os novos mestres e mestras, que continuam o legado e mantêm a chama acesa. Os que chamam Verequete!

Benedito Nunes, então professor de filosofia da UFPA e falecido em 2011, foi quem intermediou a vinda de Michel Foucault a Belém em 1976, de acordo com os estudos de Heliana Conde, estadia esta praticamente ignorada, segundo a autora em seu texto *Um Foucault desconhecido? Viagem ao Norte-Nordeste brasileiro em tempos (ainda) sombrios*⁹.

Gosto da companhia e da vida de Bispo do Rosário, de Estamira, do “Cobrador” de Rubens Fonseca, de Kafka, de Fernando Pessoa, de Carolina Maria de Jesus, Estela do Patrocínio, de Manoel de Barros, da *Vida dos Homens Infames* de Foucault e dos *Maus Costumes de Foucault*. Das Manas e manos de cá e das minas e manos de lá!

A rua é minha matéria prima, nela me embriago de sentidos e o mundo se torna muito mais intenso. É na rua que capto e cato palavras, histórias, devires. Chego em casa abarrotada de “coisas” e de desejo de pô-las no papel, para de alguma forma materializar o que o olho, o corpo e a alma vibráteis me transmitem incessantemente. Chego a ficar exausta de tanta querência de vida! *Do que viu e ouviu, o escritor regressa com os olhos vermelhos, com os tímpanos perfurados.*

⁹http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1340353457_ARQUIVO_UmFoucaultdesconhecido.pdf. Acesso em 02/11/12.

Figura: 02: Lateral do Teatro da Paz/Belém-PA (Acervo pessoal)

A tessitura desta tese, deste ato de cartoGrafar os corpos que anunciam uma política por meio do corpo poético, que reivindicam o seu lugar de dignidade negada, se fez de modo rizomático, e rizomático aqui diz de um jeito de conectar e se conectar com os amantes da poesia nômade, os ambulantes da poesia, e assim, ir ao encontro das manas, dos manos, das minas, monas e monstras, que têm a literatura e a poesia como aliadas contra as opressões, pressões, e os desmandos daqueles que ignoram a potência da munição poética. “Fomos criticados por invocar muito frequentemente literatos. Mas a única questão, quando se escreve, é saber com que outra máquina a máquina literária pode estar ligada, e deve ser ligada, para funcionar. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.19).

Parece redundante chamar o caminho da pesquisa de cartografia rizomática, uma vez que tanto a cartografia quanto o rizoma Deleuziano operam um mover-se. Assim, o esforço é de inventar uma outra maquinaria metodológica, com ênfase no modo específico de grafar, de escrever, de mover-se por meio da escrita, uma escrita em movimento e com os movimentos, catando os objetos-coisas, histórias, memórias e palavras e escrever a história do presente, da atualidade, com a presença dos escreventes. A cartoGrafia, como já anunciado na introdução desse estudo, diz de uma escrita que se fez e se faz por

sobreposição, retalhos, *patchwork*, junções, mixagem, tal como o “leitor ladrão” referenciado por Daniel Lins quando fala das invenções do DJ, aquele que rouba e inventa um outro objeto do objeto roubado. Sua *pick-up* é o *lócus* de suas alquimias.

Na minha *pick-up* de produção de cartoGrafias poéticas, muitas autoras, autores, leitores, poetisas, transeuntes, filósofos, músicos, se fizeram e se fazem presentes. Assim a cartoGrafia aqui experimentada foi sendo alinhavada por intermédio da força das teias que se entrecruzaram desde quando este era apenas um projeto de pesquisa. Ouvindo outras vozes, leitores, amigos, ancestrais, e produzindo os *samples*. A escrita nômade, em movimento, e em meio aos coletivos de poetisas, aos movimentos resistência na atualidade. CartoGrafia rizomática.

Máquina de guerra sonora, o DJ como o filósofo é o bom ladrão; ele atribui ao roubo a força positiva de um devir próximo de Heráclito, gerando em sua arte as oposições de que decorrem os equilíbrios que sucedem num caos em permanente movimento, segundo uma medida/ desmedida e ritmos que expressam uma harmonia discordante em um caosmundo em permanente devir. (LINS, 2010, p. 64).

Outro que se fez presente logo no início das minhas andanças e da montagem desta *pick-up* poética, foi o destruidor de ídolos, Nietzsche com o seu *Crepúsculo dos Ídolos* ou *Como se Filósofo com o Martelo*, um “livrinho” comprado em uma revistaria de Aeroporto. A princípio fui atrás de algo para passar o tempo, para distrair; atrás de algo “inocente”. Deparei-me com ele, com seu olhar lateral e sua escrita literal, visceral. Distração que nada, é um livro bomba! Um livro que fala de nossas intensidades, de nossas humanidades, que fala de quão indecente é a morte não escolhida, que aciona nossas potências, que opera por ondas intensivas e existências altivas.

O que eu mais gostei mesmo, o que me pegou mesmo quando li o tal “livrinho”, foi ouvir do próprio Nietzsche... “Que não sejamos covardes em relação aos nossos atos! Que não os abandonemos uma vez consumados! O remorso é indecente” (NIETZSCHE, 2012, p. 19).

O remorso é indecente! Eis o martelo de Nietzsche. Eis o martelo da vida! Com Nietzsche, hoje tem martelada? Tem sim senhor!

Pegando carona na esteira, ou no martelo de Nietzsche, mas sem fidelidade a este, muito menos remorso, fui percorrendo alguns espaços e me encontrado com alguns coletivos e sujeitos que fazem disparos poéticos certos, arteiros e baderneiros.

Entre achados e perdidos, um campo político poético foi sendo produzido...

Entre trilhas, territórios subjetivos, desvios, fluxos, devires, o que eu encontrei em Belém?

Em Belém do Pará nos referimos ao ponto de ônibus como parada. Expressões do tipo: *onde é a parada? Quantas paradas faltam? Qual a parada mais próxima?* são comuns e fazem parte do cotidiano de qualquer belenense, mas também quando queremos saber de alguma ação, atividade ou agenda, utilizamos a pergunta ainda mais diretiva: *qual é a parada hoje?* Assim, paradoxalmente, parada tem um sentido tanto sedentário quanto de movimento, de ação ou de deslocamento. E bonde é o ônibus e também o bando.

E para além da privatização de alguns espaços públicos, do “toque de recolher” em alguns bairros não privilegiados pelo poder público e até do extermínio da população negra, a cidade comporta também ações de resistência, cortejos teatrais, pássaros juninos, clubes de guitarradas, festivais, batuques, muito batuques e outros possíveis, outras nascentes, encontros a exemplo do que houve no dia 02 de abril de 2017, quando da realização da I Edição do *Slam Dandaras do Norte*, na Praça da República, e que a partir daí precisamente que se inicia as minhas andanças junto as manas de cá.

Acompanhei esse primeiro momento do *Slam*, encontro de poesia falada, batalha de poesia, o “*Slam Dandaras do Norte*” em sua 1ª edição na cidade de Belém e que também já acontece em várias capitais do país. Esse primeiro encontro de batalha de hip-hop, de poesia composta só por mulheres, foi marcado pela declamação de poesia, dança, mural fotográfico e a copeira, como dispositivos de luta e contou com a participação de dezenas de mulheres, sobretudo negras e moradoras das periferias da cidade.

A partir desse acontecimento, uma série de encontros, enCantos e encantarias foram se produzindo...

Corpos-Batalhas

Este rolê não tem a pretensão de conceituar o que é resistência, ele opera no campo da experimentação e da invenção e quer expressar o que a pele captou e rimou. À flor da pele mesmo! E que aqui se transformou em outros gritos, outras rimas, outras batalhas poéticas. Escritas navalhas que versam sobre liberdade, amor, afeto, abuso, poder, potência. Explodia produção de liberdade em meio ao cárcere, as intervenções, as interdições, as feridas afetivas, as relações acadêmicas assimétricas, as relações desiguais no mundo do trabalho, no cotidiano da casa, do bairro. Havia ali, no templo da palavra poética, estética e ética, espíritos nietzscheanos.

Quanta sabedoria cabe nessas poesias, quanta re-existência, quanto amor revolucionário, libertário. Quanto de nós existe nessas vozes, nesses “espíritos livres”, declamando e recitando suas poesias em praças públicas.

Assim, a cada edição e a cada imersão, a pesquisadora cartógrafa é tomada pelas vidas ativas e altivas, e assim segue e domina seus próprios medos e in(certezas). Sabe que o abismo é inevitável, sabe também que em meio ao abismo têm os acontecimentos e as experimentações e que estes são travessias a serem exploradas e experimentadas. Na valise e no corpo uma Vontade de Potência, uma obra viva de um homem livre, uma revolução, um Nietzsche (1998).

Em sua obra *Políticas da Escrita*, Jacques Rancière nos fala da revolução poética como experiência do sensível, de uma experiência política do sensível. Assim o autor expõe o que chama de hipótese:

a revolução poética moderna tem como princípio a liberdade entendida como uma maneira de que o poeta dispõe para acompanhar seu dito. Esse acompanhamento tem como condição de possibilidade uma nova experiência política do sensível, uma maneira nova que a política tem de se tornar sensível e afetar o *ethos* cidadão na era das revoluções modernas. (RANCIÈRE, 2017, p. 123).

Nesse sentido, esse devir político do poeta revolucionário no presente não está preocupado com verdades, nem em representar uma forma de fazer política, ou mesmo de chamar a atenção dos políticos que o “representam”, e sim, em expressar, apresentar o seu eu lírico por meio de um corpo inquieto e sensível ao que afeta a si e seu entorno. E as poetas e os poetas revolucionários com quem estabeleci conexão nesse processo de construção da escrita-tese e do que estou chamando de escrita poética, parecem andar sempre no *modus* convocatório de existir e de re(existir), a despeito do apelo de um outro *modus operandi* que

os quer silenciados, imobilizados ou invisibilizados. No entanto, têm funcionado, por sua vez, como matéria prima para as suas criações, invenções e produções literárias e libertárias.

Rolê II: Devir esquizo e a produção da pesquisadora rolezeira: o meu rolê é político!

Do que viu e ouviu, o escritor regressa com os olhos vermelhos, com os tímpanos perfurados. (Deleuze, 1997, p.14).

Ela passou a ser chamada a se apresentar, conversar, ouvir, declamar, performar, em atos políticos e artísticos culturais, não mais como Ana Silva, ou não só como Ana Silva, mas também, e sobretudo, como dra. poesia, por vezes como anaesquizo e também como pesquisadora rolezeira. Passou a ser reconhecida em sua multiplicidade, por sua aposta político poética; e elas, as Dandaras do Norte, também passaram a existir na existência dela. Eu, certamente, reverbero em cada uma delas. A cada encontro, reencontro, desencontro, eu me decompunha e ia compondo a minha caixa de fragmentos, e me produzindo como poeta também, ia compondo esta cartoGrafia poética, que caminha junto com os coletivos inventivos, como as vidas não fascistas, vidas ativas, e altivas, na literatura menor por agregar a maioria, por ser gigante. Escritas que martelam, que cortam, escritas-navalhas, que desmontam, montam e remontam as palavras que vem e vão...

Antes de seguir nesse rolê, faz-se necessário anunciar que a pergunta que disparou o desejo de produzir este estudo, qual seja, o que pode um corpo político-poético na atualidade, e seu desdobramento, o que pode o meu corpo político-poÉtico, assim como a citação ‘*do que viu e ouviu, o escritor regressa com os olhos vermelhos, com os tímpanos perfurados*’, atravessam toda esta experimentação cartográfica, se repetem em todo o percurso de produção textual, mas não sem produzir alguma diferença. A cada “aparição” vestem uma roupa diferente, acrescenta-se um objeto-memória, ou até mesmo uma invenção conceitual.

Vale demarcar também que o uso do político aqui carrega em seu enunciado o sentido de ocupação. Político como ato de ocupar, que por conseguinte convoca a se demorar, elaborar, maquinar, se encontrar e encantar nas batalhas, dentre outras possibilidades. Assim, quando afirmo que meu rolê é político, é de um duplo par que estou falando: rolê-escrita e rolê-ocupação, e que estão invariavelmente interligados. Escrever é político e ocupar também! Para Rancière (2017),

o conceito de escrita é político porque é o conceito de um ato sujeito a um desdobramento e a uma disjunção essenciais. Escrever é o ato que, aparentemente, não pode ser realizado sem significar, ao mesmo tempo, aquilo que realiza: uma relação da mão que traça linhas ou signos com o corpo que ela prolonga; desse corpo com a alma que o anima e com os outros corpos com os quais ele forma uma comunidade; dessa comunidade com a sua própria alma. (RANCIÈRE, 2017, p. 07).

Assim, esta tese-batalha parte das inscrições no corpo, nos corpos, ao ato da escrita em si e de si. Do corpo se faz letras, grafias, cartoGrafias!

E que poÉtica guiou esse estudo? A ética da alegria, da encantaria, do corpo que mesmo parado, dança. Da alegria como trincheira, como nos alertou Benedetti. Uma *gaia* ética de uma pesquisadora rolezeira que está atenta às capturas e as tentativas de possíveis enquadramento das paixões alegres, e de um pesquisar nos rolês, empreendendo um exercício de estar com e não observar ou descrever que foi observado, constatado ou interpretado. Que mesmo diante das batalhas cotidianas e da miséria humana, seja esta econômica ou afetiva, não cede, não abre mão da potência da existência ridente. Que combate as manifestações de tristezas e encontros que não lhe convêm, como quem combate as ignorâncias, aos cinismos cotidianos e injustiças históricas. “Quer seja uma alegria que aumente minha potência de agir ou uma tristeza que diminui minha potência de agir, nos dois casos são as paixões: paixões alegres ou paixões tristes. Spinoza, uma vez mais, denuncia um conluio no universo daqueles que têm interesse em afetar-nos, com paixões tristes. (DELEUZE, 2009, p.48).

Reproduzo aqui o trecho de um/uma parecerista, “anônimo/a”, de artigo já publicado, para expor o olhar de fora, de como este ou esta parecerista se sentiu guiado/a pelo que foi apresentado como escrita-rizoma. Reproduzo na íntegra, como memória e no formato original, com a mesma fonte (letra), para ser fiel a quem, não me conhecendo, se conectou com o vivido nesta aventura cartográfica. Para quem, talvez, assim como Conceição Evaristo, deva acreditar ser “impossível você ler um poema e não dar uma resposta poética para aquele poema”¹⁰.

¹⁰ TV Brasil: <https://www.youtube.com/watch?v=9lpOGN36WxA&t=56s> Acesso em: 30-10-2019.

Memórias...

- Para finalizar, como último ponto, considero o texto de grande importância por trazer o sentimento de alegria à escrita. Para lembrar quem lê, quem escreve, quem pesquisa, e quem milita, que podemos ser alegres. O artigo me remeteu às palavras de Foucault no prefácio de Anti-Édipo:

não imaginem que seja preciso ser triste para ser militante, mesmo se o que se combate é abominável. É o liame do desejo à realidade (e não a fuga nas formas de representação) que possui uma força revolucionária.

Par-E-ser alegre

Alegrarmo-nos
com o que vemos
no lapso de um tempo,
o tempo entre
um ponto e outro de ônibus,
o tempo de uma tese,
de um verso,
de uma vida...
Alegrarmo-nos,
para encarar de frente
as formas de fascismo,
Alegrarmo-nos
como forma de resistência.
AlegrARmo-nós...

Por produções mais alegres!

Fim de citação!

Figura 03: Mesa de estudo - devir aranha... (Acervo pessoal)

Naquele domingo, **A Nossa Biblioteca**, no bairro do Guamá, periferia de Belém e vizinho da TF, foi escolhida para sediar a final *Slam* Dandaras do Norte de 2019. A cartógrafa saiu em direção à biblioteca com dois desejos a princípio: ir a Praça da República, festejar o aniversário de Luiz Inácio Lula da Silva, ex presidente e, até aquele momento, preso político, ou se isolar no Bosque Rodrigues Alves, a fim de pôr algumas leituras em dias, mas não sabia que seus passos estavam reservados ao acaso dos acontecimentos que comporiam sua escrita rizoma. E naquele dia sua programação estava reservada a uma primeira rodada do *Slam*, assim não ficaria até o final da final, afinal. E naquela final do *Slam* e em um exercício, fadado ao fracasso, de ir para aquela arena político poética não

mais para catar coisas que comporiam esta tese-batalha, eu tive um encontro com Carolina Maria de Jesus¹¹. Na abertura da competição, onde eu e a idealizadora das batalhas de poesia fizemos uma breve fala e convocação aos que ali estavam, dirigida à importância da escrita, da produção da escrita, da publicação e compartilhamento desses escritos. Mencionei o diário de Carolina, **Quarto de despejo - Diário de uma Favelada**, sua obra navalha, onde nos deparamos como um jeito particular de escrita autobiográfica, como um ato de coragem e como uma ferramenta político poética.

Nesta obra de Carolina Maria de Jesus, o próprio título já anuncia a radicalidade do que ela percebera e vivera quando era moradora da Favela do Canindé. Ela faz uma analogia com a divisão, radical, entre os que têm onde morar e os que são despejados para as margens. Classifica essa divisão entre sala de visita, onde estão acomodados os que têm acesso aos bens de consumo comuns, e a favela, que é o quintal da cidade, “onde jogam os lixos”, o **Quarto de Despejo**. Acredito que, na nossa biblioteca, a minha fala produziu reconhecimentos e conexões. Assim, penso que Carolina quis vir pro rolê com as Dandaras. Ela se fez presente por meio das fotoGrafias.

¹¹ Essa referência diz respeito a semelhança entre uma a escritora e uma das participantes da edição do *Slam* na Nossa Biblioteca.

Figura 04: FotoGrafia I - Auri Ferreira, na Nossa Biblioteca

Figura 05: FotoGrafia II - Auri Ferreira, na Nossa Biblioteca

O que vazava dos *olhos vermelhos e dos tímpanos perfurados* se transformava em cartografias, e além de máquina de escrever, dos blocos de papel, dos lenços de papel emprestados das lanchonetes e bares, do gravador, das memórias, até de bulas remédio e receitas que eu utilizei para escreVer, o quadro de anotações na sala de estudo, estava quase sempre com notas de escurecimentos: eram anotações, poemas, lembretes, fragmentos de conversas, poemas incompletos, cartografias poéticas em curso.

E naquele domingo a cartógrafa se programou para não ficar até o final da competição de poesia falada, e assim o fez: regressou com os olhos cheios de benquerenças, e a cabeça cheia de literanças. Porém, mais do que nunca, numa inquietude, não conseguia fixar os olhos, nem sossegar o corpo, tamanha era a vontade de externar aquela experiência de conexão com Carolina Maria de Jesus, com a Carolina que se transformou quase em uma personagem fictícia, e ao mesmo tempo, uma “mana” real. A Carolina a quem eu me refiro, é Auri Ferreira, que nesta edição final do *Slam*, estava como jurada da batalha de poesia falada na **Nossa Biblioteca**, no bairro do Guamá.

Nesta dia, eu estava na apresentação do Slam também, e dos poucos registros que fiz, do celular mesmo, pude captar a imagem de uma mulher preta que estava como jurada, sendo que nesse dia, nesse único dia, as juradas falaram da experiência de estar no lugar de juradas e expuseram o quanto estava sendo prazeroso, potente e difícil aquela experiência, de escolher um/a representante para competir no Encontro Nacional, em São Paulo. No momento em que fiz a fotografia, percebi a semelhança com a escritora preta, favelada, pobre e corajosa, que usava a escrita como um ato de resistência e desobediência aos cânones literários e denúncia às desigualdades.

Penso que naquele domingo foi Carolina Maria de Jesus quem fez o mapa cartográfico que segue neste rolê. Assim, é que encontro com ela no final dos rolês, no processo de finalização dessa cartoGrafia poética, e é ela quem abre os trabalhos. Abre este trabalho e coroou essa escrita, com seu microfone-caneta e seu lenço na cabeça. “Que honra”, disse a Carolina real quando lhe mostrei a “sua” fotografia. Que honra, por esse duplo encontro! E o vivido ali acionou as minhas memórias.

Memórias...

de privações econômicas, sobretudo, e de experiência com a escrita, de ler os livros que meu pai comprava “à prestação”, e que ele sempre chamava de literatura, fosse o gênero que fosse e quando comprava mais de um exemplar, já anunciava que havia comprado uma enciclopédia. Li Erasmo de Roterdã aos 12 anos de idade, desde aí passei a elogiar a loucura. É bem provável! Lia livros que minha irmã, à época empregada doméstica em “casa de família”, trazia emprestado do patrão, e este por sua vez, a elogiava por tal feito, não desconfiando que, quem mais se emaranhava por entre as linhas, era eu. Recordo ela

dizendo: *mana ele tem uma biblioteca imensa e nem lê! Eu pelo menos nunca vi, eu acho que ele gosta quando eu empresto, quando eu trago pra casa!*

Naquele domingo, após voltar do *Slam* pensei tanto em um possível Diário de uma Favelada que poderia, ou ainda poderá ser escrito por outra irmã, que reside na capital Paulista há mais de 20 anos e foi moradora e despejada da antiga favela Jardim Edith, após um incêndio que desestabilizou e desarticulou parte dos antigos moradores, forçou-lhes a sair do local, onde foi erguido um prédio habitacional com o mesmo nome, *na esquina da riqueza com a mina de ouro*, como dizia seu líder comunitário, “Seu Gerônimo”¹².

No ano de 2019, quando ela (a irmã que mora em São Paulo), celebrou seu casamento e a aquisição de sua nova casa, em outra esquina, a sua **Casa de Alvenaria**, a lembrança de Carolina Maria de Jesus, se fez presente novamente. E foi somente este ano, e em meio a essas celebrações, que ela me apresentou e falou de seu primeiro endereço na capital paulista, que eu não sabia tratar-se de um quintal que hoje é tão cobiçado, mas que já fora um quarto de despejo.

Como dizem os **Poetas Ambulantes**: *essa vida é uma viagem, pena estarmos só de passagem!* Vou voltar a tecer e reconectar os fios-acontecimentos-encontros dessa viagem nos próximos rolês, quando abordar a conexão Belém/São Paulo.

Meu rolê é político!

De tempos em tempos, eu apagava aquelas inscrições no quadro, e elas viravam grafias e iam compondo esta cartografia político-poética. Essa poética do existir, poética das existências que não paravam de passar. Da existência das guerreiras, rainhas, mulheres de resistência, das Dandaras do Norte, com seus *Slams* de consciência.

Guerreiras, rainhas

Mulheres de resistência

Dandaras do Norte

Só Slam de consciência!

¹² Rolnik, R. <https://raquelrolnik.wordpress.com/tag/jardim-edith/>. Acesso em: 12/10/2019.

Dos encontros alegres, potentes, aos encontros desconfortantes e desconhecidos, marcas em nossos corpos vão sendo produzidas e produzindo movimentos, inscrições, e movimentos seguintes. Invariavelmente, usamos essas inscrições como nosso mapa de afeto, mesmo sentindo, algumas vezes, o desconforto diante da multiplicidade das existências, da nossa própria existência, e das existências que insistem em existir lá onde se tenta ocultar a vida. Se não estivermos distraídos, conseguiremos perceber e sentir força do corpo que dança, mesmo parado, que dança mesmo na dor, que dança para se fazer resistir.

As batalhas de poesia falada falam de episódios e de espaços de silenciamentos e até mesmo, de apagamentos, disputas internas, de incertezas, assim como de processos de invenção, reinvenção, descobertas, posicionamento, afirmação e saúde. Espaços onde “a liberdade é uma luta constante” (DAVIS, 2018). Onde resistência é a permanente existência. *É lutar quando é fácil ceder*. “A luta é interminável? Eu diria que, à medida que amadurecemos, nossas lutas produzem novas ideias, novas questões e novos campos nos quais nos engajamos na busca pela liberdade. Como Nelson Mandela, devemos ter disposição para abraçar uma longa jornada rumo a liberdade” (DAVIS, 2019, p. 27).

Circular com os coletivos de resistência poéticas é fazer um mergulho na história do Brasil e no histórico escravocrata que exterminou e ainda extermina tanto o povo preto, é se despir dos seus versos presos na garganta, é memória coletiva, é revisitar nossos mitos, medos, in(certezas), fortalezas. E saúde! É política!

Mesmo o corpo parado, dança! E desobedece.

Figura 06: Exposição “Desobediências Poéticas” SP (Acervo pessoal)

É na singeleza dos textos que me imbrico, nas suas formosuras, nas suas quase rasuras. Quando me deparei com a afirmativa de que “mesmo o corpo parado dança”, não seguir mais a leitura, pelo menos por hora, pois precisava transformar tal assertiva em outras composições, uma vez que tal afirmativa pedia outras conexões e conversações.

Assim, perceber e sentir tudo isso já caminhando para a finalização deste estudo, que não tirou férias, e que nos meses de junho e julho, em meio às festas juninas, foi delicioso e belicoso, sentir o estalo dos foguetes de São João e a chama das fogueiras, da dança em volta do fogo e das comilanças em meio ao calor dos corpos dançantes, ainda que parados.

Logo, senti o desejo de escrever um capítulo que fosse uma conversação e não um capítulo conceituação para anunciar o que pode um corpo, a partir de Espinosa e Deleuze, e o que os corpos políticos poéticos anunciam nessa tese-batalha, ou como dançaram. *“Do que viu e ouviu, o escritor retorna com os olhos vermelhos, com os tímpanos perfurados”*.

Então, é a partir dos encontros que sigo tecendo essa escrita-tese, experimentando um devir cartográfica-fotógrafa-poeta-pesquisadora-feminista-artista. E essa multidão que habita em mim se compõe de pequenas grafias que são por mim cartografadas em conexão como o “bonde das manas” e suas várias conexões e composições, com posições!

O que eu estou chamando de devir esquizo?

Devir esquizo como um estado de contemplação e atenção ao que não para de passar, é o espaço da rua que se apresenta como privilegiado, ainda que quando estamos falando de devir, não possamos dizer que se trata de uma localização, mas como a rua é um espaço que se espraia, até mesmo um não espaço, ela se torna uma boa referência. “Para compreender a psicologia da rua não basta gozar-lhe as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidade malsãs e os nervos com um perpétuo desejo incompreensível” (DO RIO, 2017, p.27). É preciso andar!

Com os olhos atentos, os ouvidos sedentos para ouvir os silenciamentos, fui circulando, e fazendo alianças acadêmicas, políticas, de amizade e afetivas, pela cidade e espaços de produção de vidas poéticas. E assim um mapa foi sendo montado e uma geografia traçada! Uma tese vai/ foi tecida! Uma batalha sendo vencida, e uma tese-batalha foi produzida!

A tessitura, a rua, nua, crua. Devir aranha...

A rua assim como o tango, acolhe os corações aflitos e aflita os corações medrosos, os corações partidos. Restaura as quebras e rachaduras produzidas pela dureza da vida e paradoxalmente devolve a leveza necessária para as próximas travessias. Assim, a rua é devir, passagem, lugar e não lugar, é real e simbólico, ou aciona os nossos simbolismos, e o devir esquizo é um estado subjetivo que encontra no espaço da rua o seu fluxo.

No capítulo sobre Máquinas Desejantes do Anti-Édipo, Deleuze & Guattari falam do *Passeio do esquizo*, como sendo “um modelo melhor do que o neurótico no divã. Um pouco de ar livre, uma relação com o fora. [...]. No seu passeio, ao contrário, ele está nas montanhas, sob a neve, com os outros deuses ou sem deus algum, sem família, sem pai nem mãe, com a natureza”. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 12). Estar com as deusas e os deuses, ou não estar com ninguém, era uma constante nas andanças e literanças.

Esta cartografia estava sempre em relação com o fora do que a vista alcançava, com os versos que lhe atravessavam, e escrever também diz do ver. Dos versos revolucionários que transbordavam desejo, igualmente revolucionário. O que não poderia ser diferente, se considerarmos o desejo como revolução, como nos indicam Deleuze & Guattari. “O desejo não ‘quer’ ser revolucionário, ele é revolucionário por si só mesmo, e como que involuntariamente, só por querer aquilo que quer”. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 159). Um devir esquizo. Por vezes, *Anance...*

Oh! Divina Anance!

Presta-me teu poder!

Para andar como tu

Sobre as águas dos rios e sobre as águas do mar.

Oh! Divina Anance!

Presta-me teu poder para outras histórias tecer

Para outras histórias contar. Oh! Divina Anance!

Ajude-me a desenvolver esta breve aventura."

Zélia Amador de Deus (2019)

Anance em mim

Ela estava sempre ali por perto
 atenta, pronta para fazer ligações
 romper
 conectar, tecer
 Ser...

Louvar

Era louva-deus também!

Anance era louva Deus também!

Anance era de Deus, das Deusas

É Zélia!

de Deus

O objeto-coisa, tecia dia após dia, tecia, trAmava, e se encontrou com Anance das memórias de Zélia. Livro tecelã, que me levou para tantos lugares, tantos rolês políticos-poéticos... A ética espinosista e a poética futurista.

Anance livro!

Anance livre!

Livrando-me dos dias duros, me devolvendo a leveza e não deixando que eu perdesse a firmeza.

Produzindo em mim um devir anance...

Anance é das Deusas!

É de Deus!

Anance, é Zélia

de Deus!

Figura 07: Domingo, em casa... (Acervo pessoal)

Figura 08: Casa, café e redes... (Acervo pessoal)

Deleuze com seu "Curso sobre Spinoza", que foi companhia desta tese-batalha desde o seu nascedouro, me permitiu estar atenta e forte diante de acontecimentos que, por vezes, me pegavam, me entristeciam e até me faziam pensar ou em alguma medida vivenciar paixões tristes, mas no momento seguinte me recusar a homenagear essas paixões, que têm por função diminuir a nossa potência de agir; de seguir produzindo bons encontros. Essa “fórmula”, aumento e diminuição da potência de agir faz toda a diferença, fez toda a diferença no processo de elaboração deste estudo. Deve ser por isso que você, Spinoza, encantou tanto a Nise da Silveira, mesmo estando tão distante, décadas de distância, mas tão perto da dra. Nise, e no presente, da dra. poesia!

Zélia, com sua divina **Anance Tecendo Teias na Diáspora**, ressignificou o Curso sobre Spinoza, sobretudo a leitura da capa, eu sou fascinada pela capa do livro-curso e do que tem em seu interior, que conecta com o meu e me impulsiona para o exterior. Havia algo sendo tecido em mim que eu não conseguia nomear, havia algo que me permitiu o encontro com as Dandaras do Norte que foi para além da presente pesquisa e ao mesmo tempo que foi tecendo esta tese. Então, roubei de Deleuze a sua capa, com uma aranha estampada e produzir a minha própria, com suas teias estampadas.

Agora consigo falar de uma capa que diz exatamente a que veio, que é muito mais que uma capa.

Obrigada mana, por chegar e anunciar o que eu não conhecia da história da diáspora, e da minha própria história. Você ressignificar, sobretudo, a imagem da aranha no livro-curso, deu uma outra identidade e linguagem ao que não parava e nem pára de passar em meu corpo, livro aranha que tanto me acompanha e me ajudou a tecer essa CartoGrafia poética.

A partir de agora os convido a me acompanhar no “bonde das manas” *Slam Dandaras do Norte*, bonde que nessa CartoGrafia grafa sobre um bando de poetas que se encontra desde abril de 2017 para protagonizar suas existências por meio das batalhas de poesia e produzir atentados poéticos. Verdadeiras batalhas por uma vida alegre e afirmativa. CartoGrafias e encontro com as Dandaras do Norte: nosso próximo rolê!

Rolê III: O encontro com o *Slam* Dandaras do Norte

Guerreiras, rainhas, mulheres de resistência

Dandaras do Norte só Slam de consciência!

Quando eu soube que existia em Belém um coletivo de mulheres que protagonizavam batalhas de poesia falada, procurei saber onde elas se encontravam, pois aquelas vidas me interessavam como pesquisadora do que pode um corpo político poético, como amante da poesia, seja ela falada, escrita, fotografada, performada, declamada, recitada, e como dispositivo de encontro e cuidado. E de fato, já no primeiro encontro, encontro tudo isso junto, imbricado, espraído, expandido. Mulheres amazônidas comandando o *Slam* Dandaras do Norte, com suas falas fortes, mensagens diretas, poesias autorais; com seu grito de guerra: *guerreiras, rainhas, mulheres de resistência. Dandaras do Norte, só Slam de consciência!* Tudo isso me chegou como uma convocatória à aproximação desse mundo de mulheres poetisas de si. Assim é que comecei a acompanhar a agenda político poética das Dandaras do Norte, desde o início em 2017, e posteriormente somar às ações do coletivo e me tornar uma Dandara também, e uma pesquisadora rolezeira.¹³

Já na terceira edição do *Slam*, que ocorreu no Quilombo da República (QR), em 2017, me deparei como um acontecimento chamado “Pupunha, papo e café na calçada”, que é um momento de conversação e interação entre uma das organizadoras do Slam e uma convidada *para falar um pouco da sua vida, da sua vivência*, nas palavras de Shaira Mana Josy, e surgiu dos encontros frenéticos nas ruas de Belém, *nas encruzilhadas*, nas palavras de uma mana.

É uma conversa que nos convoca a pensar sobre as nossas vidas, sobre as vidas de mulheres que expressam das mais variadas formas, que fazem do corpo, instrumento de luta

¹³ Silva, A. L. S.; Feuerwerker, L. M. Escrever como um ato de resistência: uma escrita rizoma. Revista Psicologia Política. Vol. 19, Nº 45, mai-ago. 2019.

beleza, cuidado de si. Esses elementos estão muito presentes nas narrativas das mulheres que se sentaram na calçada das Dandaras.

Avante mulher!

Avante mulher guerreira!

“Simbora” fazer história.

Levanta tua bandeira, agora chegou a hora!

Quem disse que só de corpo é feita uma mulher?

Quem disse que só dinheiro é tudo o que a gente quer?

O lugar de uma mulher é onde ela quiser.

“Rumbora” que tua voz ecoa por onde vais,

Mulheres ocupam espaços pedindo que haja paz.

Teu corpo é teu templo,

Tuas regras és tu que faz.

(Shaira Mana Josy, 2018).

Participar do Slam me fez olhar pra mim e para os meus, de casa e da rua, saber que cada um tem o seu tempo de se movimentar, de falar e de ocupar os espaços. Isso aqui me dá mais gás para seguir! São vozes disparadas de uma das edições do *Slam Dandaras do Norte*, que acontece em Belém-PA desde abril de 2017, e que fiz mergulhos, sem colete salva vida. Não entrei nesse “bonde” para salvar vidas, nem mesmo para pesquisar as vidas que se produzem nas batalhas de poesia, nas batalhas da vida. Estava sim, interessada em pesquisar e me produzir no e com o coletivo, e assim produzir pesquisas que digam de minha vida também, como fiz ao longo deste exercício constante de cartografar os movimentos e as batalhas em que estamos inseridas e que atentam para a produção de visibilidades, escuta

poética, fortalecimento das vozes silenciadas, nas disputas político poéticas e nos encontros-batalhas.

As batalhas poéticas, conhecidas com *Poetry Slam*, ou simplesmente *Slam*, têm uma dinâmica própria de funcionar e atendem às especificidades regionais, mas a grosso modo, seguem os mesmos critérios de quase todo o Brasil e de edições internacionais, tais como: cada poeta tem até três minutos para apresentar a sua poesia, pode apresentar entre duas a três poesias inéditas, que são submetidas a avaliação do júri escolhido minutos antes da cada competição; não é permitido o uso de qualquer outro recurso além da leitura ou declamação da poesia, e em seguida é escolhido o poema que obtiver a maior pontuação e quem obtiver a maior pontuação em todas as edições vai acumulando para concorrer a etapa nacional e em seguida ao Campeonato Internacional. Todo esse universo, funciona como uma mística, como um chamado a uma experimentação como pesquisadora-poeta. Assim, acompanhei em Belém, os “rolês”, os passeios, as batalhas, e sempre sou surpreendida e me encanto a cada edição, a cada encontro, seja como jurada, como plateia, como poeta, como fotógrafa, ou como pesquisadora rolezeira e, assim, sentir a força e as “bruxarias” que são produzidas. Em uma das edições até inventei uma maquinaria chamada de “Escuta poética: me conte o seu conto”, utilizando a poesia como dispositivo de escuta po(ética), e que virou uma ferramenta analítica de cuidado à mulheres moradoras da periferia de Belém e Ananindeua, com o projeto “Círculo das Manas” em parceria com o Coletivo de Mulheres de Ananindeua em Movimento (CMAM). Ananindeua, compõe a Região Metropolitana de Belém (RMB) e foi considerada a 4ª cidade mais violenta da Região Norte, de acordo com o Atlas da Violência de 2019 – IPEA. E se considerarmos os casos de feminicídio, essa realidade se torna ainda mais violenta, tanto para as mulheres que são vítimas quanto para as sobreviventes desse tipo de violência na cidade que outrora ficou conhecida como a “cidade dormitório”, para onde seus moradores retornavam no final do dia, após uma longa jornada

de trabalho ou andanças em busca de um lugar ao sol, na cidade vizinha, Belém. “Ananindeusa” também, pelas lentes do poeta Rubens de Almeida.

E assim é que Dandara, do Norte, se fez e se faz presente nos corpos políticos-poéticos das mulheres amazônidas:

Salve Dandara, salve Tereza de Benguela, salve Dina Di, salve Camila CDD, salve Negra Li, salve Dilma, salve Shaira Mana Josy, salve Marielle Franco vive, e presente, mulheres que fizeram e fazem história, travaram várias lutas diária, bateram e batem de frente com o patriarcado.

Mulheres que foram assassinadas, injustiçadas

Mulheres que não se calaram diante da opressão, mulher que tentaram falar, umas calaram, mas muitas ainda vivem pra gritar as agressões as opressões.

Salve Gloriane minha mãe empregada doméstica desde os 8 anos uma guerreira que um dia não teve nem o que calçar.

Salve todas as mulheres do mundo que tiveram forças para denunciar a agressões um minuto de silêncio à todas que foram vítimas de feminicídio.

Glau, 2019.

Glauciane Suellen, se apresenta artisticamente como Glau, é moradora da cidade de Benevides (RMB), e chegou no *Slam* Dandaras do Norte para mostrar a sua indignação poética, sua música, sua rima, sua história e memória das desigualdades que viveu e que vive, que luta e que resiste por meio de suas produções de vida. Poeta idealizadora e coordenadora do *Slam* Liberdade, o segundo *Slam* da RMB.

Seguimos com mais Dandaras do Norte, mais Glau!

País da ordem e do progresso

Mas tudo que vejo é desordem e regresso, a cada dia que passa o Brasil se torna mais revel, a cada dia que passa ocorre o regresso na saúde e na educação.

País onde RAFA BRAGA tá preso inocente e João de deus estuprador tá solto país onde Aline Brasil ministra do trabalho não paga os funcionários país onde a vereadora Marielle Franco militante feminista, lésbica, mulher negra foi assassinada.

País onde polícia e traficantes trocam tiros e acertam MARCOS VINÍCIUS e outras pessoas perdidas no fogo cruzado que a bala perdida foi alojada.

País onde os professores são agredidos nas salas de aula

País onde os professores tem que irem pras ruas protestas seus direitos.

País da ordem e do progresso, mas tudo que vejo é desordem e regresso

País onde gastam bilhões em estádios de futebol e deixa um caos os hospitais país onde constroem mais delegacias e presídios e fecham escolas começam uma suposta reforma e não entregam a obra

País onde muitos morrem na fila do sus

País onde a cada 23 minutos morre uma pessoa negra

País onde entre 83 países tá na sétima posição das nações mais violentas para as mulheres

País onde 12 mulheres em média são assassinadas por dia.

País da ordem e do progresso mais tudo que vejo é desordem e regresso País onde um trabalhador dito como normal recebe 954 reais e um vereador recebe 5 vezes mais que um trabalhador...PÁTRIA AMADA IDOLATRADA SALVE SALVE...PAÍS DA ORDEM E DO PROGRESSO MAIS TUDO QUE EU VEJO É DESORDEM E REGRESSO.

(Glau, 2019).

Assim é caminhar com as Dandaras do Norte...

Isso aqui é um vira tempo! Eu me reportei para o filme do Harry Potter!

Declaração de uma jovem poeta de 70 anos em uma das Edições do *Slam* Dandaras do Norte, no dia 18 de março de 2018. Foi ali no Hall da Fundação Cultural Tancredo Neves em Belém do PA, que a “dra. Poesia”, que também é uma das autoras deste texto-rizoma, instalou sua Tenda Poética. Era uma manhã de domingo e a agenda cartográfica era de escuta poética. Ela foi pronta para a batalha; munida de pequenos poemas impressos em papel A4, alguns livros de poesia e de psicologia política, um pequeno vaso de manjerição, uma plaquinha com as inscrições “coisas boas acontecem aqui”, uma sombrinha psicodélica, umas almofadas, um tapete indiano, duas maracas e um *desejo enorme de revolucionar...* (ARANTES, 1998).

Foi em meio a uma batalha e ao som de música preta, brechó, pinturas corporais, venda de comidas e circulação de gente, que uma escuta ocorreu. Não era um consultório de psicologia nos moldes que se conhece e não obedecia a nenhum protocolo de atendimento, mas sim a um princípio ético: ser mais um espaço de escuta, de trocas afetivas por meio das composições poéticas, de uma escuta poética. Os que ali pararam, sentaram, deitaram, falaram e até declamaram, fizeram-no de forma espontânea e foram informados de que se tratava de mais um espaço de escuta que poderia compor o corpo de um estudo e que, caso isso fosse feito, teriam sua identidade preservada, mas que até então se constituía como um dos efeitos do encontro, da conexão entre a cartógrafa-psicóloga-poeta e as Dandaras do Norte. Na página eletrônica do *Slam* no *Face Book* e no *Instagram*, principais canais de comunicação de chamado à batalha, há também um *release* dessa invenção.

Neste processo de doutoramento, e em meio as vivências poéticas com as Dandaras do Norte, uma cartografia vai se montando, um mapa vai sendo construído a partir das várias

entradas que se apresentam e outras que são produzidas. Esse mapa comporta as batalhas, as amizades, os afetos, as cumplicidades, os conflitos, as disputas, as descobertas, a intensidade daquilo que à primeira vista se apresenta como uma batalha de poesia, mas que abre para outros mundos, para outras possibilidades de existências dos que ali “colaram” e daqueles que colam a cada edição. E quem mapeia se apresenta ora com a poeta, ora como pesquisadora, ora como cartógrafa, ora como “dra. poesia”, que se faz cartógrafa de si no meio das Dandaras. Não se deixando decalcar, pois está atenta às capturas e tentativas de neutralidades mornas e que possam tirar-lhe a potência de existir e de escrever sobre o vivido por meio das múltiplas entradas e múltiplas saídas. “Fazer o mapa, não o decalque. A orquídea não reproduz o decalque da vespa, ela compõe um mapa com a vespa no seio de um rizoma. Se o mapa se opõe ao decalque é por estar inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real”. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 30).

Assim, do início do ano de 2017 à 2019, acompanhei o *Slam* Dandaras do Norte em Belém-PA, campeonato de poesia que já existe em várias capitais do Brasil várias edições de batalhas de poesias em todo o Brasil. Em média ocorrem de 04 a 05 edições por ano em cada capital, para a partir daí eleger um/uma finalista que irá concorrer a uma vaga ao *Slam* BR, que ocorrem em São Paulo e que aponta para um/uma finalista que competirá no *Slam* Internacional, que acontece em Paris. É uma competição que acolhe um público predominantemente periférico, combativo, inventivo e que não lhes cobra credências acadêmicas, estilos literários rebuscados. O chamado é para pôr em palavras, por meio de batidas, *Slams*, o que os incomoda, instiga, fere ou alegra-os.

“Rima, métrica, estrofe? Para o *Slam*, nada disso é regra: a poesia é falada, e os artistas têm muito mais liberdade. Diferentemente da poesia considerada clássica, o verso é livre, e as inspirações vêm do repente, do rap e, sobretudo, do hip-hop”¹⁴.

Temas como racismo, violência doméstica, solidão da mulher negra, acesso à educação pública, relações abusivas, homofobia, gordofobia, glbtfobia, poder patriarcal, acesso à cidade, são comuns nas batalhas políticas poéticas. Verdadeiras aulas públicas proferidas por quem sente e é atravessado por tais temáticas.

A minha poesia fala da menina preta do interior do estado que se recusa a ser aquela que vem para cidade para cuidar da menina branca e ainda ser assediada pelo ‘patrão’, que diz ser ela um membro da família.

O trecho acima é parte de uma poesia declamada por uma *slammer* do *Slam* Dandaras do Norte na edição de novembro de 2019 em Belém, e foi classificada para competir “no nacional”, em SP em dezembro de 2019. Essa foi a primeira viagem da poeta para fora do estado e a primeira experiência em um evento do porte do que é o Encontro Nacional de *Slam* BR. Belém foi a primeira capital do Norte do País a organizar o campeonato de poesia falada e participa das competições nacionais desde sua criação, em 2017. De lá para cá já ocorreram muitos encontros-batalhas e acontecimentos singulares que aumentaram, e por vezes, diminuíram, a potência de agir que tem vive o movimento de perto, de dentro, e de fora.

Quando iniciei no Slam Dandaras do Norte eu entendi que aquilo pra mim seria um espaço de cura. E realmente é o que ocorre todas as vezes que temos a chance de nos fazer ser ouvidas e de ouvir outras mulheres.

¹⁴ https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/04/18/interna_diversao_arte,750154/slam-poesia-com-identidade.shtml. Acesso em: 05-03-2020.

Nos encontramos uma vez por mês e em eventos por Belém e redondezas, mas apesar dos poucos encontros somos unidas e buscamos o mesmo objetivo de crescimento. E crescemos. E nos curamos. Nos tornamos mais fortes por termos umas às outras.

E eu sempre serei eternamente grata por todo afeto e conhecimento partilhados nesse ambiente.

Liz Silva, 2020.

Os espaços em que ocorrem as competições tem uma variação também e se dão por meio de convites, convocatórias, articulações políticas, vínculos de amizade, e vão de praças públicas, passando por bibliotecas comunitárias, casas de terreiros, centros comunitários e centros culturais.

Foi na Nossa Biblioteca, Liz se apresentou e garantiu a sua vaga ao *Slam* BR, em uma manhã de domingo no espaço Nossa Biblioteca, a mesma biblioteca onde estava Carolina Maria de Jesus, a jurada que se inscreveu na fotoGrafia naquela final. Foi em meio aos livros comunitários, que a poeta Liz apresentou a sua

Luz de lamparina

Sob a luz de lamparina crescia a menina...

Conforme a letra dos miseráveis a tragédia precisa cedo bater à porta. Ela viria. Na casa que já tão cedo cheirava a álcool e miséria, era sempre esperado os sinais de choro, pra menina ele veio aos 9 anos, quando ela se tornou filha de boto.

Sem pai. O script seguia à risca, mas se nos contos de fadas tem fada madrinha, na minha história real tem mãe rainha.

E ela, pegou 7 filhos e alinhou todos nos braços, sobreviveu por nós diariamente e mesmo depois de outro dia de cansaço, ia pra minha rede contar histórias sobre seu livro sagrado.

Quando há falta de tudo na mesa, você sobrevive como pode. A fuga da casa escura veio das páginas dos livros que minha mãe catava no lixo limpava e dizia: achei que tu ias gostar filha. Achei outro sonho pra te sonhar, filha.

Mãe, eu ainda tô no sonho. Eu aprendi na prática que a educação enche sim a barriga quando a senhora, faxineira da escola, trazia os restos de merenda pra alimentar sua família.

E eu continuo comendo no prato que a escola me deu. E eu continuo lutando pra dar espaço nesse mesmo prato pros meus.

Enquanto o curto pavio da lamparina queimava, a luz de fora ia se esvaindo, a minha mente absorvia as histórias e eu engolia todas as palavras daquele livro sem imaginar que um dia seria dessa mesma luz que os meus ainda iriam usar pra se salvar.

É só a história de uma menina crescendo sob a luz de lamparina. Mas hj, eu não cresço sozinha.

Liz Silva, 2019.

Figura 09: Poeta Liz (Instagram: Slam BR)

E foi no QR, na Praça da República que eu vi BorBlue pela primeira vez, era a terceira edição do ano de 2017 e em 2018, ela representou o *Slam* Dandaras do Norte no *Slam* BR em São Paulo, que é o encontro de todos os *Slams* do Brasil e que acontece anualmente na capital paulista.

Chega aí BorBlue!

O que tu entendes por superioridade? Só porque vive num padrão de cidade acha que é errado o que a gente faz, duvida da nossa capacidade e entende por capaz ter nascido branco, rico e dar ordem pra capataz... Diz que a forma como vivo tá ultrapassada, tem que mudar porque é primitivo... Cava meu chão, rouba nossas riquezas, invade nossas terras e até me chama de índio, como se fosse ofensa, que doido! Vai no Ver-o-Peso, tira uma self e diz que tá contemplando a beleza. Eu acho graça, mas é de tristeza. É que a gente teve que aprender a rir da própria desgraça... Faz o papel perfeito da história mal contada Um povo “receptivo” que foi obrigado a aceitar suas tralhas. Que nos escravizou e diz na escola que eu troquei pau-brasil por prata?! E nos matavam porque nossas flechas eram mais lentas que suas armas... gente branca dominou, já tava experiente, trazia preto na mala... branco mata, branco prende junto, branco se lasca! Branco fez índio conhecer senzala... Cansamos dos seus abusos, das suas ordens e seus estupros, de suas limitações... agora invadem nossas terras com seus prédios e construções. Pintam uma vida feliz e perfeita, a modernidade e suas ilusões, que me promete céus, terras e uns milhões, mas me paga com bala de fuzil porque tá ultrapassado usar canhões... Qual foi doido? Porque tu tá rindo se é tu que tá fazendo feio, que tá por fora, nos discrimina, não tem respeito com a nossa cultura e acha que cocar se compra em loja Diz que falo errado, mas desde que nasci fui influenciado pelo português e a culpa é de vocês, eu não falar tupi. Eu vi, eu vi e vejo sua arrogância e indiferença quando eu chego e tua expressão grita de me ver aqui, porque no fundo tu acha que eu não mereço, me invisibiliza e exclui do rolê e sem querer me ofender, só acha que índio não socializa... Mano! índio tá fazendo poesia. E veio aqui dizer que quando vocês não existiam era melhor a nossa vida... pra mim não faz muita diferença tua opinião, sobre meus costumes, problema é teu se tu gostas ou não. E se nós xia igual panela mano, é porque nós é pressão, cuidado que nós é macumbeiro e faz amarração, tem fama de feiticeiro e pra vocês isso nem é uma religião... pode invadir nosso terreiro, queimar nossas roupas, quebrar imagem. Mas é caboco que me guia, exu que me protege e a gente adora andar com a

malandragem... E assim a gente vai resistindo, os pajés, as benzedadeiras, os caboquinhos os curumins, os feiticeiros, os irmãos e irmãs. E eu tenho maior orgulho de ter uma mãe de santo trans... Hoje eu vim dizer que tô cansado de sair do meu lugar pra ter oportunidade, eu não tenho que provar nada nessa cidade. E pode me dar a nota que vocês sentirem vontade, porque hoje eu não vim pra ganhar dez, eu vim só falar umas verdades...

BorBlue, 2018.

BorBlue é da primeira formação do Slam. BorBlue é do *Slam*, é do mundo, e é de si. Escrita e existência afiada, atenta ao que está ao seu redor, faminta por fazer da sua arte-vida um manifesto à liberdade, à igualdade, a sexualidade sem etiquetas, e ao amor próprio.

O *Slam* em si, se caracteriza como movimento espontâneo, onde quem quer falar ou declamar seus poemas, é só chegar! Não precisa que estes estejam publicados em algum livro, revista, periódico, ou qualquer outro meio impresso. A poesia ganha vida no momento da sua apresentação, nos três minutos cronometrados, definidos pelos critérios do campeonato, mas que podem ter um alcance e reverberação indefinida. Depois que sai da boca, faz o seu próprio movimento. *Slam* é movimento!

No caso do *Slam* Dandaras do Norte, que acompanhei, senti e me movimenteiei junto com as manas, desde quando surgiu, em 2017, de lá pra cá, muitas poetisas se apresentaram, colaram, contribuíram, discotecaram e seguem se produzindo na arte de existir e resistir. Como movimento heterogêneo de mulheres amazônidas, pretas, afro indígenas, periféricas, e com múltiplas vivências da sexualidade, nesses três anos de existência, passou e passa por mudanças na sua formação e atuação, crises, encontros e desencontros, alegrias, honrarias¹⁵, incertezas, porém mantém um princípio, qual seja: que a poesia tenha voz e vez, que toda poesia sai do armário. Que as Anastácias colem com as Dandaras e que todas possam falar, sem máscaras.

A discotecagem é um elemento importante também nas atividades que envolvem as batalhas de poesia, o DJ funciona como uma espécie de poeta também, poeta ladrão, ou “leitor ladrão”, que é como Daniel Lins (2010), identifica o DJ. Uma espécie de “ladrão autoral”, pois no momento em que este produz as suas próprias mixagens, a partir das obras

¹⁵ Assembleia Legislativa do Estado do Pará (ALEPA).

originais, se mistura, se expande e se conecta com os corpos que dançam, que sentem suas batidas poéticas.

De início de 2017 até março de 2020, duas DJs assumiram as *pick-ups* no *Slam* Dandaras do Norte. Atualmente quem está produzindo a discotecagem é a DJ Jake Sainha, anteriormente quem estava no comando era a DJ Ananindeusa¹⁶, que além de discotecar, participava das batalhas também. Mulher afro-ameríndia que continua no *front* produzindo seus sons e fazendo ecoar a sua voz.

A presença e as invenções do DJ nos campeonatos de *Slam*, também compõem as batidas poéticas que tanto encantam e tocam quem participa de algum modo do jogo poético. É parte importante da mística da cura, se acreditarmos que *toda poesia cura*, é que a literatura é uma saúde, como anunciou Deleuze (...).

Com vocês Jake Sainha!

Ser DJ é mais uma das tantas fantasias que coloco no meu corpo. É a manifestação de mais uma das tantas mulheres que me habitam.

Quando eu toco minha *pick-up*, penso em tocar as pessoas. Penso no transbordamento que que a música provoca. Quero ver as almas se libertando de males e se remexerem ao meu som. Isso é o grande barato.

E tocar as pessoas vai além, é sobre encorajar ou ser inspiração para mulheres que queiram deixar vir essa versão Dj que pode habitá-las também. Porque assim como eu, antes decidir me enveredar nesse caminho, muitas se sentem pouco incentivadas por ser um universo ainda muito dominado por homens. Mas aí usei isso como mais um desafio a superar e me joguei.

Por isso que ser uma "Djeia" também é um ato político e ocupar espaços que disseram que não seriam pra mim e eu decidi usar isso por nós mulheres.

Tocar no *Slam* Dandaras é a oportunidade de potencializar esse ato político porque é me juntar com tantas, com as minhas que querem e sofrem o mesmo que eu nas nossas quebradas. Tocar no *Slam* é dar as mãos e dar o mesmo recado e falar do que nos afeta, revolta, dói, em forma de poesia e música, e ao mesmo tempo buscar curar e ser cura pra tudo isso. Estar no *Slam* é revolucionário, é usar a música, o meu instrumento (a *pick-up*) como um bálsamo e ao mesmo tempo como arma de combate!

¹⁶ Carol Pabiq Ananindeusa Afroameríndia, artista, poetisa, dj, professora e feminista negra. <https://www.youtube.com/watch?v=NXaQ4OxYv6Q>. Acesso em: 06/02/2019.

DJ Jack Sainha, 2020.

Segue uma sequência de imagens-movimentos das andanças cartográficas e a produção de uma tese-batalha:

Figura 10: Festival M.A.N.A – Poeta Borblue - Belém/PA (Acervo Facebook Slam Dandaras do Norte)

Figura 11: Escuta poética: me conte o seu conto! *Slam Dandaras do Norte* – Fundação Cultural Tancredo Neves/PA (Acervo pessoal)

Figura 11.1: Escuta poética: me conte o seu conto - *Slam Dandaras* do Norte – Fundação Cultural Tancredo Neves/PA (Acervo pessoal)

Figura 11.2: Escuta poética: me conte o seu conto! - *Slam Dandaras* do Norte
Fundação Cultural Tancredo Neves/PA (Acervo pessoal)

Figura 12: *Slam Dandaras do Norte* - Instituto Nangetu – Belém/PA (Acervo pessoal)

Figura 12.1: Slam Dandaras do Norte e Pedala Mana - Instituto Nangetu – Belém/PA (Acervo pessoal)

Figura 13: Rua (Acervo pessoal)

Figura 14: Rua... Padaria (Acervo pessoal)

Figura 15: *Slam* Dandaras do Norte
23ª Feira Panamazônica do Livro – Belém/PA (Acervo pessoal)

Figura 16: Biblioteca da UNAMA-PA (Acervo pessoal)

Figura: 16 - Slam Dandaras do Norte/Pedala Mana/Manas
Instituto Nangetu – Belém/PA (Acervo pessoal)

O movimento desta escrita se fez nos encontros-acontecimentos, via experimentações cartográficas. Experimentações que não pedem passagem para se expandir, que não necessitam de porta voz, que não se fixam em verdades pré-escritas, que se desviam das estruturas de poderes-coisas e se aproximam das potências de existir e re-existir. É uma escrita rizoma! Portanto, uma escrita resistência e não sobre a resistência. Por isso escrever uma tese que aborde os movimentos de resistência em produção na atualidade, e nessa pesquisa, acompanhar e se conectar às produções poéticas de mulheres poetisas, pretas e moradoras da periferia da cidade de Belém-PA, tem se constituído como uma batalha, uma partilha e uma saúde. Pensando saúde pelo viés da literatura e em concordância com a afirmação de Deleuze de que “a literatura é uma saúde” (DELEUZE, 1997, p. 9), assim como pensar o rizoma como resistência, já que, dentre suas várias facetas, nos chama a atenção o modo de escrever rizomático “por intermédio de *slogans*: faça rizoma e não raiz, nunca plante! Não semeie, pique! Não seja nem uno nem, múltiplo, seja multiplicidade! Faça a linha e nunca o ponto!” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.48).

A errante e o encontro com as Dandaras do Norte: devir cartógrafa em produção

Desse modo, parto de Belém, onde aconteceu o campo de pesquisa de doutorado, e me desloco para outros lugares que fazem ponte com as interrogações aqui propostas, tendo o coletivo de poetisas *Slam Dandaras do Norte* como fonte-*front* na produção do estudo. Vale demarcar que não as vejo só como fonte de pesquisa; essa imagem não é digna de suas vidas afrontosas e afirmativas. Assim, o duplo também comunica uma ponte que liga a fonte (de pesquisa) e o front, que diz da vida das mulheres que estão à frente das lutas, que pautam suas próprias existências, que estão no front das batalhas poéticas e das batalhas cotidianas. É uma ligação-travessia.

Devir Cartógrafa...

Pesquisadora aberta as afecções do que não pára de passar, sujeita às experimentações e atenta ao caráter cortante da máquina que escreve e corta certezas, tece mundos, formula questões, que se conecta com os coletivos de resistência, e que se encontra com as manas, com os manos, com as minas, com as monas e com as monstras.

Tanto as Dandaras do Norte, quanto os Poetas Ambulantes, um bando de poetas da cidade de São Paulo, e demais poetas que se inscrevem neste artigo e em nossos corpos, te interrogam, te convocam, te invadem, te deslocam! Cada um e cada uma ti chega de um jeito, numa espécie de dança, batuque, truque, poesia subversiva e intensiva. Bem sei que cada poeta que encontramos é uma multidão, mas tenho me perguntado: o que habita essa multidão? Como se desloca, desdobra, desfazem o tanto de sofrimento que contêm em seus versos? Como rimam poesia com anarquia? São inquietações, eu diria, prazerosas, no sentido de que não houve pressa de chegar, adentrar, vasculhar. Bisbilhotar!

O “bonde das manas” *Slam* Dandaras do Norte, bonde que nessa CartoGrafia grafa sobre um bando de poetas que se encontra desde abril de 2017 para protagonizar suas existências por meio das batalhas de poesia e produzir atentados poéticos. Verdadeiras batalhas por uma vida alegre e afirmativa.

Cartografar o coletivo *Slam* Dandaras do Norte é lançar-se não só no bonde da poesia falada, bonde das manas mães que declamam com seus filhos no colo, ou que deixam sobre os cuidados de outras mulheres, ou do pai, vizinhos e familiares. É também lançar-se no bonde de mulheres que têm no *Slam* um espaço não só de encontro com as outras manas, mas também consigo, com sua atuação no mundo, que têm dúvidas e certezas, consensos e dissensos a respeito dos espaços que ocupam e das apostas que fazem na busca por reconhecimento, pertencimento e visibilidade. Falas como: *aqui no Slam eu me sinto inteira,*

ou ah, eu posso dizer o que eu não tenho coragem de dizer nem em casa, aqui eu posso dizer o quanto é foda ser mãe solo, posso até dizer até que não gosto de ser mãe.

Os movimentos são sempre diferentes: é uma mana que se apresenta pela primeira vez, é outra que veio de uma cidade fora da capital só para conhecer e participar do coletivo, uma que anteriormente declamava e em outro momento se apresenta como cantora, maquiadora, performer. E assim, nunca uma edição é igual a anterior, mesmo em meio a uma certa repetição, que nesse caso é a convocação a produzir poesia, falar de si, se tocar. O grito de guerra é a convocatória e a ativação a ser uma Dandara:

Guerreiras, rainhas, mulheres de resistência

Dandaras do Norte só Slam de consciência!

Um aspecto que chama a atenção é o modo como elas desmontam os discursos e práticas hegemônicas e patriarcais por meio da poesia; como transformam a dureza da vida em escrita manifesto, escrita denúncia, escrita batalha, e passeiam entre a poesia, a grafiteagem, a música, as discotecagens, a dança; ao brechó, ao café com pupunha, que é um momento de bate papo dentro do *Slam*, dos encontros. Isso foi para mim, tem sido, uma potente descoberta. Foi um encontro não só com elas, mas também comigo, com minhas batalhas, alegrias e poesias. É um encontro com as forças desarmadas, com uma política da amizade, com a produção de um cuidado de si e de resistência ridente, em meio a fugas e capturas.

O encontro com o *Slam* Dandaras do Norte se deu em meio às andarilhagens da pesquisadora cartógrafa, que foi fisgada pela batalha poética e pelo modo pouco convencional de produzir, declamar e convocar outras mulheres a se juntar à batalha. Uma convocação ao mesmo tempo suave e cortante. Elas estão sempre atentas às demandas que

incidem diretamente em seus corpos e nos corpos das outras manas-mulheres. Foi um encontro com uma pilha de livros, livros ambulantes, livros falantes, cortantes e que operou como um agenciamento, literalmente!

Não se perguntará nunca o que um livro quer dizer, significado ou significante, não se buscará nada compreender num livro, perguntar-se-á com o que ele funciona, em conexão com o que ele faz ou não passar intensidades, em que multiplicidades ele se introduz e metamorfoseia a sua, com que corpos sem órgãos ele se faz convergir o seu. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.18).

Sem tomá-las como objetos, as aproximações se deram sem uma definição prévia de como seriam ou para que fins serviriam, havia sim uma aposta nas vidas que ali pulsavam, passavam, passam e resistem. Um encontro-atravessamento, que provocou conexões e criações diversas entre os corpos vibráteis e que nos convocou ao exercício de ouvi-las atentamente, e o desejo de produzir junto com elas uma tese-batalha, com dignidade, alteridade, com uma poética.

Até aqui me conecto com o cheiro, com o som, o eco de vozes que foram silenciadas, mas que se reinventam a cada edição, com as bonitezas e as tristezas, os versos e reversos. Seguir com esse bonde, ora na plateia, ora no palco, nas calçadas, como jurada e seguidora nas redes sociais. Segui-las é um bom programa, é quase um espetáculo, em que se pode ver e se conectar com uma potente discotecagem, uns grafites lindos, garimpar nos brechós, participar de rodas de conversas, encontrar com manas, com as minas, com as monas nos espaços públicos da cidade. A cada batalha do *Slam* Dandaras do Norte um espaço é ocupado, tomado por elas e por aqueles que são convocados por meio de chamados nas redes sociais e presenciais.

Naquele domingo de sol, a praça da República estava especialmente iluminada e

tomada por Dandaras, movimento negro, ambulantes, casais, artesões, capoeiristas, carimboleiros e carimboleiras, e vendedores de balões e de acarajé. Era julho de 2017, era verão amazônico!

Foi um *Slam* especial, foi a minha estreia na terra da poesia subversiva, junto àquelas meninas gigantes. Ali, a língua menor não tinha pátria, e o acarajé dava o tom da brasilidade e ancestralidade belenense. Uma vendedora baiana, residente em Belém, oferecia seus quitutes e compartilhava sua história de resistência quilombola no Quilombo da República. A batalha foi na Praça da República e o poema de estreia foi:

DescomBater

Eu gosto mesmo é de descomBater
 bater na impotência do que se diz gigante
 O descombate é muito mais potente do que a força bruta
 que desajustada, desfocada e sedenta de poder
 está carente de potência.

A produção de corpos políticos e poéticos em rede e na rede: uma experimentação

Esse rolê aborda o percurso de uma experimentação vivenciada na produção de uma oficina de *Slam* no 13º Congresso Internacional da Rede Unida, ocorrido na cidade de Manaus-PA no ano de 2018. Com o título de “Oficina de *Slam* Dandaras do Norte: como se produzir como corpo político poético? As autoras apresentam o percurso da construção da oficina, desde a sua chamada até a chegada das proponentes no espaço de produção da poesia falada, e põe em cena o que foi produzido no Congresso. A proposição e provocação da oficina surgiu da necessidade de intercâmbio entre as poetisas do Norte, congressistas e

interessados no eixo temático: saúde, cultura e arte, e foi executada por mim e pela “Mana Josy”, coordenadora do *Slam* Dandaras do Norte, com a ajuda das demais integrantes do *Slam*, seja na proposta escrita, seja na ajuda financeira para o custeio da viagem e estadia. Só foi possível por conta das muitas mãos e do esforço dos que apostaram na poesia extraída da vivência de cada uma.

Essa poesia, extraída da própria vida, se constitui como ferramenta de luta, de produção de conhecimento e de pertencimento. Assim, a proposição da oficina-batalha teve por objetivo ocupar os espaços que até então não eram considerados, por mais paradoxal seja, “lugar de poesia”, nesse caso, ocupar cada vez mais as academias, as bibliotecas e os espaço intelectualizados ou especializados, além das praças e ruas que já compõem o território de produção dos *slam*’s, este que é campeonato da poesia, nas palavras de Roberta Estrela D’alva.

Seguimos em direção a cidade de Manaus a fim de ouvir, compartilhar e produzir rimas poéticas, com o desejo de alargar e conectar à rede de poetas da região Norte. Assim, a oficina se constitui como uma verdadeira máquina de guerra afetiva e efetiva do ponto de vista de produzir movimento de escrita, expressão e explosão de si. “É necessário saber fazer os encontros que nos convém” (DELEUZE, 2019, p. 55).

A oficina foi conduzida por nós e pensada por tantas outras *slammers*. A experimentação produziu interferências no congresso, nas participantes e nas proponentes, que puderam compartilhar um pouco do que se fabrica em Belém em termos de ocupação e invasão dos espaços públicos, como espaços de afirmação de mulheres poetas pretas, periféricas, livres e, sobretudo, deu visibilidade a um tipo de resistência que tem na poesia sua aliada e que produz alianças que ajudam enfrentar os endurecimentos do cotidiano.

Propor uma oficina-encontro de *Slam* no 13º Congresso Internacional da Rede Unida, cujo tema é: faz escuro, mas cantamos: redes em re-existência nos encontros das águas, é

oportunizar que mais mulheres possam se expressar através da poesia, se conectem por meio de todos os elementos que compõem as batalhas, como a discotecagem, grafitagem, música e dança. Tudo produzido no calor das descobertas, possibilitando assim o fortalecimento de redes e produção de espaços políticos poéticos, além da divulgação do que vem sendo produzido como conhecimento acadêmico pouco explorado. A proposta de oficina foi mesmo uma experimentação cartográfica que possibilitasse acolher, conversar, ativar o desejo de escrita político poética e que pudesse ganhar corpo e se expandir cada vez mais.

“Querido diário!”

Já estamos a bordo! Aqui nesse fragmento não se pretende contar histórias, fazer descrições, interpretações ou apresentar observações do que ocorreu na Oficina da Rede e em rede. Ele pretende tão somente ser uma pequena lanterna sob e por dentro dos diários, cadernos de anotações, pensamentos, reflexões, muitas das vezes solitários, ideias, algumas compartilhadas, mas não escritas no papel, mais na pele, fragmentos de escritas espalhadas pelos acantos, gavetas e papel de “embrulho”, assim como escritas-poesias que já estão andando com suas próprias pernas e espíritos (livres). Muitos contos foram contados pelo grupo de pessoas que se ativaram para participar da experimentação. Após as falas disparadoras das poetisas e mediadoras e o convite à batalha de poesia, os poemas produzidos em ato foram superintendentes, sobretudo, para quem a princípio acreditava que não conseguiria falar por meio da poesia. O que dizer quando se tem a possibilidade de estar no exato momento de criação de sujeitos poéticos? Interpretar, jamais! ConVersar, rimar, rir, mar, rimar com verso! Assim aconteceu o encontro e as produções-conversações entre as autoras-poetisas e as congressistas-poetisas. Tudo ali aonde o corpo pedia passagem para virar grafias, narrativas de si, e acionavam a memória a transformá-la em histórias.

Às Dandaras do Norte

Figura 17: Oficina Corpo poético - Congresso da Rede Unida – Manaus/AM (Acervo pessoal)

Caminhar com as Dandaras do Norte, é trilhar uma nova desaprendizagem, uma nova experimentação e uma nova roupagem, delas e minha. Elas são multicores, são *black*, altas, vozes baixas, agudas, graves, e gravam seus poemas-denúncias nos espaços por onde circulam. Seus corpos são inscrições de afeto, autorretrato, sofrimento e amor. É impossível não se deixar cartografar! Elas simplesmente te invadem!

Foi em meio às Dandaras da atualidade e à Dandara de outrora, que uma carruagem nômade foi se produzindo, que invenções foram sendo experimentadas, devir esquizo, com a força de Dandara de outrora e das Dandaras do presente, da Dandara que não era só a esposa de Zumbi dos Palmares, mas aquela que:

liderava os palmarinos

Lado a lado com Zumbi

Entre espadas e outras armas

Escutava-se o zunir

Dos seus golpes tão certos

Que aplicava em ligeiros

Pra ferir ou confundir.

Jarid Arraes (2017)

Quem foi Dandara dos Palmares? Quem é Dandara?

Dandara dos Palmares

Se você já ouviu falar

Da história de Zumbi

Peço então sua atenção

Pro que eu vou contar aqui

Talvez você não conheça

Por incrível que pareça

Por isso eu vou insistir.

O Quilombo dos Palmares

Por Zumbi foi liderado
E nesse mesmo período
Dizem que ele foi casado
Com uma forte guerreira
Que tomou a dianteira
Pelo povo escravizando.

Foi Dandara o seu nome
Que é quase como lenda
Não há provas de sua vida
E talvez te surpreenda
Com um ar de fantasia
De coragem e de magia
Mas assim se compreenda.

Não há dados registrados
Sobre onde ela nasceu
Se foi ela brasileira
Ou na África cresceu
Se ela tinha liberdade
Ou se na dificuldade

Ela livre se verteu.
Com Zumbi teve três filhos
E seus nomes eu vou citar:
Motumbo, Aristogíton
E Harmódio a completar
Eram esses os rebentos
De um casal muito sedento
Que se uniu para lutar.

Mas Dandara não queria
Um papel limitador
Ser a mãe que cozinhava
Tendo um perfil cuidador
As batalhas lhe chamavam
E seus olhos despertavam
Pelo desafiador.

Guerrear pelo povo
Era o que lhe motivava
O sonho de liberdade
Para todos cultivava

Sendo muito decidida
Era até envaidecida
Pela força que ostentava.

Um fator que se destaca
Era o seu radicalismo
Pois não aceitava acordo
Com senhores do racismo
Que ofereciam terras
Para que acabasse a guerra
No interesse do cinismo.

Por que tinha bem certa
Uma baita opinião:
Liberdade para poucos
Não conforta o coração
O quilombo que existia
Para todos lutaria
Sem abrir uma exceção.

É por isso que Dandara

Tinha fé no guerrear

Confiava nas batalhas

Para tudo transformar

A paz só existiria

Pelo que conquistaria

Para a todos libertar.

Liderava os Palmarinos

Lado a lado com Zumbi

Entre espadas e outras armas

Escutava-se o zunir

Dos seus golpes tão certos

Que aplicava bem ligeiros

Pra ferir ou confundir.

Certa vez, numa viagem

Sugeriu a invasão

Da cidade de Recife

No meio de um sopetão

E Zumbi ficou chocado

Até mesmo impressionado

Por tamanha ambição.

Não chegaram a completar

O seu plano audacioso

Mas notamos nesse caso

Um exemplo grandioso

Da bravura que mostrava

E Dandara assim reinava

Com Palmares orgulhoso.

Então vale imaginar

As ações que aconteciam

Que os guerreiros de Palmares

Com Dandara concluíam

As senzalas arrombavam

Plantações até queimavam

E em poder evoluíam.

O quilombo dos Palmares

Era assim tão majestoso

Que os brancos despeitados
Tinham um medo horroroso
Planejavam o destruir
Sendo o ataque desastroso.

Muitos anos desse modo
Foi Palmares resistindo
Até que um final ataque
Acabou lhe destruindo
E Zumbi traçou a fuga
Para não largar a luta
Pela mata foi partindo.

Mas Dandara, encurralada
Teve só uma opção
Pra não ser capturada
Nem cair na escravidão
Atirou-se da pedreira
Com convicção inteira
De negar-se à prisão.

Até mesmo a sua morte
De heroísmo foi repleta
E a mensagem que anuncia
Entendemos bem completa:
Rejeitar a rendição
É a nossa condição
Com um grito de alerta.

Há quem diga que Dandara
É um símbolo lendário
Que está representando
Um poder imaginário
Heroína para a gente
Como deusa que ardente
Traz o revolucionário

Se existiu como se conta
Ou se lenda representa
Para mim tudo resume
Essa luta que apresenta
Baluarte feminina

A guerreira palmarina
Na memória se sustenta.

Dia 20 de novembro
Dia de lembrar de Zumbi
É também dessa Dandara

Que devemos incluir
O seu nome celebrado
Sim, merece ser honrado

E no peito se sentir.

Jarid Arraes (2017)

Rolê IV: Conexão Belém-São Paulo e a produção de uma tese-batalha

Uma vez poetas ambulantes e nada será como antes!

Ao assistir o primeiro episódio do documentário “Essa vida é uma viagem”, do coletivo de Poetas Ambulantes, de São Paulo, percebi o quanto a poesia rima com a cartografia, mas também o quanto a poesia rima com rebeldia. Essa *web* série, é dirigida pela produtora Chamai Leone (2017), põe em cena as vozes e trajetórias de um grupo de poetas que circula pela cidade de São Paulo nas linhas de metrô, ônibus, trens e que produz encontros poéticos nos coletivos, ocupam praças, ruas, esquinas; sempre em bandos, como poetas lobos que andam em matilha.

Uma vez poetas ambulantes e nada será como antes! Assim, declamam os Poetas Ambulantes ao descerem dos ônibus e metrô da cidade de São Paulo, após uma intensa rodada de poesias para o público que retorna de suas atividades laborais, quando o coletivo urbano se transforma em um sarau no coletivo ambulante e intensamente fugaz, uma vez que, nas próximas paradas, o grupo se despede das amizades e alianças ali construídas e desce, mas já não somos mais os mesmos, porque uma vez poetas ambulantes e nada será como antes!

Tive a honra de embarcar em uma dessas viagens poéticas com o bando de Poetas Ambulantes, no pré-carnaval de 2018, vesti minha fantasia de alegria e acompanhei o bando *tocando coisas de amor...*

O ponto de encontro era o SESC Pompéia, tendo como referência para essa andarilha, a Avenida Francisco Matarazzo, Zona Oeste de São Paulo, para onde me desloco no final de uma tarde ensolarada e pré-carnavalesca da Paulicéia. Tomo um metrô, depois um ônibus, seguido de uma caminhada, saindo do bairro Aclimação - Zona Sul, bairro onde me hospedo quando das andanças de Belém à cidade de São Paulo. Após um “cá fé”, me apresento aos poetas e já anuncio que vou embarcar com eles no bonde da poesia. O “seja bem-vinda!”, seguido de conversas e distribuição de pequenos poemas impressos em papel colorido, um

convite a declamar no bonde e outro a participar de um vídeo documentário, me fez ser um deles, uma delas, uma criança, uma poeta mirim, devir criança. E o ponto alto dessa partilha, a oração do poeta, declamado bem juntinho, ombro a ombro, num abraço urbano em meio à correria da cidade, daquela que naquele dia me encheu de feliz-cidade!

Ela queria ser feliz, mas se descobriu poeta

Lembrou que o poeta é um fingiDor

Então aceitou a sua sentença e foi ser poeta

Eis que ela descobriu as sutilizas da felicidade, naquela feliz cidade!

Tomada por aquele estado de benquerença, juntou-se aos novos poetas que conhecera e partiu para aquela expedição político poética, que faz uma aposta radical na poesia como dispositivo de luta amorosa, de re-existência e de encontros poÉtico estéticos. Tudo ali convocava para produção coletiva e afetiva de fazer do cotidiano outras cenas, outros mundos possíveis, e se o samba é uma forma de oração, a Oração do Poeta operou em mim, naquela tarde, como uma espécie de transmutação. Oremos!

Oração do Poeta

Saravá, Axé

Que poetas, artistas, músicos e heróis,
autores e musas, escritores e inspirações
se façam presentes.

Que toda essa gente
da condução,
no busão, no trem, no metrô,
linha amarela, vermelha, diamante, azul,
no corredor, no passa-rápido,
no trânsito, parado,
apertado, irritado, suado, atrasado,
do mais alegre ao invocado,
da criancinha ao senhor,
do motorista ao cobrador,
a secretária, a vendedora, a aluna, a professora, o jardineiro

lixeiro, carteiro, carpinteiro, marceneiro, vidraceiro, eletricitista
 a diarista, o dentista, o manobrista, o oculista,
 o traficante e o “polícia”
 Seja atingido por nossos disparos

Causemos atentados, sorrisos, suspiros,
 lembranças, saudade, incômodo, revolta
 Ganhemos atenção, olhares, se possível até palmas
 Porta de trás, carona, subiu, começou
 Distribui papel, palavras, sentimento, alegria,
 Somos AMBULANTES de poesia!
 Amém!

(Poetas Ambulantes, 28 de maio de 2018).

Depois da oração, senti-me pertencendo àquele bando de poetas e embarquei naquela viagem, que declama poesias, exalando simpatia. Éramos 12 poetas, entre mulheres brancas, negras, indígenas, homens, brancos e negros, mães, pais e um “poeta mirim”. A Oração do Poeta é de uma delicadeza e força, feita ali onde a vida pulsava de uma forma particular, intensa, em meio aos carros que se movimentavam, acenando para os ônibus e oferecendo poemas em troca de liberdade para entrar nos coletivos sem passar na catraca. Embarcando e desembarcando, distribuindo e recolhendo poesias ambulantes. Me fez lembrar cenas do filme “Central do Brasil”. Estávamos em cena, uma poesia em movimento, no centro da cidade de São Paulo. Ainda ouço a trilha sonora do filme, do motor dos carros e das nossas máquinas desejanças, dessa cartografia.

Essa vida é uma viagem, pena que estamos só de passagem!

Voltei dessa viagem com a mala cheia de poesia e alegria, e depois de me conectar olho no olho com o bando, me conectei por meio das redes sociais, trocamos agendas, planos de, quem sabe, um barco ambulante pelos rios da cidade de Belém-PA, autorização para usar a “Oração do Poeta”, produzida pelo coletivo de poetas em meus escritos, apresentações e

outras formas de expansão e divulgação do trabalho político poético executado e declamado na cidade de São Paulo.

Figura 18: O Abraço (Registro de Renata Armelin)

Essa viagem foi uma passagem que não pára de passar! Retornei a São Paulo para outros rolês cartográficos e, por meio da conexão com os Poetas Ambulantes, recebi o convite para ir ao *Slam* ZAP (Zona Autônoma da Palavra), considerado o primeiro *Slam* do Brasil - data de 2008 o seu surgimento. O convite foi aceito de imediato e convidei as manas paulistas para me acompanharem até a Praça Roosevelt, onde ocorreu uma das edições de 2019, com a presença e cerimonial de Roberta Estrela D'alva, considera a precursora do movimento e disseminação do *Slam* no Brasil. Para ela, um dos princípios fundamentais do *Slam* é de que “a poesia é de domínio público” (Estrela D'alva).

A viagem também “rendeu” a participação da cartógrafa-poeta no episódio 10 do documentário “Essa Vida é uma Viagem!” E Assim, seguimos compondo, pesquisando,

declamando e produzindo redes de afetos e combates políticos poéticos. Aquela viagem foi produtora de mais vida!

Figura 19: “Essa vida é uma viagem” - *Print* do vídeo produzido pelo Coletivo Poetas Ambulantes (Acervo pessoal)

E foi assim que a Oração do Poeta atravessou o estado de São Paulo e foi parar no palco do Festival de Cultura da Fundação Cultural Tancredo Neves (CENTUR). Era dia de Sarau e o bando das Dandaras do Norte apresentaram suas produções autorais e prestaram homenagens aos Poetas Ambulantes, dando um outro sotaque e sentido a oração vinda do Sudeste do país para abrir os trabalhos no Norte.

Ah, divina Anance! Com suas teias, suas conexões...

Figura 20: Poetas Ambulantes e Dandaras do Norte (Acervo pessoal)
Print @anaesquizo & @poetasambulantes

Figura 21: Metrô SP - linha verde, sentido Estação Clínicas (Acervo pessoal)

Figura 22: Sarau Nascente – Centro Universitário Maria Antônia (USP) ¹⁷ (Acervo pessoal)

Figura 23: Slam Resistência I - Praça Roosevelt – SP (Acervo próprio)

¹⁷ A autora apresentou três poemas no Sarau Literário – Nascente USP, que foram submetidos e selecionados na categoria “texto literário” - Edital Nascente 2018.

Figura 23.1: *Slam Resistência II* - Praça Roosevelt – SP (Acervo pessoal)

Figura 23.2: *Slam Resistência III* - Praça Roosevelt – SP (Acervo pessoal)

Figura 23.3: *Slam Resistência IV* - Praça Roosevelt – SP (Acervo pessoal)

A poeta que aparece na imagem III é Mariana Felix, que tem uma vasta produção literária, de domínio público nas mídias sociais. A imagem IV é a continuação dos versos-disparos, e que por conta da conta da chuva, se aninhou embaixo dos toldos dos bares da Roosevelt.

Dentre os coletivos e pessoas que me atravessaram e que eu atravessasse nesse percurso cartográfico, está o coletivo de Micropolítica e o Cuidado em Saúde, vinculado Faculdade de Saúde Pública da USP. Nas idas e vindas de Belém à SP, sempre que possível, as incursões teóricas e afetivas aconteciam e faziam composição com essa escrita-baú também. A cada troca, encontro, e até desencontro, algo se produzia, criava, descobria, histórias se cruzavam. A cada passo, um traço!

O Sinal Estava Aberto: Tinha Gente De Todo Lugar! É Tudo Nosso! Olá! Como vai? Eu vou indo. E você, tudo bem? Tudo bem! Eu vou indo correndo pegar meu lugar no Sarau da Cooperifa. Vamos! O diálogo faz referência à canção Sinal Fechado de Paulinho da Viola e remete às primeiras falas entre os autores desse

texto-movimento. O ponto de partida era a Linha Verde do metrô. Mas, atenção, ainda tínhamos a Linha Amarela do metrô, a Linha Esmeralda da companhia de trem (CPTM) e um ônibus. [...] No percurso, conversávamos sobre nossas questões e achados de pesquisa, encontros e desencontros e estávamos fascinados com aquela expedição, com aquela edição do Sarau que esperava por nós. Ansiávamos estar entre eles, entre elas e entre nós. Ao chegarmos fomos recebidos com sorrisos escancarados nas palavras e por olhares de gentes de todos os estilos e idades. Ali, todas, todes e todos eram muito bem-vindos. Tinha gente de todo lugar, diferentes profissões e classes sociais: visitantes da Favela da Rocinha (Rio de Janeiro), de Saraus que acontecem em outros bairros de São Paulo, de outras cidades como Recife e Belém e de outros tantos lugares que não seria possível nomeá-los. Muitas gentes. Muitas vidas. (MENDES et al., 2019, p. 358).

A passagem-citação acima, fez parte de um artigo publicado na Revista Psicologia Política, de uma vivência entre o campo de pesquisa e os encontros com os coletivos de Belém e o campo de pesquisa e os encontros com o coletivo de poetas da Cooperifa e os pesquisadores da FSP. Aceitei o convite da proponente do artigo para embarcar naquela aventura poética, e daí uma produção textual foi sendo escrita a 08 mãos e muitas vidas. O artigo fala da potência dos encontros produzidos em campos distintos, mas que se aproximavam no fazer poético de si e do outro, na imersão do vivido no Capão Redondo, naquela noite que começo ainda dia, na Linha Amarela do metrô.

Passados quase 03 anos daquela aventura, que foi estar no Sarau da Cooperifa, na embriaguez das palavras, e na produção escrita do artigo, me reconecto em julho de 2020 com André, homem negro, psicólogo, doutorando da FSP, integrante do coletivo Micropolítica, e que a época estava em processo de enegrecimento, de reconhecimento de sua história-memória também. Havia algo que nos aproximava naquele lugar e na produção da escrita compartilhada, um caminho comum. Passado esse tempo, após aqueles sinais abertos, recebo, no isolamento da pandemia, uma mensagem saudosa de André, trazendo em si, sem ser dito, os versos daquela travessia. O que nos reconectou, no isolamento da pandemia, foi um pequeno vídeo produzido pelo CMAM, a “**Web Série Histórias de Mulheres**”, e que tem como fundo musical a canção A força que vem da raiz, de Mariene

de Castro. Não tenho dúvida que o processo de enegrecimento também passa pelo pandeiro, pelo ganzá e pelo tamborim, de Jovelina Pérola Negra e pela viola de Paulinho...

André tem a sofisticação de Paulino da Viola. E sofisticação é coisa de preto também!

*Quanto tempo?
Pois é, quanto tempo?*

*Tanta coisa que eu tinha a dizer
Mas eu sumi na poeira das ruas
Eu também tenho algo a dizer
Mas me foge a lembrança*

*Por favor, telefone, eu preciso
Beber alguma coisa, rapidamente
Pra semana*

*O sinal
Eu procuro você
Vai abrir, vai abrir
Prometo, não esqueço
Por favor, não esqueça, não esqueça, não esqueça
Adeus*

Paulinho da Viola, 2002.

Foram muitas as andanças na cidade de São Paulo, nos corredores oponentes da FSP e seu jardim de frente para o Cemitério do Sumaré. O painel na recepção do prédio, a época estava sempre aceso anunciando os eventos científicos e bancas de defesas. De março de 2020 até a data presente, as luzes se apagaram por conta da pandemia, mas era um acontecimento para mim, olhar para aquele painel em diferentes momentos e visualizar que por ali iriam passar os corpos políticos-poéticos que compõe esta tese-batalha, produzida nos momentos de orientação, processamentos no grupo de estudo, nos encontros, nos rolês, escritas, atos políticos, sala de aulas e idas à biblioteca, e no acesso a outras sampas, outras estampas, capulana, em composição com uma solidão que é ancestral e necessária para que os encontros aconteçam, e permaneçam. O painel continua apagado, mas *vai passar!*

Assim, aquela vivência na Cooperifa foi materializada em forma de escrita em coautoria com os dois pesquisadores doutorandos da FSP e a orientadora das três pesquisas. Escrita que diz, dentre outras coisas, de uma árvore-corpo que ocupa a centralidade do Bar do Zé Batidão, que fala dos nossos encantamentos e posicionamentos frente a poético da vida e das formosuras, mesmo que na dureza do cotidiano. *Enquanto que pra eles, flor é bom no cemitério da Dr. Arnaldo. Faça o favor de levar essas flores pra longe daqui.*¹⁸

Eu sempre era tomada por uma alegria e ao mesmo tempo tristeza, quando cruzava a avenida Dr. Arnaldo; uma alegria por ter quebrado a corrente, ter acessado a universidade pública, a pós graduação, a FSP, e por saber que fazia parte de um coletivo que sempre fez o enfrentamento necessário aos que operam pela via do rebaixamento. Uma tristeza pelo que cruzava a minha visão e olfato, as flores do Cemitério Sumaré. Flores visceralmente cantado por Chico César, e que seus efeitos apreciam nas narrativas do grupo, nas poesias espalhadas pela cidade, nos espaços de resistência, no sarau da Cooperifa, na denúncia necropolítica das vozes insubordinadas.

Na feitura deste tese, fiz movimentos de campo na cidade, na companhia do coletivo Micropolítica e toda a sua disposição para produzir conhecimento na diferença, na aposta por uma vida digna e na política da alegria. Também fiz movimentos de campo na cidade de São Paulo, na errância de um devir poeta, onde também pude encontrar outros coletivos, como os Poetas Ambulantes, já referenciado acima. A chamada nas redes sociais, virtuais, via *Facebook*, *Instagram*, se configurou como dispositivo de convite ao encontro real, assim como muitas das conexões virtuais operadas neste percurso cartográfico, e que foram produtoras de encontros reais. Após o convite, dos próprios poetas, a subir no coletivo, distribuir poesias e sonhos revolucionários, nada mais foi como antes. “O desejo não ‘quer’

¹⁸ Chico César. No Sumaré, 2020.

a revolução, ele é revolucionário por si mesmo, e como que involuntariamente, só por querer aquilo que quer”. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.159).

São errâncias que guardo na memória, no corpo e até no pescoço, como um cordão, ofertado por um artesão no bairro do Bexiga; uma música feita por uma vendedora de bombons na entrada-saída da Estação Clínicas, para a campanha do ex-prefeito Fernando Haddad (2013), cantada por ela nos primeiros dias de minha estadia na cidade, em 2016. Essa mulher cantante, militante e poeta, que muitos que cruzam aquela esquina, já devem ter visto, não sei se conhecem a cantoria dela. Seus cabelos esvoaçantes e as muitas camadas de roupa, mesmo quando faz calor, anunciam a sua presença. Errância em busca da carteirinha de estudante perdida no metrô Ana Rosa e entregue por um ciclista que me disse: *você também é ciclista também? Você vai conhecer, de bike, uma São Paulo que os paulistas não conhecem!* Errância nos *hostels* com seus moradores temporários e que fazem das esquinas, lanchonetes e restaurantes, seus escritórios, errância da intervenção artística no Sarau Nascente, no Centro Universitário Maria Antônia – USP. Encontros em tempos diferentes e singulares e que convergiram para diversas produções de vida em que o poético emergiu como urgente. Assim, o dentro e o fora do coletivo Micropolítica também compõe esta batalha! Foram muitos acordos e muitos acordes!

Rolê V: A força do rizoma: um método em produção com os corpos políticos poéticos, e periféricos

Guerreiras, rainhas, mulheres de resistência
Dandaras do Norte só Slam de consciência!¹⁹
Sabotagem sem massagem na mensagem!²⁰
Uma vez poetas ambulantes e nada será como antes!²¹
É tudo nosso!²²

Por Uma Vida poética

Esses gritos de guerra, palavras de ordens, chamados, ou o que queiramos nomear, sabendo que não estamos autorizadas a falar em nome de, que anunciam essa escrita, dizem de um deslocar no mundo dos *Slams*, dos saraus, do ativismo poético e da poética ativa e altiva, e que tomei como uma convocatória para mergulhar no tema das resistências e que operou como um disparador desta escrita-rizoma, desta escrita resistência, que percorre lugares por onde coletivos políticos poéticos têm se produzido. E é isso que este rolê-tese fala e per (segue...). As vozes ressonantes, os corpos que falam por si e que fazem uso da palavra e da escrita poética como corpos-máquinas de resistências. Sabemos também que é pelo ato de resistir que muitas vozes e corpos são calados, tombados ou invisibilizados. E nessa escrita, as produções de vidas resistentes e ridentes, são tomadas como fonte-ponte de conexão e de criação de uma escrita acadêmica e poética, e de uma escrita de si.

Por que escrita-rizoma? Em primeiro lugar faz-se necessário anunciar que estou tomando de assalto o conceito de rizoma elaborado por Deleuze; Guattari (1995) para pensar a dimensão não linear dos coletivos políticos poéticos, e também não me interessa reproduzir aqui o rizoma como repetição apenas, seria no mínimo incoerente e desonesto com a aposta

¹⁹ *Slam* Dandaras do Norte – Belém/PA

²⁰ *Slam* da Resistência – São Paulo/SP

²¹ Poetas Ambulantes – São Paulo/SP

²² Sarau da Cooperifa – São Paulo/SP

dos autores por uma vida inventiva e pelo aspecto errante de se espriar da força rizomática. O que me interessa é lançar mão de um modo de escrever e produzir pesquisa como uma artesã, que tece sua obra e ao mesmo tempo se transforma, que se deixa fisgar pelo inesperado, que acolhe as imperfeições e as vê como transmutações. Aquela que está aberta às conexões advindas do processo de criação, que não se prende à memória do que inicialmente desejara criar. E é nesse modo fluido - e atenta às intensidades das existências das manas do *Slam* - que uma cartógrafa vai se produzindo e uma tese vai sendo escrita, uma escrita-rizoma. “O rizoma procede por variação, expansão, conquista, captura, picada. Oposto ao grafismo, ao desenho ou à fotografia, oposto aos decalques, o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com sua linha de fuga”. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 43).

Quando leio Deleuze e Guattari, em particular, é para ir além, quiçá “além do além”, como bem afirmava Estamira. São pensadores que me possibilitam sair deles, acionar as outras máquinas de guerra literária, política, poética, estética, para falar em meu nome, em nome dos meus. Falar, escreVer...

Tenho pensado o cartógrafo/a como um/a poeta andarilho/a, que cata coisas e vai montando um mosaico das coisas com que se encontra, dos objetos-coisas, dos objetos-afetos, dos objetos-memória e dos encontros. Assim, a cartografia não só rima com poesia, como enamora a poesia. Pensar o cartógrafo como poeta não necessariamente é imaginar o sujeito que escreve poesias, declama poemas ou coisas do gênero; somos tomadas também pelo aspecto andarilho deste, nômade por excelência, que caminha conectando-se à existências e coisas. Cartografar também é andar, circular, flunar, se deslocar, e grafar. É nas andanças, des(encontros), des(encantos), solidão, multidão, que parte da alquimia acontece, que os corpos e as coisas se cruzam, se visibilizam ou invisibilizam, falam ou calam, se

transmutam.

A poeta é uma militante da poesia
 Ou eu ou a poesia?
 Eu, a militância poética.
 Com ética e estética.
 Militar é agir, disse Guattari.
 Poetizar é fluir
 ir ao encontro de si, devir...
 É na(morar) na filosofia da poesia
 e poder rimar amor e dor
 adormecer...
 A dor me ser!

Cartografia nesta escrita-rizoma também é uma espécie de alquimia, em que um dos elementos é a poesia. E nessa experimentação cartográfica, “escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir”. (Deleuze & Guattari, 1995:9).

Figura 24: Biblioteca Arthur Vianna – PA (Acervo pessoal)

Uma escrita-rolê que fala de amorosidade, de resistência, de re-existência, de liberdade, de ética, de sabedoria, de alegria. Que se escreve com afeto e afetada pelo comum partilhado, por aquilo que Jacques Rancière (2005, p. 15) denominou de “partilha do sensível”, e que apresenta recortes de vários mundos poéticos, estéticos e políticos. Não acredito em uma escrita que não seja política, e nesta escrita, não só porque aborda o tema da resistência, ou das resistências, mas sobretudo, porque comungo e me reconheço no que Rancière defende em sua *Política da Escrita*:

[...] antes de ser o exercício de uma competência, o ato de escrever é uma maneira de ocupar a sensível e dar sentido a essa ocupação. Não é por ser o instrumento do poder, nem por ser a via real do saber que a escrita é coisa política. Ela é coisa política porque seu gesto pertence à constituição estética da comunidade e se presta, acima de tudo, a alegorizar essa constituição. (Rancière, 2017:7).

É nessa partilha do sensível, do ato de escrever como ato político, que o tema das resistências aparece na composição de uma tese que investiga o que pode um corpo político poético, que mergulha em uma experimentação cartográfica no universo do *Slam* e os modos de expressão de si e do outro que aí são produzidos, que ouve as vozes e se mistura a elas, se reconhece na convocatória das Dandaras no Norte, das guerreiras, rainhas, mulheres de resistência, diante do chamado à poetizar.

Memória...

Era o ano de 2008, eu mestranda do Curso de Pós-Graduação em Psicologia, da UFPA. Me dirigi a uma das muitas bibliotecas para estudar. Eu amo estar por entres as copas dos livros, circular, conversar, tocar, acariciá-los, me encontrar com eles, e com elas, as obras.

Fico bem desconfortável quando não tenho acesso a essa aproximação com eles e com elas, em algumas bibliotecas; geralmente bibliotecas privadas. Aquelas que não

permitem ao leitor, ou usuário, se encontrar com quem permanecer ali e depende de seus visitantes, de seus apreciadores, ou que vez por outra saem com o leitor para dar um rolê, falo dos empréstimos, das alforrias que cada sistema de biblioteca define para a saída dos “seus” livros. Dito isto, vamos ao ano de 2008!

Em um desses momentos de estudos, acabei puxando conversa na biblioteca e “falando alto”, na definição da atendente que pediu para eu sair de lá e ir conversar em outro lugar, não me dando a possibilidade de me retratar pelo “mal feito”. Me senti mal, pelo feito, pois bibliotecas para mim são espaços que eu reverencio muito, são espaços que acredito que gostam da minha presença também, do meu toque suave e ao mesmo tempo voraz neles, os livros, e nelas, as obras. Sair de lá e fui para a beira do rio, rio Guamá que margeia a universidade, fui para as margens, fui convidada a ir para as margens, como tantas vezes fui, desde quando ousei a romper o ciclo de exclusão social, quebrar a lógica dos privilégios históricos, de racismo institucional.

Este foi só mais um episódio, dentre tantos que ainda hoje vivencio, com a diferença que agora a invasora fala, “e numa boa”, com afirmava Lélia Gonzalez (1983).²³

Hoje essa memória me faz pensar como a “dra. poesia” se sentiu naquele momento, eu já era poesia, mas não sabia, nem quem tentou calar a voz também. Aquele episódio me causou tristeza, e eu não voltei mais lá. Eu, assim como Estamira, não gosto que ofendam formosura. Ainda preciso fazer esse rito, de voltar, de passagem, talvez de fechamento de uma ferida, de mais uma batalha. Quem sabe um ato de silêncio ou de falar por sobre os buracos da máscara, ao invés de falar pelos cotovelos. Por outro lado, conheci outras bibliotecas, universidades, saraus. Conheci o uniVerso dos *Slam*’s, das ocupações e invasões

²³ A frase é uma referência a fala de Lélia Gonzalez, que Luiza Bairos nos lembra no artigo: Lembrando Lélia Gonzalez (1935-1994).

poéticas, das batalhas das manas, dos manos, das monas e das monstras, do ocupar-se. Como bem fala o rap Criolo, numa releitura de Cálice, de Chico Buarque de Holanda:

*Os saraus tiveram que invadir os botecos, pois biblioteca não era lugar de poesia, biblioteca tinha que ter silêncio, de uma gente que se diz, sim, muito sabida...*²⁴

Nesse embarcar no bonde dos poetas, experimentar ser uma e ir construindo uma escrita rizomática, conhecer o Sarau da Cooperifa, foi um bálsamo. Lá também há de se fazer silêncio, mas para ouvir o grito da poesia, a urgência da desobediência poética. Está abrigada em um bar, o Bar do Batidão. É uma biblioteca poética, é uma poética que comporta e compartilha várias bibliotecas há 18 anos. Cada pessoa ali, carrega em si uma biblioteca de memórias, afinal toda pessoa é um livro; aberto, fechado, lacrado, rasurado, restaurado, maltratado, riscado, copiado, abandonado, e até emprestado. É um jeito de juntar poesia, livraria, alegria e rebeldia. Na definição de seus próprios organizadores “o Sarau da Cooperifa é quando a poesia desce do pedestal e beija os pés da comunidade”²⁵.

Percorrer, me misturar e compor poesias-travessias para compor uma tese, me oportunizou sentir o pulsar dos inconformados, escutar o grito dos que tiveram que calar por muito tempo, mas sempre encontravam brechas, rotas de fuga, dos que expressavam e expressam suas dores, medos, traumas e sua desobediente alegria, sua vã alegria por meio da poesia, do manifesto poético. É dever da poesia ser manifesto!

²⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=utJENUg2NJ4>. Acesso: 30-01-2020

²⁵ <https://culturaleste.com/12a-mostra-da-cooperifa/>. Acesso: 30-01-2020

FotoGrafias...

Figura 24.1: - Biblioteca Arthur Vianna – PA (Acervo pessoal)

O ano era de 2019, a biblioteca Arthur Vianna (PA), o livro “*Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão*”, de Michel Foucault (1997), a passagem “**A instrução**”, a página 19, o interrogatório 09 de julho de 1835. Descanso o olhar sobre a capa do livro e vejo, ao mesmo tempo, sangue e várias instituições em uma, deslizo a câmera, capto a imagem, sigo a leitura e uma outra “escritura” se desenvolve mentalmente.

P: Por que motivo você assassinou sua mãe, sua irmã Victoire e seu irmão Jules?

R: Porque Deus me ordenou para que justificasse sua providência, eles estavam unidos.

P: O que você quer dizer com “eles estavam unidos”?

R: Eles estavam de acordo, os três, para perseguir meu pai.

P: Você acaba de me dizer que Deus lhe ordenou os três assassinatos dos quais você é acusado, no entanto você bem sabe que deus jamais ordena o crime.

R: Deus ordenou a Moisés que degolasse os adoradores de bezerro de ouro, sem poupar amigos, pai ou filhos.

P: Quem lhe ensinou essas coisas?

R: Eu li no Deuterônimos: Moisés, dando sua benção à tribo de Levi, disse: Vossa graça e vossa plenitude foram dados ao santo homem que vós escolhestes, que disse a seu pai e a sua mãe: Eu não vos conheço e a seu irmão: Eu não sei quem é você. Eis aqui, Senhor, os que observaram vossas leis e vossa aliança, e que vos oferecerão incenso para vos apaziguar em vossa cólera.

P: Então você leu várias vezes a Bíblia?

R: Sim, eu li várias vezes o Deuterônimo e o Livro dos Números.

P: Você tirou consequências bem funestaras de algumas passagens de um livro que você não compreendeu?

R: Meu pai era perseguido, teriam duvidado da providência de Deus. (FOUCAULT, 1977, p. 19-20).

O interrogatório de Pierre segue, e eu paro de assistir, direciono o olhar para o cento da biblioteca Arthur Vianna...

Vi Ana

É uma biblioteca, mas parece uma enfermaria de hospital...

Aqui pode-se estudar, pensar, pesquisar, consultar a internet, mas não pode-se rir, conversar, declamar poesia, fazer barulho. Silêncio!!!

Parece uma enfermaria de hospital...

É uma biblioteca, mas parece uma fábrica.

Aqui pode-se sentar (cada um no seu canto), trabalhar, trabalhar, beber água, mas não pode-se rir, entrar com bolsa, lanchar, nem sequer tomar um café à mesa de estudo/trabalho. Também não pode se aglutinar. Parece uma fábrica.

É uma biblioteca, mas parece uma igreja.

Todos concentrados, pagando o que devem, buscando um lugar ao sol, querendo vencer na vida. Parece uma igreja.

Com tempo, conforme você se institucionaliza, você passa a gostar de estar aqui. Há uma sedução nesse lugar muito parecido com o hospital, a fábrica, a igreja, a escola...

Lá vi Ana! Ela retorna à biblioteca Arthur Vianna que frequentara quando ainda se copiava a mão o material consultado, quando esta era apenas uma sala de consulta (uma enfermaria será?), e que agora é também um local de pensar, consultar e escrever, mesmo parecendo uma enfermaria, uma fábrica, uma igreja...

Vi Ana e suas descobertas, ela descobriu que é um caso clássico de institucionalização voluntária.

Ana e suas crônicas...

Anacrônica?

...Em outro ponto da cidade, passados alguns dias, uma parada para um café e o pensamento no que pode o corpo, o pensamento em movimento, a cartógrafa-poeta, “recebe” outra parte do que escrevera na biblioteca enquanto o livro “descansava” a mesa de estudo. Desta feita, sem os aparatos de outrora, só com uma caneta e um lenço de papel.

É uma biblioteca, mas parece um museu

lá tem obras raras e tombadas

obras que raramente saem para passear

Os visitantes e os trabalhadores podem entrar e sair conforme as suas escalas. Já elas, as obras, ficam lá esperando as visitas, igualmente no hospital

Hoje é sábado e não tem visitas, e eu sempre imagino o que eles, os livros, e elas, as obras fazem quando não têm visitantes, quando não recebem visitas

Eu sinto, confesso, saudades deles, os livros, e delas, as obras raras, as escritas.
Raramente as esqueço!

Figura 24.2: Biblioteca Arthur Vianna – PA (Acervo pessoal)

Figura 25: Padaria (Acervo pessoal)

Escrever com um ato de saúde

Em *Crítica e Clínica*, Deleuze (1997) nos dá indicações preciosas quando nos orienta a não escrever tomado por neuroses ou fantasmas e nos convoca a uma escrita viva e partilhada. Já Rancière (2017), no prefácio à *Política da Escrita*, nos apresenta uma excelente articulação entre o ato de escrever e o que esse ato é capaz de mobilizar em nossos corpos do ponto de vista das sensações afetivas e políticas, das ações apaixonadas e implicadas. Assim, “escrever é o ato que, aparentemente, não pode ser realizado sem significar, ao mesmo tempo, aquilo que realiza: uma relação da mão que traça linhas ou signos com o corpo que ela prolonga; desse corpo com a alma que o anima e com os outros corpos com os quais ele forma uma comunidade; dessa comunidade com a sua própria alma”. (RANCIÈRE, 2017, p.07).

Nessa obra, o autor anuncia o que chamou de “partilha do sensível”, que conversa com essa escrita-rizoma no que diz respeito a um comum partilhado. “Uma partilha do sensível é, portanto, o modo como a relação entre um conjunto comum partilhado e a divisão de partes exclusivas se determina no sensível” (RANCIÈRE, 2017, p. 08).

Como se lançar no rolê-campo e transformar esse rolê em campo, de pesquisa? Nesta pesquisa, os recolhimentos de campo foram processados sob a ótica do desejo também, uma ótica ética, e a escrita de si foi inevitável, e a invenção também. Aqui cabe uma passagem da Cartografia Sentimental, de Suely Rolnik (1989), onde a autora aborda o tema da ética do cartógrafo e afirma que “o antiprincípio do cartógrafo o protege da captura pela moral. A análise do desejo assim concebida é, fundamentalmente, uma ética” (ROLNIK, 1989, p. 73). Nessa obra a autora põe em cena o que chama de máscaras do cartógrafo para enfatizar que na realidade o cartógrafo “não ‘revela’ sentidos – o mapa da mina –, mas os ‘cria’, já que não está dissociado de seu corpo vibrátil: pelo contrário, é por meio do corpo, associado aos olhos, que procura captar o estado das coisas, seu clima, e para eles criar sentido. (ROLNIK, 1989, p. 74).

Pesquisadora-cartógrafa aberta às afecções do que não para de passar, sujeita às experimentações e atenta ao caráter cortante da máquina que escreve, que tece mundos, que formula questões e que se conecta com os coletivos de resistência. Que se deixa afetar nos encontros com as manas, com as minas, com as monas e com as monstras. Tomada por paixões alegres e por uma ética espinozista, assim vai tecendo sua escrita poética, se deslocando das paixões tristes e ao mesmo tempo enfrentando-as de frente, por meio de seus versos diversos e assim uma vida e uma escrita alegre vai sendo anunciada. “Simplesmente sabemos que, à medida que um corpo se cansa, as possibilidades de maus encontros aumentam.” (DELEUZE, 2009, p. 58). Então, segue o bonde...

Assim é que uma cartoGrafia foi sendo processada e inscrita na pele, no corpo, por meio do olhar, dos gestos, das escutas, e em seguida, transformados em grafias, cartas grafias, textos-rizomas, narrativas produzidas em conjunto com os grupos, escritas de poemas, manifestos, rodas de conversas, invenções poéticas e experimentações poéticas, como a **Escuta poética: me conte o seu conto!**

Toda essa maquinaria foi constituindo o corpo de uma tese e de uma pesquisadora rolezeira, e ao mesmo tempo produzindo devolutivas por meio dessas trocas-conexão, sempre pautadas em um rigor ético metodológico de que o outro não é objeto a ser pesquisado, ele é parte da engrenagem da produção do conhecimento como um ato político.

A autodenominação de “pesquisadora rolezeira” diz de um modo de fazer pesquisa em meio aos encontros com os grupos com quem a pesquisadora que pesquisa, também participa das batalhas, identifica-se com as demandas e apostas ali expressas, e vê um terreno fértil às suas inquietações acadêmicas e metodológicas para interrogar a si e ao outro, o que pode um corpo político poético em produção. Partindo de Belém-PA, sobretudo dos corpos ditos periféricos, que na realidade são corpos periferizados, para outros rolês que se conectaram com o chamado a ser poesia.

Arte pensa sem os moldes do pensamento, pensa lidando, experimentando materiais, palavras, sons, sensações, conceitos, objetos. Junta. Separa. Desmonta. Justapõe. Informa. Racha. Arte acontece e analisa acontecimentos. Torna perceptível. Abre o olho. Afina os ouvidos. Vibra as narinas. Atiça a pele. Não dá sossego. Sinestésica, provoca sinestesias ao ecoar no corpo. Arte escapa de ser Arte. (CARNEIRO, 2007, p. 218).

Na tessitura de produção desta tese-batalha, escrita rizomática e experimentação político poética, outras inquietações foram surgindo, encontros e reencontros foram acontecendo, e a ativação da memória de quem pesquisa e escreve, se fez frequente e acredito que permanente. Produzir esta pesquisa, esta cartografia político poética, esta tese-batalha, foi me produzir também, partir, juntar, partilhar, ladrilhar, cortar, batalhar. Vivenciei tudo isso pelos becos por onde me enfiei e pelos becos de onde vim.

Me vi frente a frente com o meu eu político, poético, ético, com os meus eus, com os meus que vieram antes, com a força dos corpos que mesmo parados, dançam, com as vidas que mesmo invisibilizadas brilham, com as vozes que mesmo caladas, gritam.

Com quem eu me encontrei, com quem eu me conectei na tessitura deste estudo que indaga o que pode um corpo político poético, e que no processo de produção dos encontros se encontra com os corpos políticos poéticos e periferizados. Quais os corpos que mais precisaram e precisam resistir as violências cotidianas? São exatamente os corpos que vão sendo produzidos como indesejáveis e que por isso não podem compor a paisagem “central” da cidade, que são constantemente expulsos para as chamadas periferias. Corpos subalternizados, empobrecidos, pretos. Corpos que outrora foram obrigados a atravessar o Atlântico a fim de serem usados como peça da engrenagem dos colonizadores, “donos” dos engenhos, posseiros das vidas alheias.

Não por acaso Zélia Amador aborda o tema da resistência no capítulo intitulado Resistir é necessário, trazendo para a cena Roger Bastide: “os navios negreiros transportavam a bordo não somente homens, mulheres e crianças, mas ainda seus deuses, suas crenças e seu folclore” (ROGER BASTIDE, 1974, p. 26 *apud* AMADOR DE DEUS, 2019, p. 123). A autora introduz essa afirmativa para em seguida acrescentar novos elementos a este infeliz acontecimento da nossa história, seu olhar, tato e trato se reporta a um desejo de interromper a navegação, o tráfico dos corpos negros, resistir a navegação. Assim, complementa:

Eu diria que muito mais: valores civilizatórios, visões de mundo, memórias, ritmos, cantos, danças, dúvidas existências, alteridades linguísticas, enfim, suas histórias e culturas. Esse arsenal que atravessou o oceano foi de fundamental importância para que os africanos pudessem reconstituir-se e agir contra a opressão. E agiram, e como agiram! As ações são diversas. Suicídio daqueles que, capturados e sem condições de engendrar uma ação coletiva, utilizam o poder que lhe resta: a vida. Na realidade, digo que o suicida, diante de uma situação-limite,

fez uso do único bem de que podia dispor: o próprio corpo. (AMADOR DE DEUS, 2019, p. 123).

Nos *Slams*, e em particular no *Slam* Dandaras do Norte, realidade que eu conheço mais de perto, quem habita esses corpos são as mulheres negras, as manas pretas, que fazem da subalternização, periferização e pobreza, identidades de lutas e poesia falada, afirmação do que lhes foi negado e assim forjando a própria identidade, a própria história. Mostrando para quem quiser ver e ouvir, as feridas produzidas pela travessia nefasta que levou anos para ser superada, mas que carregam além de sofrimento, legitimado pelo Estado que não dá resposta para a morte de tantas Marielles, carrega em si um estado de poesia, como diz o poeta, um estado de permanente rebeldia, pelo “simples” fato de agora falarem, poetizarem, produzirem poesia falada. Um dos princípios fundamentais para participar das batalhas, é falar. A fala é o que valida o ofício de ser poeta. Justamente a fala, que outrora foi tão negada à população negra. A subalterna fala, e numa boa. Sem máscaras.

Afasta de mim esse cale-se!

É tudo isso que eu vivi ao lado das herdeiras de Anance e me reconheci em suas histórias, memórias, poesias e privações, sobretudo econômicas, até acessar a universidade que foi um marcador de ruptura de um ciclo de subalternização do meio em que eu estava inserida social e economicamente. O acesso a um curso superior, e em um curso historicamente elitizado, inaugura uma outra caminhada de rupturas de subalternização intelectual e epistêmica. Caminhada dolorosa, mas necessária. Resistir é necessário, como nos indica Zélia, como o seu leme certo. E poetizar é urgente!

FotoGrafias...

Figura 26: Final *Slam* Dandaras do Norte/Nossa Biblioteca
Bairro do Guamá (Belém-PA) - (Acervo pessoal)

Figura 27: Irmandade: Zélia Amador de Deus e Conceição Evaristo
23ª Feira Pan-Amazônica do Livro/Belém-PA (Acervo pessoal)

Figura 27.1: Irmandade: *Slam* Dandaras do Norte
Feira do Livro/Belém-PA (Acervo SECULT)

Figura 28: Performance “Cume”, por Jothan Netto
Slam Dandaras do Norte no Sítio 91 - Belém
Foto: Diego Formiga

Figura 28.1: Performance “Cume”, por Jothan Netto
Slam Dandara do Norte no Sítio 91 - Belém
Foto: Diego Formiga

Figura 28.2: *Slam* Dandara do Norte no Sítio 91 - Belém

Foto: Diego Formiga

Figura 28.3: *Slam* Dandara do Norte no Sítio 91 - Belém

Foto: Diego Formiga

Figura 28.4: *Slam* Dandaras do Norte no Sítio 91 - Belém

Foto: Diego Formiga

VI: Escrever como um ato de resistência: uma tese-batalha

Devir poeta...

Escrever é inscrever, no corpo, memórias, acontecimentos, afetos e afecções. Escrever é um ato de generosidade, é um ato de resistência física, psíquica e política. É conversar com os seus medos, negociar com os seus limites, convocar o coletivo a ser juiz do juízo de quem escreve. É pegar nas mãos de quem você se quer conhece e trazer à tona suas histórias e a sua própria história. É produção de reConhecimento.

E escrever com um sorriso nos lábios em tempos de mordança, é um ato de coragem. É revolucionário e libertário!

*Minha palavra não quer censura, pois toda poesia cura, toda poesia cura...*²⁶

O contato direto com os coletivos políticos poéticos, em particular com o *Slam* Dandaras do Norte, e com as poetas, escritoras, intelectuais negras, ativou em mim o desejo de ser uma delas, de me assumir como uma delas. Foi uma espécie de chamado a poetizar, a militar em prol da palavra escrita e falada. E esse chamado se deu via ativação da memória. Foi um forte chamado, desses que não acontecem sem que você experimente uma espécie de alegria dolorosa e de uma dolorosa alegria. Daqueles acontecimentos que te partem em vários pedaços e ao mesmo tempo reconstituem os pedaços que habitam o teu corpo, que dançam em seu corpo, mesmo parado. É um parto! Então, recebo o chamado e parto para a escrita e declamação, de poesias, contos, manifestos, *Slam*, *mini-slam*, cartas, tese-batalha.

Nesse chamado, devir poeta, são chamados ao palco tantas coisas que estavam por escrever, tantas escritas inacabadas, tantos versos in-completos, versos querendo voar, e até versos incompreendidos; rimas, rinhas, rainhas, tantas Lélias, Alices, Shairas, Priscilas,

²⁶ Samba do artigo quinto.

Carolinas, Bor Blues, Kilombas, Marias, Anas, Zélias, Dandaras. Foi com essa multiplicidade político poética que eu tive contato, seja por intermédio dos livros ou diretamente, e que acionaram a minha memória poética-ancestral, e assim, me parece, é que uma poeta foi gerada, parida, partida, e já faminta.

EscreVer... I

Ela pensara que iria partir com o circo, mas seu voo estava reservado as poetas, aos poetas,
aos loucos delirantes e aos delírios militantes

Seu voo lento acompanhou a lentidão de seu devir poeta-borboleta

Seu doutorado na arte de compor alegrias por meio de suas quebras, quedas, delírios e
delicadezas, veio antes...

Esses atravessamentos botaram-lhes banca e bancaram suas cartografias poéticas.

Ela, que é amante do tempo, aguardara o dia da sua banca de defesa de doutorado que
indaga “o que pode um corpo político poético”, para se defender de não ter alçado esse voo
antes e militado com o olhar dos pássaros e o devir criança.

Devir criança indinha, curumim, inquieta e vivente da cidade poeta.

Agora sim! Avante!

Avante, Xavante, cante!

Assim, as palavras, frases, versos, rimas, rinhas, foram chegando para o banquete
poético, para o Carimbó literário, para o Siriá libertário, para o Sirimbó da diversidade
poética.

A escrita desta tese em meio aos campeonatos de poesia falada, ao *Slam* Dandaras
do Norte, me possibilitou o contato direto com manas poetas que têm fome de falar por si,
de si, que não suportam mais serem caladas, invisibilizadas ou ter suas histórias contadas
por terceiros. Assim elas contam e cantam suas vidas, e as suas narrativas acionaram as
minhas memórias e escritas. A cada edição do *Slam* ou Sarau, nós nos reconhecemos umas
nas outras, ainda que nossas poéticas tenham particularidades, mas o brilho no olhar diz de
um desejo de não mais calar. O olhar de BorBlue, seja declamando, seja cantando, ou apenas

fitando, carrega uma força ancestral e uma beleza inquieta, uma beleza amazônida inconformada com o mito da morenidade da mulher paraense.

Eu vou sair, nem que seja preciso eu engolir tudo, todos os absurdos, mas eu vou chegar lá, porque minha poesia não pode se perder e eu preciso mostrar, porque eu não posso parar de resistir e a minha força é cantar, eu aprendi meu espaço e tu não vai tirar nenhum pedaço do que é meu, pode ser católico, crente ou ateu. (Borblue, 2019)²⁷

EscreVer... II

Poema de (Clara)ção

Dona Clara declara!

Aquilo para mim era como uma perseguição, se referindo ao chamado a ser parteira

Quando a conheci ela já tinha pegado tantas crianças que desistira de contar

Eu povoei tudo isso aqui, toda a comunidade!

Passado mais ou menos três anos da Declaração Universal de “Dona Clara”, e passado o luto por sua partida no ano seguinte ao nosso encontro, me debruço na escrita de uma tese-batalha, que se espraia para outras teses, outras batalhas, e o ato de escrever me toma com uma força placentária, de placenta mesmo. E também planetária, de uma grande apresentação do ato de partejar

Uma placenta que se rompe e vai povoar as livrarias, os saraus, as ruas, nuas...

Escrever era como um chamado!

Um chamado a povoar, a perseguir, e parir escritas-histórias.

De Claras, Anas, e quem mais chegar...

²⁷ BorBlue, que também é Ádrian Neves, poeta de Belém, mulher preta, agênero, integra vários coletivos artísticos. Já representou o *Slam* Dandaras do Norte no Campeonato Nacional, *Slam* BR, em SP no ano de 2018.

Histórias de sim e de não, no ventre da mãe...

De mãe

O cuidado de minha poesia

Aprendi foi de mãe

mulher de pôr reparo nas coisas

e de assuntar a vida.

A brandura de minha fala

na violência de meus ditos

ganhei de mãe

mulher prenhe de dizeres

fecundados na boca do mundo.

Foi de mãe todo o meu tesouro

veio dela todo o meu ganho

mulher sapiência, yabá,

do fogo tirava água

do pranto criava consolo.

Foi de mãe esse meio riso

dado para esconder

alegria inteira

e essa fé desconfiada,

pois, quando se anda descalço

cada dedo olha a estrada.

Foi mãe que me descegui

para os cantos milagreiros da vida
apontando-me o fogo disfarçado
em cinzas e a agulha do
tempo movendo no palheiro.
Foi mãe que me fez sentir
as flores amassadas
debaixo das pedras
os corpos vazios
rente às calçadas
e me ensinou,
insisto, foi ela
a fazer da palavra
artifício
arte e ofício
do meu canto
de minha fala
(Conceição Evaristo) ²⁸

Escrever como um encontro consigo... Escrever como um encontro, consigo!

Escrever como ato de resistência que dá título a este rolê é: 1º) Produzir a escrita de si, atenta para o fato de que a escrita de si não se escreve sem o outro, muito menos sobre o outro. É impossível produzir a cartografia do outro, ou dos lugares-coisas, sem fazer cartografia de si, sem cartografar-se. Assim, a cartografia aqui experimentada acionou a

²⁸ <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/cultura/prosaepoesia/0152.html>. Acesso em: 15-02-2020

minha memória o tempo todo, acionou as gavetas, cartas, vestígios, pediam língua aos afetos e afetavam-se com o que viam, com o que liam. A cartoGrafia poética aqui, acionou e reinventou as histórias de quem as escreveu e de quem se inscreveu na minha pele.

Não é uma cartografia poética para adormecer os da casa grande, como nos alerta Conceição Evaristo. É para acordá-los mesmo, de seus sonos injustos como nos alerta a escritora de *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. Na escrita de Conceição Evaristo, não cabem fabulações, muito menos bajulações. Sua poética é política, feita para enCantar em rodas insubmissas e para desmoronar os tijolos coloniais da Casa Grande. “Às vezes, não poucas, o choro da personagem se confundia com o meu, no ato da escrita. Por isso, quando uma leitora ou um leitor vem me dizer do engasgo que sente, ao ler determinadas passagens do livro, apenas respondo que o engasgo é nosso” (EVARISTO, 2018, p. 07).

2º) Poetizar é urgente! “A poesia pertence a uma experiência política do sensível: à relação entre os *nomoi* da cidade – as leis que nela reinam, mas também as melodias que nela são cantadas – e o *ethos* dos cidadãos – seu caráter, mas também seu humor. A poética é, de saída, política” (RANCIÈRE, 2017, p. 120).

Poetizar é urgente! O si poético é político, a escrita de si é também a experiência das relações políticas vividas ou estabelecidas. Poetizar é urgente, e dói, mas também produz alegria, cuidado, saúde, mas dói. E por isso que a escrita, por si só, já é uma ato de resistência. O Si não é não é só individual, e o só não é isolamento. Poetizar é urgente!

Líbia Moirã

Líbia Moirã, das mulheres com quem conversei, foi a mais reticente em me contar algo sobre a sua vida. Primeiro, quis saber o porquê de meu interesse em escrever histórias de mulheres e, em seguida, me sugeriu se não seria mais fácil eu inventar as minhas histórias,

do que sair pelo mundo a fora, provocando a fala das pessoas, para escrever tudo depois. Das provocações que Líbia Moirã me fez, respondi somente à última.

- Eu invento, Líbia, eu invento! Fala-me algo de você, me dê um mote, que eu invento uma história, como sendo a sua...

- Vale um sonho? Perguntou Líbia. E, então, a voz dela perdeu o tom provocativo e calmamente me relatou sonhos e desejos: [...] (EVARISTO, 2016, p. 87).

A escrita, assim como a memória poética ainda são alvos de preocupação quanto a sua aceitação/aprovação. Quantas escritas empoeiradas existem nas gavetas e nas memórias, nos armários. A expressão tão pejorativa “sair do armário”, precisa urgentemente ser positivada, poetizada, visto que politizada ela já está, ou em processo. Precisamos convocá-la a ser poesia, fora do armário. Poesia fora do armário, pois poetizar é urgente!

Frases como “eu sou poeta, mas não tenho livros publicados”, “vê se isso aqui serve?”, “você gostou da minha poesia?”, “eu nunca mostro o que eu escrevo pra ninguém”, “eu não sabia que o que eu escrevia era poesia”, dentre outras falas/pensamentos interdição. O campeonato de Menor *Slam* do Mundo, é um ato grandioso, pois ganha quem consegue, em 1 minuto falar o que aperta o peito diante da realidade nua e lua: “*em casa de menino de rua, o último a dormir apaga a lua*”. Giovani Baffô, 2010.

O que tem de mais potente no mundo do *Slamms* é o chamado a ser poeta, o direito a fala, a expressão das vozes, não por acaso é conhecido como batalha de poesia falada.

É assim que me autorizo a ser a dra. Poesia, com d minúsculo e P maiúsculo, numa provocação mesmo a *essa gente que se diz sim muito sabida*, como rima Criolo em um boteco qualquer de SP. Às vezes me visto com um jaleco empretecido, com tecido capulana e fragmentos de poemas e objetos-coisas, e por vezes pétalas de rosas nos bolsos.

Assim se deu uma das apresentações das manas do *Slam* Dandaras do Norte no Ato Político-Cultural da Associação de Docentes da Universidade Federal do Pará (ADUFPA), no estacionamento da UFPA, as margens do rio Guamá. A margem do rio nos acolheu, acolheu nossa poesia em dia de protesto contra os cortes do Governo Federal à educação superior.

Foi bonita a festa pá

Fiquei contente,

E ainda guardo renitente

Um velho cravo para mim...

No tecer desta escrita-tese, encontro também com Adolfo Pérez Esquivel, por meio de sua obra *Resistir en la Esperanza*, em uma livraria em Havana – Cuba, em maio de 2018. Aquela obra em uma estante de uma livraria, no bairro de *Habana Vieja*, conectou-me com as lutas travadas no Brasil, uma conexão de espaços e de lutas, um lugar surpreendente, que eu conhecera pela primeira vez e onde tive encontros que fizeram valer muito ter cruzado a linha do equador para uma imersão na história de um povo que resiste, para dizer o mínimo. Viver o 1º de Maio na Praça da Revolução e andarilhar pelas ruas e história da cidade, em meio ao processo de feitura de uma tese-batalha, foi um exercício de aproximação e distanciamento que produz encontros inimagináveis, e que aumenta cada vez mais o grau de potência em curso. Assim, quando me deparei com aquela obra e reconheci o homem, Prêmio Nobel da Paz, que estivera há pouco no Brasil para visitar o ex-presidente Lula da Silva, pensei: estou diante de uma obra e de um homem vivo, literalmente vivo! Um homem cuja obra transborda esperança e resistência. “La resistencia cultural es lo que permite sobrevivir y construir nuevos espacios de libertad de consciencia crítica y capacidade de construir y superar las dominaciones” (ESQUIVEL, 2003, p.107).

E nós que acreditamos em um mundo outro, um mundo de possibilidades, de possíveis, de direitos, de solidariedade e luta amorosa, estávamos tristes. Tristes, mas resistindo a esse sentimento perverso produzido pelos que, de certa maneira, sabem que a alegria é revolucionária, que um homem feliz e tomado por uma alegria alegórica pode resistir ao cinismo, às opressões, aos golpes, às trapaças, aos “espertos ao contrário”, como bem disse Estamira (2004). Quando vi aquele grande livro, de Adolfo Pérez Esquivel, *resistir en la Esperanza*, foi um alento! De fato, a vida é a arte do encontro! *E a tristeza tem sempre uma esperança, a tristeza tem sempre uma esperança, de um dia não ser mais triste...* O que pode um corpo que resiste?

FotoGrafias...

Figura 29: Mural - Universidad de La Habana (Acervo pessoal)

Figura 30: 1º de maio - Havana-Cuba (Acervo pessoal)

Figura 31: “Diretório” - *Habana Vieja* - Cuba (Acervo pessoal)

Figura 32: Convocação - *Universidad de La Habana* (Acervo pessoal)

Figura 33: Cuba Livre - Universidad de La Habana – CUBA (Acervo pessoal)

Retorno a Rancière (2017) para concordar com sua Política da Escrita, e apresentar o que ele chama de função de resistência da poesia, e aqui nesta escrita-rizoma, do corpo político poético, que lança mão de “armas” afetivas e poéticas na luta por um pouco de possível.

Nesta livre andança, o amor e o humor são um motor comum nessa engrenagem e nas minhas andarilhagens com os poetas políticos, e assim fui tecendo esta escrita-tese e inaugurando esta sobreposição poética de um modo de escrever e de estar nos mundos dos poetas da resistência, da língua sagaz, que muito me apraz, “sabotagem sem mensagem na mensagem”, como evocam os poetas do Sarau da Resistência, da Praça Roosevelt (SP).

Os sábios sabem que amar é importante e que defender a alegria é uma trincheira, como nos alerta Mário Beneditti (19--), no seu poema manifesto em “Defesa da Alegria”.

Tomei de assalto o seu manifesto para produzir dobras, delírios e acionar as forças ativas e altivas.

E não amam qualquer coisa não, nem de qualquer jeito
 Amam à navalha, amam a navalha
 Amam a altivez
 Amam a lucidez do delírio
 Seu amor não cala
 Abala a bala, se produz no estopim, nos encontros
 E em cada encontro, um conto, um ponto
 Se rasgam e se refazem em suas linhas desterritorializadas e
 desterritorializantes
 Os sábios, são sabias que cantam.
 São bios
 São vidas ativas, cativas e altivas
 Que amam e protestam!

Em meio a esta escrita levante, fui tomada por uma onda de alegria e também de afetos tristes frentes aos acontecimentos do presente, e tive que travar uma verdadeira batalha. Me senti numa competição de *Slam*, com tempo pré-determinado, não de três minutos, mas tempo, tempo, tempo que não parava de passar. Assim, recuei, acolhi a tristeza, fiz um pacto com ela, mas sempre na espreita, em seu encalço. Foi quando me agarrei, tomei de assalto a defesa radical que Spinoza, pelas lentes de Deleuze (2009), faz da alegria, afinal é necessário saber produzir os encontros que potencializem as paixões alegres, visto que, para Spinoza, a tristeza não nos torna inteligentes. “Na tristeza estamos arruinados. É por isso que os poderes têm necessidade de que os sujeitos sejam tristes.” (DELEUZE, 2009, p. 53).

Esse era o trampolim de que precisava para retornar ao estado de alegria, “os afetos de alegria são como trampolim, eles nos fazem passar através de alguma coisa que nós nunca

passaríamos se somente houvesse tristeza.” (DELEUZE, 2009, p. 54). E nessa escrita levante, seguimos fazendo uma defesa radical da alegria, da alegoria, nos entrincheirando ao invés de nos entristecer, entorpecer, bem ao modo “beneditino” de ser, e estar em acontecimento, em estado de alegria, e de sentinela, fazendo a sua defesa.

Defensa de la alegría

*Defender la alegría como una trinchera
defenderla del escándalo y la rutina
de la miseria y los miserables
de las ausencias transitorias
y las definitivas
defender la alegría como un principio
defenderla del pasmo y las pesadillas
de los neutrales y de los neutrones
de las dulces infamias
y los graves diagnósticos*

*defender la alegría como una bandera
defenderla del rayo y la melancolía
de los ingenuos y de los canallas
de la retórica los parques cardíacos
y de las endemias y las academias*

*defender la alegría como un destino
defenderla del fuego y de los bomberos
de los suicidas y los homicidas
de las vacaciones y del agobio
de la obligación de estar alegres*

*defender la alegría como una certeza
defenderla del óxido y la roña
de la famosa pátina del tiempo
del relente y del oportunismo
de los proxenetas de la risa*

*defender la alegría como un derecho
defenderla de dios y del invierno
de las mayúsculas y de la muerte
de los apellidos y las lástimas
del azar*

y también de la alegría.

(Mário Benedetti, 19--)

Você resiste a que? Fazendo uma analogia aos versos da canção Comida, dos Titãs, lanço aqui a pergunta: você resiste a que? Em substituição a pergunta originalmente lançada, qual seja, o que é resistência? Neste percurso já deu para sentir que resistência não é, que resistência resiste, é da ordem do acontecimento, da desobediência, da decência, da alegria como trincheira, é comida que o Artista da Fome, do conto de Kafka (2011), se recusara a comer por quase 40 dias, resistindo às ofertas de alimentos que nunca lhe agradavam, numa espécie de recusa a uma vida besta.

No livro dedicado a Kafka, Para uma Literatura Menor, Deleuze; Guattari (2003), afirmam que uma das características da literatura menor é que tudo nela é político. As questões individuais ficam em segundo plano, o que não ocorre nas “grandes” literaturas, em que, segundo os autores

[...] a *questão individual* (familiar, conjugal, etc.) tende a juntar-se a outras questões igualmente individuais, em que o meio social serve de ambiente e de fundo, de tal maneira que nenhuma das questões edipianas é indispensável em particular, nem absolutamente necessária, mas todas elas fazem ‘bloco’ num vasto espaço. A literatura menor é completamente diferente: o seu espaço, exíguo, faz com que todas as questões individuais estejam imediatamente ligadas à política. A questão individual, ampliada ao microscópio, tornar-se muito mais necessária, indispensável, porque uma outra história se agita no seu interior. É neste sentido que o triângulo familiar se conecta com outros triângulos, comerciais, econômicos, burocrático, jurídicos, que lhes determinam os valores. (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 39).

Uma outra característica apontada pelos autores, que vale enfatizar nesta articulação entre literatura menor, política e escrita resistência, é que na literatura menor, tudo é da ordem do coletivo. “A máquina literária reveza uma máquina revolucionária por vir, não por razões ideológicas, mas porque esta está determinada a preencher as condições de uma enunciação coletiva que falta algures nesse meio: *a literatura é assunto do povo*” (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 40). Assim, a pergunta disparada pelos autores, “O que é uma literatura menor?”, é uma boa provocação e nos convoca a uma batalha por uma *vida menor*.

Como os conceitos não estão separados da vida, essa experimentação cartográfica operou por um devir esquizo, sem compromisso com o dentro ou com o interior, no sentido de querer entender e interpretar o que viu, sentiu, viveu e sente. Buscou se distanciar das máquinas de capturas e se aproximou das máquinas de produção de vida poética. O que se acoplou em nossos corpos nesse passeio, nesse “rolê”, por uma vida poética, foram as vozes-levantes e que nos levaram a acreditar que o delírio poético tem tudo a ver com a vida ética e que “o lirismo moderno deveria então ser pensado, antes de mais nada, não como uma experiência de si ou uma descoberta da natureza ou da sensibilidade, mas como uma nova experiência política do sensível ou experiência sensível do político.” (RANCIÈRE, 2017, p. 121).

Telírica

Ela se preparou para si como quem espera um amante

Pôs o vinho na taça, perfumou a casa, o corpo e virou o copo.

Virou a página! Virou grafia!

Agora ela só anda na companhia dos rabiscos e das memórias

Ela anda estranha, anda se encontrando consigo...

E quando vê uma estral, logo diz: não somos mais solitárias, somos cadentes!

Não somos mais carentes, somos diferentes!

Somos amantes de nós mesmas.

Bebemos nossas incertezas e saudamos nossas fortalezas.

Vivemos nossas safadezas!

Um brinde ao delírio!

Um brinde ao lirismo!²⁹

²⁹ Poesia selecionada para compor a Antologia Poética Poesia Brasil 2019. Concurso Nacional Novos Poetas.

Assim apresento este rolê e estas andanças rizomáticas, com abertura para novas cartoGrafias, com uma canção de Chico Buarque, que nos remete aos territórios existências por onde me enfiei, bisbilhotei. Fazendo aqui uma menção ao modo de e o que me transmitia, só consigo nomear isso agora, um misto de alegria e agonia, eu estava sempre *À flor da pele*, e ainda estou! E esse “estado de poesia”, como canta outro Chico, o César, se instalou feito posseiro em mim, e se fez resistência! *O que será, que será?*

Escrita-rizoma que demorou a sair do papel, talvez porque não se presta a nenhum papel, ou porque não se reconheça somente como um capítulo de uma tese, mas sim como um manifesto à liberdade, ou um capítulo-manifesto, e até mesmo um porta estandarte anunciando um por vir libertário, que não tem pressa, e que sonha com os olhos abertos, que se conecta com o presente e provoca fissuras...

Rasgar a carne é minha especialidade
 O sangue que jorra, alimenta o solo para florescer as plantas,
 e produzir néctar aos beijas flores
 que iram alimentar os louva a deus
 onde irão pousar as mariposas em sua fase larval
 Rasgar tudo aquilo que não respeite formosura, como diz Estamira, me apraz!

EscreVer... III

Ah, a escrita...

A escrita é minha, para sempre, amante!

Já os livros.... Ah, esses foram os meus primeiros amantes, e para sempre.

Muitos e diVersos...

Robustos, magros, pequenos, lisos, porosos, gostosos, cheirosos, amassados, novos, velhos, muito velho, rôto

Ela, a escrita, me preenche, mas as vezes me falta...

E isso, eu confesso, é angustiante, mesmo sabendo que ela virá

Virá! *Apaixonadamente como Peri...*

Eles, os livros, *são objetos transcendentais, mas podemos amá-los de amor tátil*,
sob o auspício do leãozinho Caetano.

Na minha orgia literária, não faltam palavras, perguntas, fantasias, sincronia,
nostalgia, poesia...

Assim, me armo de amor e me desarmo do dissabor, do torpor e da falta de cor

Do corpo que dança é que surgem as minhas literanças!

Assim, nesse mergulho, encontrei-me com a escrita poética, com a poesia. Poesia
que rima com alegria, com democracia, com artilharia. Não sei mais escrever sem rimar,
viver sem me manifestar, sem cortar as palavras.

Ah, as batalhas da vida... Poetizar é urgente!

A memória é uma ferramenta de luta contra as máscaras da interdição da fala.

Considerações poéticas...

Nem todo papel eu vendia. Guardava um tanto pra ter onde escrever. Foram neles que nasceu Quarto de despejos. Carolina Maria de Jesus³⁰

Poetizar é urgente!

Pensei que considerações fazer desse caminhar, tatear, pesquisar, cartografar. A princípio visualizei um varal de poesias, fotografias, cartas-grafias, frases, lambe-lambe, gritos de guerra, conversações... Uma espécie de mural de poesias, um Sarau, um *gran slam final*, mas alguns pensamentos, reflexões e afetos me atravessaram. O Primeiro foi a energia ancestral de Zélia Amador de Deus, foi a existência real de Zélia...

Zélia não sabe, mas suas teias douradas me capturaram, me acolheram nos momentos de finalização desta tese-batalha. Ela chegou para coroar com sua coroa nagô a solidão que me povoou e me apavorou nesse rito de quebra das correntes em direção ao inimaginável título de doutora acadêmica. Dos pés calejados à alforria de um ciclo rompido, de quebra de correntes, de teimosia e poesia. É obvio que ela já existia por essa bandas do Norte e por além mar, mas o processo de tornar-me uma mulher negra, que é processo, passagem, sofrimento, encontro, encanto-memória, e que têm as Dandaras do Norte como um marcador, se intensificou com a presença de Zélia, em particular com o que ela tece em seu livro já citado nesta pesquisa. Uma ferramenta importantíssima para se conhecer “a luta das herdeiras e dos herdeiros de Ananse”, na diáspora, para se conhecer os atos de resistência da população negra, atravessados por um importante mito, o mito de Anance, a aranha deusa, carregado de sentido e simbolismo sobre a história dos “sem histórias”.

³⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=mLkJy86VU84>. Acesso: 20/02/2020

Dentre as reflexões e construções tão necessárias e certeiras da obra **Anance tecendo redes na diáspora: uma narrativa de resistência e luta das herdeiras e herdeiros de Anance**, está o processo de branqueamento, que vai muito além do “ser branco”. A sutil arte de embranquecer a existência negra para apagar a sua história é uma das formas de exercício do racismo, subjetivo, sutil, mas não menos violento do que o racismo declarado, estampado nas práticas de discriminação direta, do racismo estrutural.

As poesias faladas nas batalhas de *Slam* e declamadas nos Saraus, anunciavam e denunciavam o tempo todo essa página infeliz da nossa história, parafraseando o poeta. Essa que é uma das passagens mais racistas da nossa história, e que esteve e está a serviço do apagamento das vidas negras, das vidas que eu encontrei e me encontrei no processo de construção desta tese-batalha, e não fosse eu me permitir o acesso a minha própria memória, talvez não tivesse percebido, com tanta precisão a sutileza desse processo e me conectado com as vidas que estão presentes nessa travessia rumo a condição de doutora, nessa travessia existencial e ancestral.

Travessia em bando e por vezes sozinha, mas sempre travessia. Estudo que me possibilita e me habilita a afirmar que: a existência das vidas negras já se constitui como um ato de resistência. Colonizadores, parem as navegações! Já sabemos os rumos que queremos tomar! São estes corpos, que são os protagonistas deste estudo, e que estavam e estão por todos os cantos, e que falam das mais diversas formas, falam com o corpo, com os cabelos in(disciplinados), que falam sem máscaras e sem mascarar a realidade vivida, sem mais se batizar nas águas límpidas que lhes tiravam a memória ancestral. Eu presenciei muitos batismos poéticos nos espaços de produção de poesia falada, presenciei muitos processos de negritamento, incluindo o meu.

Falar de atos de resistência no Brasil é falar, olhar, considerar e pautar os corpos políticos poéticos da população negra, periferizada, das mulheres que não aceitam mais

serem apenas musas, serem objetificadas. Há de se atentar para as herdeiras e herdeiros de Zélia, que nos orienta a praticarmos o “pensamento divergente” (AMADOR DE DEUS, 2020). Assim é que a “aparição” de Zélia ativou as minhas memórias de mulher afro-indígena. Quando ela se faz presente, é como se eu ouvisse a voz de “Dona Canô”, mãe de Caetano Veloso: - Ana, vem ver a preta que você gosta!

Ninguém se sente só depois de se conectar com a existência de Zélia, ela é barro (é de Nanã), sol, chuva, mata, mulher-irmã, mana velha, mana Zélia. Ela é verdade, existência divina. Deus mulher amazônida, a nossa deusa de Deus, nossa negona de tirar o chapéu, que me ganhou na manha, da aranha, Deusa Anance... E eu cair na sua rede, nas suas teias douradas. Graças a deus! Graças à Zélia Amador de Deus!³¹

O segundo pensamento que me atravessou, foi o Artigo V da Constituição Federal de 1988.

³¹ Há aqui nesse paragrafo um jogo de palavras que evoca Elza Soares (Deus é mulher) e Alcione (Ébano).

Por que o artigo V? Como cheguei até ele?

Por meio da poesia, por meia da liberdade de expressão, por meio da palavra dos poetas do artigo V: *minha palavra não quer censura, pois toda poesia cura, toda poesia cura...*, cantam os poetas do Movimento Artigo Quinto, um grupo de poetas, jornalistas, intelectuais e arte educadores, que surgiu na capital paulista em 2019, com o objetivo de mobilizar o debate e as ações artísticas em favor da liberdade de expressão e contra todo tipo de censura. As expressões artísticas gritam e cantam a liberdade. Trazem à cena a Lei, o quinto artigo, o manifesto em favor do direito à fala, as vidas, a música, o samba. O “Samba do Artigo Quinto”.

“Os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido”, anuncia JESUS (1960). Jesus, é mulher! É Carolina Maria de Jesus!

Todos nós somos iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: [...] IX. É livre a expressão da atividade intelectual, artística, política, científica e de comunicação, independente de censura ou licença. [...] LIV. Ninguém será privado de liberdade ou de seus bens sem devido processo legal. (Constituição Federal, Artigo V, inciso IX, 1988).

Sei que os poetas militantes poderiam cantar a liberdade sem recorrer a lei, ou a uma lei que mesmo sendo a nossa carta magna, nos deixa desamparados em alguns momentos, enquanto cidadãos de direitos, que por vezes zomba de nós, ou quem as opera o faz, mas ainda assim, como dia o poeta, essa Quizomba é nossa constituição. Essa que zomba é nossa constituição. E é bom ouvir a cantata do artigo quinto nas vozes dos poetas

Assim, nessa descoberta dos poetas do artigo quinto, encontro outra lei, a “lei de ouro”, a Lei Áurea. Uma lei elaborada pelo Império, por isso batizada com esse nome. Seria

uma lei que comunica o processo de embranquecimento no Brasil? Essa busca e essas inquietações me fizeram chegar até Oliveira Ferreira da Silveira, referenciado por Amador de Deus (2019). Poeta, intelectual negro, professor de literatura e ativista do movimento negro, conhecido como “o poeta da consciência negra”, por ser um dos primeiros idealizadores do 20 de novembro como data que melhor representa a luta do povo negro, em resposta ao 13 de maio, quando foi assinado a Lei Áurea pela princesa. Vinte de novembro marca a data de morte de Zumbi dos Palmares, em 1695. *Quem zombou de Zumbi nosso rei?*

Tempos e tempos atrás, quando os negros ganharam aquelas terras, pensaram que estivessem ganhando a verdadeira alforria. Engano. Em muito pouca coisa a situação de antes diferia da do momento. As terras tinham sido oferta dos antigos donos que alegavam ser presente de libertação. E, como tal, podiam ficar por ali, levantar moradias e plantar seus sustentos. Uma condição havia, entretanto, a de que continuassem todos a trabalhar nas terras do Coronel Vicêncio. O coração de muito regozijava, iam ser livres, ter moradias fora da fazenda, ter as suas terras e os seus plantios. Para alguns, coronel Vicêncio parecia um pai, um senhor Deus. O tempo passava e ali estavam os antigos escravos, agora libertos pela “Lei Áurea”, os seus filhos nascidos do “Ventre Livre” e os seus netos que nunca seriam escravos. Sonhando todos sob os efeitos de uma liberdade assinada por uma princesa, fada madrinha, que do antigo chicote fez uma varinha de condão. Todos, ainda, sob o jugo de um poder que, como Deus, se fazia eterno. (EVARISTO, 2017, p. 42).

Carolina Maria de Jesus, em seu *Quarto de Despejo*, fala do quão duro é a vida de quem é considerado o lixo da cidade, de quem é colocado para as margens por ser considerado inferior, por ser produzido como menor. “O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebi pinga, o branco bebe. A enfermidade atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém” (JESUS, 1960).

Carolina era daquelas escritoras que incomodava de tanto que se afirmava através da escrita, da capacidade de articular o pensamento-posicionamento por meio da escrita, e de uma escrita indisciplinada, teimosa, rústica, tal qual seus cabelos, que ela os via como rústicos e indisciplinados, o que para ela era motivo de orgulho. Seus escritos eram navalhas, refúgios, companhia, travessias. A travessia do centro da cidade para a periferia e a realidade

vivida na periferia, eram transformadas em grafias, em manifesto por uma vida poética. Por uma vida de quem viveu na miséria e na diária teimosia em não sei deixar despejar!

05 de julho..., Mas eu já observei os nossos políticos. Para observá-los fui a Assembleia. A sucursal do Purgatório, porque a matriz e a Sede Social, no palácio do Governo. Foi lá que vi ranger de dentes. Vi os pobres sair chorando. E as lágrimas dos pobres comove os poetas. Não comove os poetas de salão, Mas os poetas do lixo, os idealistas das favelas, um expectador que assiste e observa as tragédias que os políticos representam em relação ao povo. (JESUS, 1960, p. 47).

- O terceiro pensamento que ocupou meus momentos de finalização desta tese-batalha, foi o de conceber a poesia como ferramenta de luta e exercício diário de cidadania. Esta reflexão fez uma verdadeira ocupação neste percurso cartográfico final. Uma reflexão teimosa, que anunciava um por vir frente as paixões tristes, ao racismo estrutural, as incertezas, aos micro fascismos, as práticas fóbicas de todas as ordens, ao feminicídio, as ditaduras, a censura, a vida rebaixada.

Os versos, as falas, as rimas, e batalhas, que foram disparadas nos coletivos políticos-poéticos que compõem esta batalha poética, esta tese-batalha, anunciavam e denunciavam por meio da palavra poética, sobretudo, as práticas de silenciamento e apagamento, seja epistêmico ou real dos corpos designados como menos humanos, ou até mesmo inumanos, os encontros e desencontros, a importância da arte de escrever e falar em nome próprio, e de falar dos aprisionamentos cotidianos e estruturais. Eram momentos de partilha poética e de afirmação de si. Assim:

Se o mundo andar pra trás

Vou escrever num cartaz

A palavra REBELDIA

Se a gente desanimar

Eu vou colher no pomar

A palavra TEIMOSIA

(Jonathan Silva)

É disso que a poeta Liz nos fala com sua luz de lamparina. *Enquanto o curto pavio da lamparina queimava, a luz de fora ia se esvaindo, a minha mente absorvia as histórias e eu engolia todas as palavras daquele livro sem imaginar que um dia seria dessa mesma luz que os meus ainda iriam usar pra se salvar.*

É disso que a poeta Roberta Estrela D'Alva fala quando afirma que: “a poesia sempre foi o antídoto para o veneno da opressão” (ESTRELA D'ALVA, 2020).

É isso que o “Samba do Artigo Quinto”³², manifesta, põe em cena! É isso que este artigo dispõe! Diz e põe...

Minha palavra não quer censura, pois toda poesia cura

Toda poesia cura

Fui dormir cantando prosa acordei sem minha língua

Não se cala o que é certo

Não se esconde o que é belo

Se eu não falo a tua voz, por que tu calas a minha?

Como diz o artigo quinto da nossa Constituição

Toda fala é permitida

³² <https://www.jcnet.com.br/noticias/cultura/2020/02/714609-movimento-marcha-em-defesa-da-liberdade-de-expressao.html>. Acesso em: 15-03-2020

Toda forma de expressão

Se eu não calo a tua voz por que tu calas a minha?

Minha palavra não quer censura, pois todo a poesia cura

Toda poesia cura

(Newton Moreno & Fernanda Maia, 2019)

Das memórias...

A memória do abraço coletivo dos Poetas Ambulantes na Av. Matarazzo em SP, me alimenta até hoje. Aquele abraço foi um respiro em meio à frenética São Paulo e seus paradoxos, seus Quartos de Despejo e seus Artigos Quintos. Me sentir num vilarejo com aquela comunidade de poetas, naquele espaço-tempo imanente, em que a poesia uniu nos por algumas horas: "a literatura é que produz uma solidariedade activa apesar do cepticismo; e se o escritor está à margem ou a distância de sua frágil comunidade, a situação colocá-lo mais à medida de exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar os meios de uma outra consciência e de uma outras sensibilidade (DELEUZE, 2002, p. 40). A poesia é política, e é assunto do povo!

Das três características presentes na *literatura menor*, apontada por Deleuze (2002), e já mencionado neste estudo, quando aborda o valor coletivo desta, retomo aqui uma passagem que faz muito sentido com o vivido e com o produzido nesse caminhar, quando este afirma que: "a máquina literária reveza uma máquina revolucionária por vir" (DELEUZE, 2002, p. 40).

Os espaços tanto do centro quanto os espaços periféricos, onde estavam ou se encontravam o povo da poesia, as manas, as minas, as monas e as mostras, são lugares-espacos de ritos, de travessias, de encantarias e de teimosia. "A literatura é mais assunto do

povo do que da história literária" - Deleuze (2002) traz à cena essa passagem do *Jornal Diário* de 1911, em uma nota de pé de página na obra dedicada a Kafka, *Para uma Literatura Menor*.

Não havia ali, no templo da palavra, dos corpos políticos-poéticos, nenhuma responsabilidade com qualquer forma acadêmica-literária. Existia apenas um chamado a falar, um chamado poetizar, a teimar. No templo da palavra, a poesia é a expressão real da teimosia. É devir minoritário. É existência real! É um chamado a descolonizar o pensamento, o conhecimento, a vida! É um chamado à vida!

O negro segura a cabeça com a mão e chora, e chora, sentindo a falta do Rei...

Por fim, das inquietações que continuam e que atravessam este último rolê, no fechar das cortinas, na final do *Gran Sarau* que foi esta tese-batalha, que formalmente iniciou em 2016 até o presente ano, foi: embora este estudo não tenha adentrado diretamente na questão do racismo, este esteve atravessado o tempo todo pela questão racial. Não, este não era o meu “problema” de pesquisa inicial, mas se mostrou ao longo do processo como uma questão transversal e mesmo crucial, e se intensificou no momento dos recolhimentos finais do qual experimentei na produção desta pesquisa. No momento em que me recolhi para fazer as considerações poéticas finais, no retrospecto da caminhada, das reflexões do caminho, com quem caminhei, me encontrei e produzir alianças.

É esta população, negra, que faz há muito tempo, resistência frente ao processo de embranquecimento, ou hegemonia da “branquidade”, ao “mito da democracia racial” e ao processo de mestiçagem, tríade, que Amador de Deus (2019), aponta como inevitável quando o assunto é racismo.

Miscigena-se, portanto, para “embranquecer”. Jamais para “empretecer”. Com esses princípios, com essas crenças, convive a sociedade brasileira até hoje. Portanto, a ideologia da mestiçagem, o “mito da democracia racial” e a certeza tácita e silenciosa da superioridade branca estão presentes em nosso cotidiano e fazem parte das relações raciais no Brasil, o que me leva a refletir um pouco mais sobre o branqueamento. (AMADOR DE DEUS, 2019, p. 89).

As aspas no problema de pesquisa, é porque o racismo não é um problema do negro, é sim da brincadeira, e sabemos que é estrutural.

Por fim, isto não é uma tese! Não é só uma tese, é uma tese-batalha, uma tese-navalha, um manifesto ao corpo *que mesmo parado dança*, ao corpo negro, ao corpo que fala, ao corpo rebelado e que se afirmam por meio da poesia em todas as suas dimensões, ao corpo preto das mulheres insubordinadas que mesmo não sendo “ajeitadinhas” aos olhos do sistema racista, não baixam a cabeça, falam, escrevem e o que é mais temido pelo sistema, que publicam, como nos alerta Conceição Evaristo. Aos corpos que se lançam como arma político poéticas, mesmo que estejam aprisionados pelo racismo de estado e das práticas cotidianas de racismo, as privações, sobretudo, econômicas, que tem uma cor, e que essa cor é negra.

É uma tese-batalha em defesa da alegria e da rebeldia, que inventa uma gaia vida, uma gaia tese, que afirma a existência por meio de atos e encontros-resistência e anuncia outros encontros, outras batalhas, em outros cantos, de outros cantos.

Assim é que as manas de cá e as mina de lá, falam! E falam numa boa!

Posso afirmar, a partir do vivido, pesquisado e do encontro com os corpos políticos poéticos, que são os corpos negros, empobrecidos, e periferizados que protagonizam os atos de resistência no Brasil, e que quando não são negros na cor, são negros no combate ao racismo, são anti racistas. E que se tiver alguma reformulação na carta magna que seja para

incluir a poesia e o ato de falar, declamar, recitar, batalhar, poesia em todos os cantos como direito inalienável. Que o poetizar possa ser um bem público.

Agora sim, vamos ao banquete poético e as imagens-memórias reColhidas!

Mural Poético

Figura 34: O carteiro, o poeta e o isolamento...

Imagem tirada da internet

Figura 35: A partilha...

Foto: Renata Armelin

Figura 36: Oração do Poeta. Há braços...

Foto: Renata Armelin

Figura 37: Poeta – Sérgio Vaz

Print do vídeo “Democratizar a palavra”

Figura 38: “Poética”

Print do vídeo “Democratizar a palavra”

slam_br 📱 LIZ NO SLAM BR 2019 📱
Representante do Pará

"Nascida e criada em Benevides, uma pequena cidade do estado do Pará, desde cedo aprendi que as palavras podem ajudar a mudar uma realidade. Como estudante do curso de Letras na UFPA minha vontade é ver a nossa cultura e a nossa voz ecoar mundo afora e mostrar que no Pará existem pessoas lutando para que o Slam seja reconhecido no nosso meio como um instrumento de ensino, comunicação, empoderamento e transformação social."

#slambr #slambr2019 #poesia
#literatura

Figura 39: Poeta Liz

Instagram: @slam_br

Figura 40: Poetizar é urgente!

Imagem tirada da internet

Figura 41: Poeta BorBlue - Vozes da Amazônia

Instagram: @slam_br

Figura 42: Círculo das manas - Escuta político-poética
(Acervo pessoal)

Figura 42.1: Círculo das manas - Escuta político-poética
(Acervo pessoal)

Figura 43: O Pacto

Instagram: @saudementalpopnegra

operarioacrata • Seguir

Figura 44: O Pacto de não morrer

Instagram: @operarioacrata

Figura 45: Escuta político-poética e o pacto de não morrer...

(Acervo pessoal)

Uma vez poetas ambulantes e nada será como antes!

A literatura é uma saúde!

A literatura é mais assunto do povo do que da academia!

É tudo nosso!

Sabotagem, sem massagem na mensagem!

Guerreiras rainha mulheres de resistência

Dandaras do Norte só Slam de consciência!

Eu sou negra do sangue revoltoso!

Meu rolê é político-poético!³³

Falando de Ponciá Vicêncio...

Por ocasião de uma palestra, iniciei minha fala afirmando que gostava de meus parentes; de alguns eu gostava mais, de outros, menos. Nos primeiros instantes, a audiência se surpreendeu, percebi movimentos tradutores de incômodo que minhas primeiras palavras causaram. A palestrante iria falar sobre questões familiares? Não! Eu estava me referindo a outro tipo de parentesco. Falava das personagens criadas por mim. Minhas crias, portanto, parentes e de primeiro grau. Em meu enlevo por parentes, há uma parentada da qual eu gosto particularmente. Essa é a Ponciá Vicêncio. Entretanto, nem sempre gostei dela. Não foi amor à primeira vista. Aprendi a gostar da moça, de tanto amor que ela provocava nas pessoas. E, quando me chegavam falando de Ponciá Vicêncio, eu parava para escutar e achava sempre um motivo para gostar dela também. Resolvi então ler a história da moça. Ler o que eu havia escrito. Veio-me à lembrança o doloroso processo de criação que enfrentei para contar a história de Ponciá. Às vezes, não poucas, o choro da personagem se confundia com o meu, no ato da escrita. Por isso, quando uma leitora ou um leitor vem me dizer do engasgo que sente, ao ler determinadas passagens do livro, apenas respondo que o engasgo é nosso. (EVARISTO, 2017, p.7).

³³ Livro engravidado (ainda artesanal), no processo de produção desta tese-batalha.

Mulher Amazônida

Essa mulher...

Que mulher é essa?

Essa mulher tão louca

Enlouquecendo mesmo sem abrir a boca.

Capaz de derrubar um exército a sua volta

Que mulher poderosa!

Símbolo de luta

Filha, neta e a encarnação da própria bruxa

Mulher Nortista detentora da sabedoria

Das ervas da energia

Tradutora da linguagem das matas

Mulher que combate e não mata

Ecoa sua voz por onde passa

Espalha sua luz e encanta feito Iara

Mulher de pulso firme determinada

Amazônia em ti respira a beleza espelhada.

Shaira Mana Josy, 2018.

É tudo nosso!

Até o engasgo!

Poetizar é urgente!

Isto não é uma tese, isto é uma batalha!

Quem quiser que trave outra!

Referências bibliográficas

- AKOTIRENE, C. *Interseccionalidade*. São Paulo. Coleção: Feminismos Plurais (Org.) Djamila Ribeiro, 2019.
- ALMEIDA, S. *Racismo Estrutural*. São Paulo. Coleção: Feminismos Plurais (Org.) Djamila Ribeiro, 2019.
- AMADOR DE DEUS, Z. Anance tecendo teias na diáspora: uma narrativa de resistência e luta das herdeiras e dos herdeiros de Anance. Belém. SECULT, 2019.
- ARANTES, Guilherme. (1998). *Maioridade*. São Paulo: PolyGram.
- ARRAES, J. *Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis*. São Paulo: Pólen, 2017.
- BAIROS, L. *Lembrando Lélia Gonzalez (1935-1994)*. Rev. Afro-Ásia Centro de Estudos Afro-Orientais., UFBA.
- BAFFÔ, G. *Delitos e Deleites*. São Paulo. Edições Maloqueristas, 2010.
- Benedetti, Mário. (19--). *Antología Poética*. Buenos Aires. Ed: Sudamericanas.
- BORBLUE. *LGBTQIA+*. São Paulo: Autonomia Literária. Coleção SLAM, 2019.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- JESUS, C. M (1914 – 1977). Heróis de todo Mundo. VIDEOTECA. <https://www.youtube.com/watch?v=mLkJy86VU84>.
- JESUS, C. M. *Quarto de Despejo*. São Paulo: Edição Popular, 1960.
- CARNEIRO, B. S. VERVE: Revista Semestral do NU-SOL – Núcleo de Sociabilidade Libertária/Programa de Estudos Pós-Graduação em Ciências sociais. PUC-SP, São Paulo: Ed. Nu-Sol, 2017.
- CÉSAR, C. (2015). *Estado de Poesia*. São Paulo: Natura Musical, (CD).
- DAVIS, A. *A liberdade é uma luta constante*. São Paulo: Boitempo, 2018.
- DELEUZE, G. *Conversações, 1972-1990*. [Trad. P. Pálpelbart]. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- _____. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- _____. *Curso sobre Spinoza*. (2ª Ed). Fortaleza: Ed UECE, 2009.

_____. *Espinosa e o Problema da Expressão*. [Trad. GT Deleuze – 12]. São Paulo: Ed. 34, 2017.

DELEUZE, G.; GATTARI, F. *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. [Trad. Péter PálPelbart e Janice Caiafa]. Vol. 5. São Paulo: Editora 34, 1997. (Coleção TRANS).

_____. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. [Trad. Suely Rolnik]. Vol. 4. São Paulo: Editora 34, 1997. (Coleção TRANS).

_____. *Mil Platôs 1*. [Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa]. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS).

_____. *Mil Platôs 2*. [Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão]. Vol. 2. São Paulo: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS).

_____. *O Anti-Édipo*. [Trad. Luiz B. L. Orlandi]. São Paulo: Editora 34, 2011.

_____. *Mil Platôs 3. Capitalismo e Esquizofrenia*. [Trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão, Suely Rolnik]. Vol. 3: Editora 34, 2012.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. (2003). *Kafka: Para Uma Literatura Menor*. Lisboa: ASSÍRIO E ALVIM.

GUATTARI, F. (1985). *Revolução Molecular: Pulsões Políticas do Desejo*. São Paulo: Ed: Brasiliense.

EVARISTO, C. *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. Rio de Janeiro: Malê, 2016 (2 ed.).

_____. *Olhos D'água*. Rio de Janeiro: Pallas: fundação biblioteca Nacional, 2016.

_____. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas: fundação biblioteca Nacional, 2017.

ESQUIVEL, A. P. (2013). *Resistir em la Esperanza*. La Habana. Ciencias Sociales.

FERREIRA, E. R. *As Mulheres na Cabanagem: Presença Feminina no Pará Insurreto*. ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003.

FOUCAULT, M. *Segurança, Território e População*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2008.

_____. *O Nascimento da Biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GOMES, M. P. C; MERHY, E. E. (Orgs.). *Pesquisadores IN-MUNDO: um estudo da produção do acesso e barreira em saúde mental*. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014. (Coleção Micropolítica do Trabalho e o Cuidado em Saúde).

KILOMBA, G. *Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano*. [Trad. Jess Oliveira]. Rio de Janeiro: Coboró, 2019.

KAFKA, F. (2008). *Carta ao Pai*. Porto Alegre: L&PM Pocket.

_____. (2011). *Um Artista da Fome*. Porto Alegre: L&PM Pocket.

LUZ, A. L. E; MIRANDA, J. D; SILVA, A.H. S. *Afeto e (Des)Humanização: a literatura negra lésbica como instrumento de luta*. In: Revista Gênero na Amazônia. Nº 15 JAN/JUL. Belém, 2019.

LEONE, C. (2017). *Primeiro episódio – Os primeiros passos*. Acessado em: 18 de dezembro de 2017, de: <<https://www.facebook.com/PoetasAmbulantes/videos/1%C2%BA-epis%C3%B3dio-os-primeiros-passos/895624960596726>>

MACHADO, R. Deleuze, a arte e a filosofia. Rio de Janeiro: Ed. ZAHAR, 2010.

MENDES, V. M. et al. Ocupações poéticas¹ de si e do outro: cartografando encontros entre arte, cultura e produção da vida. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 19, n. 45, p. 351-369, ago. 2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2019000200015&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 02 abril. 2020.

MOREIRA, A. *Racismo Recreativo*. São Paulo. Coleção: Feminismos Plurais (Org.) Djamila Ribeiro, 2019.

ROLNIK, S. *Novas figuras do caos, mutações da subjetividade contemporânea*. Texto apresentado em mesa redonda no III Congresso Internacional Latino-Americano de Semiótica. PUC- SP, São Paulo, 04/09/96.

_____. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SCHÖPKE, R. *Por uma filosofia da diferencia. Gilles Deleuze, o pensador nômade*. Rio de Janeiro: Contraponto; Eduspe. 2004.

NIETZSCHE, F.W. *A gaia ciência*. [Trad. Paulo César de Souza]. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *Crepúsculo dos Ídolos ou como se filosofa com o martelo*. [Trad. Renato Zwick]. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2012.

_____. *Vontade de Potência II*. São Paulo: Escala, 1998.

PRADO, M. (2004). *Estamira. “Tudo que é imaginário tem, existe, é”*. Rio de Janeiro, Zazen Produções. (DVD).

Razão Inadequada. <https://razaoinadequada.com/2013/08/25/espinoza-o-que-pode-o-corpo/>. Acesso em: 23/05/2019.

RANCIÈRE, J. (2005). *A partilha do Sensível: estética e política*. São Paulo. EXO Experimental. (Org.), Ed 34.

_____. (2017). *Políticas da Escrita*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora 34.

SILVA. A. L.S; FEUERWERKER. L.C.M. Escrever como um ato de resistência: uma escrita rizoma. In: *Revista Psicologia Política: Ocupações, Protestos e as Dinâmicas Políticas Atuais*. Vol. 19 Nº 45. (maio-ago). 2019.

SILVEIRA, N. (1995). *Cartas a Spinoza*. Rio de Janeiro: Ed: Francisco Alves.

Slam Dandaras do Norte. (2018). *Grande Final Slam Dandaras do Norte*. Acessado em: 05 de novembro de 2018, de: https://www.instagram.com/p/BprwG_6DNJ3/.

Slam Dandaras do Norte. (2017). Acessado em : 05 de novembro de 2018, de : <https://www.facebook.com/slamdandarasdonorte/>.